

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO

COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA – CEPA/SC

**SÍNTESE INFORMATIVA
DA
AGRICULTURA CATARINENSE
1980/81**

SÍNTESE INFORMATIVA

DA

AGRICULTURA CATARINENSE

1980/81

Ministro da Agricultura

ÂNGELO AMAURY STABILE

Governador do Estado de Santa Catarina

JORGE KONDER BORNHAUSEN

Secretário da Agricultura e do Abastecimento do Estado de Santa Catarina

HÉLIO ANTONIO ANDREAZZA

COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA

Coordenador Geral

WALTER ANTONIO CASAGRANDE

Coordenador Técnico

HUGO GUSTAVO HÄDRICH

EQUIPE TÉCNICA:

Engº Agrº Cesar Augusto Freyesleben Silva

Econ. Jesiel de Marco Gomes

Méd.Vet. José Eláudio Della Giustina

Engº Agrº José Maria Paul

Engº Agrº Júlio Alberto Rodigheri

Méd. Vet. Jurandi Soares Machado

Econ. Luiz Marcelino Vieira

Acad. Luiz Toresan

Engº Agrº Osmar Alcides da Conceição

Engº Agrº Simão Brugnago Neto

Bibl. Telmelita Maria Senna

SETOR ADMINISTRATIVO:

Econ. Custódio Horácio da Silveira - Coordenador

Édina Nami Regis

João Manoel Anderson

Jocenir Miriam C. de Sousa

Manoel de Aguiar Pereira

Paulo Cesar da Silva

Vanildo Antonio Furtado

BIBL. EMPASC

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
COMISSÃO ESTADUAL DA PLANEJAMENTO AGRÍCOLA - CEPA/SC

SÍNTESE INFORMATIVA
DA
AGRICULTURA CATARINENSE
1980/81

Elaboração:

Luiz Marcelino Vieira (Econ.) - Coordenador

José Maria Paul (Engº Agrº)

Júlio Alberto Rodigheri (Engº Agrº)

Jurandi Soares Machado (Méd. Vet.)

Luiz Toresan (Acad. Eng. Agrônômica)

Osmar Alcides da Conceição (Engº Agrº)

Simão Brugnago Neto (Engº Agrº)

Florianópolis, fevereiro de 1980

Santa Catarina. Secretaria da Agricultura
e do Abastecimento. Comissão Estadual
de Planejamento Agrícola.

Síntese informativa da agricultura cata-
rinense 1980/81. Florianópolis, 1980.

204 p.

E R R A T A

O assunto (fumo) da página 96 é continuação da página 94, enquanto que o da página 95 (mandioca) deve ser lido logo após a tabela da página 96 (item 1.8).

No item 11 do Sumário, onde se lê página 51, leia-se página 58.

Nota: A reprodução total ou parcial dos conteúdos deste documento é absolutamente livre, sob a condição de que seja citada a fonte.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
I- ANÁLISE SUSCINTA DO SETOR AGRÍCOLA CATARINENSE E AS DIFERENÇAS REGIONAIS	2
1- Recursos Naturais	8
2- Características Climáticas	9
3- Características Edáficas	10
4- Situação Energética Catarinense	16
4.1- Potencialidades Energéticas do Estado	19
5- Estrutura Fundiária	22
6- População e Mão-de-Obra	26
6.1- População	26
6.2-Mão-de-Obra	30
7- Renda	33
7.1- Apropriação da Renda Pessoal	35
7.2- Apropriação da Renda a Nível Regional	36
8- Armazenamento	42
9- Eletrificação Rural e Consumo de Energia Elétrica	45
10- Crédito Agrícola	48
11- Exportação Internacional de Produtos de Origem Agrícola "in natura" e/ou Elaborados	51 58
12- Balanço da Oferta e Demanda de Produtos Agropecuários	61
13- Valor Bruto da Produção Agropecuária Catarinense	63

II- PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO AGROPECUÁRIA	68
1- Lavoura	68
1.1- Alho	68
1.2- Arroz	70
1.3- Batata Inglesa	76
1.4- Cana-de-Açúcar	82
1.5- Cebola	84
1.6- Feijão	89
1.7- Fumo em Folha	92
1.8- Mandioca	96
1.9- Milho	99
1.10- Soja	102
1.11- Tomate	105
1.12- Trigo	109
2- Frutas	111
2.1- Banana	111
2.2- Maçã	112
2.3- Frutas de Caroço (Pêssego, Nectarina e Ameixa)	114
2.4- Uva Vinífera	116
3- Pecuária	122
3.1- Aves	122
3.2- Bovinos de Corte e Leite	129
3.3- Suínos	135
4- Pescado	140
4.1- Características do Produto para Comercialização	142
4.2- Caracterização dos Sistemas de Comercialização	143
4.3- Informações de Mercado	145
III- INFORMAÇÕES BÁSICAS	150

APRESENTAÇÃO

Dentro da diretriz de trabalho que vem orientando a estruturação organizacional e as atividades de apoio da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, a informação ocupou sempre lugar de destaque no rol de preocupações da nova administração da Pasta.

É, portanto, dentro deste espírito que a Comissão Estadual de Planejamento Agrícola - CEPA/SC (Convênio Ministério da Agricultura - Secretaria da Agricultura e do Abastecimento - SUDESUL) coloca à disposição do público ligado direta ou indiretamente ao setor agrícola, mais uma edição reformulada da SÍNTESE INFORMATIVA DA AGRICULTURA CATARINENSE.

A Síntese, editada anualmente, tem por principal objetivo levar aos interessados, informações e dados estatísticos sobre o setor agrícola catarinense consistindo, portanto, num documento essencialmente informativo, cujo conteúdo é fruto da colaboração de uma série de órgãos e instituições ligadas ao setor no Estado, aos quais a CEPA/SC agradece a participação.

A presente edição sofreu algumas reformulações visando tornar o documento mais objetivo e prático.

Esperando que este trabalho atinja as finalidades propostas, a coordenação da CEPA/SC coloca a sua equipe técnica à disposição para proposições e críticas que contribuam para o seu aperfeiçoamento nas próximas edições.

Coordenação Geral da Comissão Estadual
de Planejamento Agrícola - CEPA/SC

Janeiro de 1980

I - ANÁLISE SU~~S~~CINTA DO SETOR AGRÍCOLA CATARINENSE E AS
DIFERENÇAS REGIONAIS

"Situado entre dois estados sulinos que encontram na agricultura o setor dinâmico atual de seus crescimentos econômicos, Santa Catarina, por condições históricas específicas apresenta aspectos bem marcantes e diferenciados. Há uma relativa estabilidade, em torno de 3,3%, da participação do Estado na geração da renda interna brasileira e uma leve tendência a crescimento, da participação do Estado na renda interna da região Sul - atualmente em 18%. De outra parte, há uma inclinação à maior participação do setor industrial catarinense na geração de renda interna, tanto nacional como regional. Em particular, quanto ao setor agrícola, esta participação em relação ao Brasil tem ficado em torno de 6% e em relação a região Sul, em torno de 17% (1)".

No cenário nacional, Santa Catarina aparece como o 5º produtor de alimentos, sendo o primeiro produtor nacional de maçã; segundo produtor de carne de aves; segundo produtor de carne suína, destacando-se o "porco tipo carne", considerado o melhor do Brasil; terceiro produtor de milho; quinto produtor de soja e trigo; quarto produtor de feijão; sétimo produtor de mandioca e oitavo produtor de arroz; havendo inclusive conforme mostra o documento "Estudos Básicos", elaborado pela CEPA/SC (2), uma relativa adequação da oferta e

(1) CEPA/SC. Prioridades para agricultura de pequena produção em Santa Catarina. Florianópolis, 1979.

(2) CEPA/SC. Estudos básicos para o planejamento do desenvolvimento agrícola e rural. Florianópolis 1979. v. 5

demanda interna catarinense de grande número de produtos agropecuários.

No que tange a participação do setor agrícola na formação do produto interno bruto catarinense, constata-se estar havendo uma diminuição relativa comparada aos demais setores de 41,88% alcançado em 1960, para 21% em 1977, o que é uma tendência considerada perfeitamente normal num processo de desenvolvimento, que tem seu centro dinâmico na industrialização. Entretanto, se for adicionada a contribuição das indústrias, que transformam produtos de origem agrícola, ver-se-á que este conjunto - agricultura e indústrias - representa uma parcela de participação de cerca de 26% na formação do PIB estadual.

A agricultura absorve ainda em torno de 51% das pessoas economicamente ativas, e as indústrias de transformação que utilizam matérias-primas oriundas do setor primário, absorvem cerca de 26% destas pessoas no setor secundário (1).

3/ "...Santa Catarina apresenta uma estrutura fundiária constituída essencialmente por pequenas propriedades, nas quais predomina o trabalho familiar. Além do mais, a topografia apresenta-se extremamente acidentada condicionando as possibilidades de mecanização, onde apenas 30% da área total do Estado mostra-se apta para culturas anuais, sem restrições para mecanização..." (2)

2/ Santa Catarina conta com uma área ocupada em lavouras de aproximadamente 2 milhões de hectares. A receita bruta resultante da comercialização de produtos "in natura" das atividades da lavoura, pecuária, silvicultura, horti-granjeiros e pescado é de 34 bilhões de cruzeiros.

(1) CEPA/SC. Estudos básicos para o planejamento do desenvolvimento agrícola e rural. Florianópolis, 1979. v. 5

(2) CEPA/SC. Agricultura de baixa renda em Santa Catarina. Florianópolis, 1976.

A Mesorregião 1, constituída pelas Microrregiões Colonial do Rio do Peixe e Colonial Oeste Catarinense, representa 64,7% da área total plantada com lavouras no Estado, participando com 88% da área de soja, 80% da área de trigo, 71% da área de milho e 60% da área de feijão. Esta mesorregião destaca-se ainda pela produção de 95% da uva vinífera, 94% da produção de carne de aves, 92% da produção de ameixas, 85% da produção de nectarinas, 81% da produção de carne suína, 81% da produção de pêssego.

Aparece em segunda posição com um percentual relativo bem afastado da primeira, a Mesorregião 7, compreendendo as Microrregiões Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Colonial de Itajaí Norte e Colonial do Alto Itajaí, participando com 9% da área total plantada no Estado, responsável por 58% da área ocupada com cebola, 43% com cana-de-açúcar, 37% com fumo, 30% com arroz, 27% com mandioca e 26% com batata-inglesa. Esta mesorregião quando comparada com a produção estadual, participa com 64% da produção de cebola, 60% do pescado, 59% do leite, 50% da cana-de-açúcar, 39% do arroz, 38% da mandioca, 33% do fumo e 27% da batata-inglesa.

A terceira posição fica com a Mesorregião 2, constituída pelas Microrregiões Homogêneas de Campos de Lages e Campos de Curitibanos, com 8,59% da área total plantada em Santa Catarina. Participa ainda em relação ao Estado, com 29% da área ocupada com tomate, 18% com batata-inglesa, 14% com trigo e 13% com feijão, para uma produção de 32% do tomate, 29% da carne bovina, 25% da batata-inglesa, 23% da maçã e 13% do pêssego no Estado.

A Mesorregião 8, constituída pela Microrregião do Planalto de Canoinhas, desponta na quarta posição com 7,69% da área total plantada no Estado, destacando-se a área plantada com o feijão, 15%, ficando o arroz e a batata-inglesa com 12% cada. Na produção, ainda relacionada com o Estado, observa-se a participação da batata-inglesa e feijão, com 12% cada, seguidos pela produção do fumo, com 10%.

A quinta posição em área total plantada em Santa Catarina, fica com a Mesorregião 3, composta pelas Microrregiões Carbonífera e Colonial Sul Catarinense, com participação relativa de 5,57%, destacando-se a área ocupada com fumo, 28%; tomate, 21%; mandioca, 18%; arroz, 17% e batata-inglesa, 15%.

Quanto a produção, quando comparada com o total estadual, esta mesorregião sobressai-se com as culturas de fumo, 29%; tomate, 25%; arroz, 15%; mandioca, 14% e batata-inglesa, 13%.

A Mesorregião 4, constituída pelas Microrregiões Litoral de Laguna e Litoral Sul Catarinense, aparece na sexta posição, com 2,66% da área total plantada com lavouras no Estado, sendo responsável por 27% da área ocupada com mandioca, 8% com fumo, 8% com arroz e 5% com cebola. Esta mesorregião é responsável pela produção de 19% de pescado, 16% de mandioca, 9% de fumo, 8% de arroz e 6% de cebola.

Na sétima posição situa-se a Mesorregião 6, formada pela Microrregião Homogênea Colonial Serrana Catarinense, participando com 1,25% da área plantada com lavoura em Santa Catarina. Destacou-se nesta mesorregião, as áreas ocupadas com cebola, cana de açúcar, tomate e batata-inglesa, com 20%, 15%, 12% e 8%, respectivamente.

Com relação à produção, a mesorregião participa com 18% da cana de açúcar, 16% da produção de cebola, 12% da produção de tomate e 8% da produção da batata-inglesa.

A Mesorregião 5, formada pela Microrregião de Florianópolis, participa com 0,55% da área total plantada, destacando-se a cana-de-açúcar, 11%, tomate, 10% e mandioca com 4%, com relativos de produções de 13%, 11% e 3%, respectivamente.

Tabela nº 1

Participação Percentual na Área Plantada por Produto em Santa Catarina
(a nível de Mesorregião)

Cultura Mesorregião	Arroz	Batata Inglêsa	Cana-de- Açúcar	Cebola	Fumo	Feijão	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Total
1	2,11	0,15	0,18	0,01	0,58	5,55	0,55	38,60	15,46	0,00	1,50	64,69
2	0,23	0,14	-	0,00	0,18	1,25	0,03	5,10	1,39	0,01	0,26	8,59
3	1,29	0,12	0,10	0,02	1,15	0,57	0,75	1,51	0,02	0,01	0,03	5,57
4	0,58	0,00	0,03	0,02	0,34	0,21	1,11	0,35	0,01	0,00	0,01	2,66
5	0,10	0,02	0,11	0,00	0,03	0,05	0,17	0,06	0,00	0,01	-	0,55
6	0,04	0,06	0,15	0,07	0,10	0,08	0,11	0,63	0,00	0,01	-	1,25
7	2,19	0,21	0,42	0,20	1,44	0,36	1,15	2,96	0,06	0,01	0,00	9,00
8	0,88	0,10	-	0,02	0,22	1,39	0,29	4,08	0,63	0,00	0,08	7,69
SC	7,42	0,80	0,99	0,34	4,04	9,46	4,16	53,29	17,57	0,05	1,88	100

Fonte: Dados brutos: FIBGE

Dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 2

Participação Relativa da Área e Produção por Mesorregião em Santa Catarina

Mesorregião Cultura	1		2		3		4		5		6		7		8		SC	
	A (ha)	P (t)	A (ha)	P (t)	A (ha)	P (t)	A (ha)	P (t)	A (ha)	P (t)	A (ha)	P (t)	A (ha)	P (t)	A (ha)	P (t)	A (ha)	P (t)
. Arroz	28	25	3	3	17	15	8	8	1	2	0	0	30	39	12	8	100	100
. Batata-Inglesa	18	13	18	25	15	13	1	0	2	2	8	8	26	27	12	12	100	100
. Cana-de-Açúcar	18	11	-	-	10	6	3	2	11	13	15	18	43	50	-	-	100	100
. Cebola	4	3	1	1	7	5	5	6	0	0	20	16	58	64	5	5	100	100
. Fumo	14	11	4	4	28	29	8	9	1	1	2	3	37	33	6	10	100	100
. Feijão	60	61	13	12	6	6	2	2	1	1	1	1	4	5	15	12	100	100
. Mandioca	13	19	1	1	18	14	27	16	4	3	3	3	27	38	7	6	100	100
. Milho	71	80	10	7	3	2	1	0	0	0	1	1	6	5	8	5	100	100
. Soja	88	87	8	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	4	100	100
. Tomate	6	3	29	32	21	25	1	0	10	11	12	12	15	15	6	2	100	100
. Trigo	80	79	14	13	1	2	0	1	-	-	-	-	0	0	5	5	100	100
. Ameixa	-	92	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	100
. Maçã	-	77	-	23	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	100
. Nectarina	-	85	-	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
. Pêssego	-	81	-	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
. Uva (1)	-	95	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
. Carne Aves	-	94	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	100
. Carne Bovina	-	33	-	29	-	8	-	4	-	2	-	3	-	15	-	6	-	100
. Carne Suína	-	81	-	2	-	4	-	1	-	1	-	1	-	7	-	3	-	100
. Leite	-	17	-	8	-	5	-	3	-	4	-	1	-	59	-	3	-	100
. Pescado	-	-	-	-	-	-	-	19	-	21	-	-	-	60	-	-	-	100

(1) Segundo o PROFIT

Fonte: Dados primários: FIBGE e SAA/EMATER-SC/ACARESC

Dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

1 - Recursos Naturais

O aproveitamento dos recursos naturais varia com a distribuição da área explorada e o tamanho da propriedade. Nas classes de área inferior a 50 ha, a superfície utilizada com lavouras é superior à superfície utilizada com pastagens. Já nas classes superiores à 50 ha ocorre um predomínio da área de pastagem sobre a área de lavoura, sendo esse predomínio marcante quanto maior for o estrato de área.

Com a má distribuição da área explorada se observa uma diminuição da área de matas naturais. Em 1960, haviam 1.744.853 ha de matas naturais, representando 29,3% da área total dos estabelecimentos. No censo de 1970, esta área diminuiu para 1.623.219 ha, ou seja, 23,1% da área total das propriedades. No censo agropecuário de 1975, não consta nos seus dados preliminares estimativa sobre a área ocupada pelas matas naturais, porém, estima-se que naquele ano representavam 20% da área total dos estabelecimentos (1.393.870 ha). Estimativas feitas pela Coordenação das Atividades Econômicas de Recursos Naturais, da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, avaliam a área de matas nativas em 1977, em cerca de 10 a 12% da área territorial do Estado (de 954.830 a 1.145.796 ha).

As terras em descanso e as terras produtivas não utilizadas, representavam em 1960, 871.593 ha. Em 1975 aumentaram para 1.109.971 ha, ou seja, 15,8% da área total dos estabelecimentos.

As estimativas do uso atual dos solos agrícolas do Estado, segundo os dados do Recadastramentos do INCRA - 1976, e do Zoneamento Agrícola, concluídos pela EMPASC-CEPA/SC, informam que as fronteiras agrícolas podem crescer 25,71%, ou seja, 1.929.052 ha de solos exploráveis e que não são utilizados, este crescimento de área para lavouras não afetaria as áreas ocupadas por pastagens. A taxa de expansão da fronteira agrícola para lavouras, apresenta uma potencialidade de crescer

57,28%, ou seja, 3.348.806 ha, porém, para ocorrer tal incremento nas áreas cultivadas, torna-se necessário um decréscimo de 85,62% (1.419.754 ha) nas áreas ocupadas por pastagens, que por sua vez, poderiam ocupar outras áreas anáptas para lavouras temporárias.

2 - Características Climáticas

"A análise do comportamento do tempo através de dados meteorológicos dos últimos 40 anos, mostram 3 regiões climáticas distintas: Litoral, Planalto e Oeste. Esta diferenciação é regida por fatores meteorológicos, principalmente continentalidade, topografia, massas de ar e altitude.

O litoral do Estado de Santa Catarina abrange uma faixa de altitudes abaixo de 400 metros próximas ao Oceano Atlântico, onde o baixo índice de continentalidade, aliado à posição da elevação topográfica (Serra Geral) e coordenadas geográficas propiciam pequena oscilação da temperatura, alta umidade do ar e alta pluviosidade. Nesta região a temperatura média anual varia de 17 a 21^o C, com as médias mensais oscilando entre um mínimo de 11^oC e um máximo de 32^oC. A precipitação pluviométrica total anual varia de 1200 a 1700 mm, sem estação seca. Os balanços hídricos mostram a ocorrência de deficiência hídrica nos meses de dezembro e janeiro no litoral sul, mas com valores inferiores a 150 mm anuais. Há na maioria da região litorânea um excedente de água da ordem de 100 a 700 mm anuais. Tais condições implicam na baixa frequência de geadas, estimada em menos de 10% de probabilidade de ocorrência ou um período de retorno de 10 anos, e as predominâncias de altas umidades no ar (média anual acima de 80%). A demanda evaporativa, expressa em evapotranspiração potencial, é superior a 1000 mm anuais.

O Planalto Catarinense abrange basicamente a região central e noroeste do Estado com altitudes de 700 a 1500 metros. Esta região compreende áreas com as mais baixas temperaturas, cuja média anual oscila entre 13 e 16°C, e valores médios mensais extremos de 5 e 28°C. A precipitação pluviométrica tem uma variação maior, 1300 a 1900 mm anuais, devido a formação topográfica afetar a circulação das massas de ar. Em termos médios não são detectadas deficiências hídricas para capacidade de retenção do solo de 75 mm, e sim excedentes de 300 a 600 mm anuais. É muito comum a ocorrência de geadas, com probabilidade de 10% até meados de setembro, em pontos de cotas mais elevadas.

O Oeste Catarinense compreende uma vasta região de topografia ondulada, a partir da longitude de 51°30' W. As temperaturas médias anuais variam de 16 a 19°C, com valores médios mensais extremos de 7 a 40°C. A precipitação pluvial em média varia de 1500 a 2200 mm anuais. Tais valores são em consequência de dois fatores meteorológicos principais: baixo índice de oceanilidade e irregularidade topográfica. Devido ao alto índice pluviométrico, há um excedente hídrico da ordem de 500 a 1200 mm anuais, mesmo com a elevada demanda evaporativa provocada por uma radiação solar mais intensa (média de 400 cal. cm⁻². dia⁻¹). A umidade relativa oscila de 72 a 80% em termos médios mensais" (1)

3 - Características Edáficas

"Com base no levantamento de reconhecimento dos solos do Estado de Santa Catarina, pode-se observar que a área física do Estado é bastante heterogênea, principalmente em termos de material de origem e relevo. Estes dois fatores, coadjuvados pelo clima, atuaram como responsáveis diretos na forma-

(1) EMFASC. Potencial agrícola e regionalização do estado de Santa Catarina para produção de cana-de-açúcar e mandioca como fontes de matérias primas para obtenção do álcool. Florianópolis. 1979.

ção dos diferentes tipos de solos encontrados no Estado de Santa Catarina.

Considerando o relevo como um dos fatores responsáveis pela heterogeneidade do solo, Santa Catarina pode ser dividida, fundamentalmente em três regiões: Planícies Costeiras, Serras Litorâneas e Planalto Ocidental.

As Planícies Costeiras são representadas pelas áreas litorâneas situadas em cotas altimétricas não superiores a 100 metros. O Litoral Sul se caracteriza pela ocorrência de extensas planícies, enquanto que no Litoral Norte a paisagem é modificada pelo aparecimento de elevações no meio das planícies.

As Serras Litorâneas compreendidas entre as Planícies Costeiras e o Planalto Ocidental, situam-se em cotas altimétricas que variam de 200 a 800 metros, com predominância de relevo forte ondulado e montanhoso.

O Planalto Ocidental é a região mais extensa do Estado, subdividindo-se em Planalto de Canoinhas, Lages e Zona Basáltica, situadas em cotas altimétricas bastante variáveis, indo de 200 metros, no Extremo Oeste, até 1800 metros no topo da Serra, no Município de São Joaquim. O relevo é bastante irregular com predominância de áreas de relevo forte ondulado. O relevo como fator condicionante na formação do solo está ligado principalmente à profundidade efetiva e à drenagem interna do perfil do solo. Em áreas de relevo forte ondulado e montanhoso a quantidade de água que percola é pequena e a ação do intemperismo físico-químico é menos pronunciada, originando solos rasos e de fertilidade natural mais elevada. À medida que o relevo torna-se mais suave, o intemperismo é mais acentuado pela maior quantidade de água que percola através do perfil do solo originando solos mais profundos e de menor fertilidade natural, como consequência da lixiviação dos minerais básicos presentes na rocha matriz.

Nas áreas planas, onde os solos são formados normalmente pela sedimentação de minerais de granulação fina (pouco permeável), além da percolação direta, há aquela proveniente das vertentes vizinhas, proporcionando acúmulo excess-

sivo de água ao longo do perfil, originando os denominados solos hodromórficos.

Os processos acima mencionados servem para enfatizar a grande variabilidade de solos mapeados no Estado, onde a diversidade do relevo é bastante acentuada" (1).

Tabela nº 3

Participação da Área Agrícola Explorada em Relação à Área Total e à Área Territorial Total, Segundo as Mesorregiões.

Mesorregião	ANOS	Área Territorial Total		Área Agrícola Total (1)		Área Agrícola Explorada (2)		(2) / (1)
		ha	%	ha	%	ha	%	
1	1960			1.569.912	62	1.307.064	52	83
	1970	2.533.800	100	1.976.064	78	1.561.713	62	79
	1975			2.119.718	84			
2	1960			1.850.058	78	1.666.466	70	90
	1970	2.384.100	100	2.191.063	92	1.956.592	82	89
	1975			2.104.970	88			
3	1960			392.836	60	270.135	41	69
	1970	655.700	100	448.432	68	315.694	48	70
	1975			443.449	68			
4	1960			151.315	53	105.310	37	70
	1970	285.200	100	171.573	60	130.809	46	76
	1975			169.935	60			
5	1960							
	1970	277.500	100	120.556	43	93.840	34	78
	1975			102.052	37			
6	1960			335.564	75	252.125	57	75
	1970	446.100	100	314.766	71	198.160	44	63
	1975			295.286	66			
7	1960			934.470	53	711.152	40	76
	1970	1.360.300	100	1.035.659	59	719.838	41	70
	1975			969.832	55			
8	1960			714.795	59	516.354	43	72
	1970	1.205.600	100	767.214	64	574.544	48	75
	1975			764.111	63			
Totais	1960			5.948.950	62	4.828.617	51	81
	1970	9.548.300	100	7.025.326	74	5.551.214	58	79
	1975			6.969.352	73			

Fonte: Fundação IBGE (Censo Agrícola de 1960, Censo Agropecuário de 1970, e Síntese Preliminar do Censo Agropecuário de 1975, Santa Catarina)
Elaboração: SAA/MA-CEPA-SC

(1) EMPASC. Potencial agrícola e regionalização do estado de Santa Catarina para produção de cana-de-açúcar e mandioca como fontes de matérias primas para obtenção do álcool. Florianópolis, 1979.

Tabela nº 4

Estimativas do Uso Atual e Potencial dos Solos
Agrícolas de Santa Catarina, 1976 (A nível de Mesorregião)

Mesorregião Estado	Variáveis	Uso Atual (a)	Uso Potencial (b)	(c)=(b)-(a)	Taxa de Utilização (d)=(a)/(b) 100	Taxa de Expansão (e)=100-(d)
1	Lavouras	881.055	1.973.530	1.092.475	44,64	55,36
	Pastagens	543.430	191.988	- 351.442	283,05	- 183,05
	Total	1.424.485	2.165.518	741.033	65,78	34,22
2	Lavouras	386.760	1.338.267	951.507	28,90	71,10
	Pastagens	1.546.660	761.177	- 785.483	203,19	- 103,19
	Total	1.933.420	2.099.444	166.024	92,09	7,91
3	Lavouras	205.365	448.164	242.799	45,82	54,18
	Pastagens	138.068	25.255	- 112.813	546,70	- 446,70
	Total	343.433	473.419	129.986	72,54	27,46
4	Lavouras	25.362	180.222	154.860	14,07	85,93
	Pastagens	71.704	0	- 71.704		
	Total	97.066	180.222	83.156	53,86	46,14
5	Lavouras	47.035	56.356	9.321	83,46	16,54
	Pastagens	53.895	89.232	35.337	60,40	39,60
	Total	100.930	145.588	44.658	69,33	30,67
6	Lavouras	86.655	94.352	7.697	91,84	8,16
	Pastagens	131.754	191.876	60.122	68,67	31,33
	Total	218.409	286.228	67.819	76,31	23,69
7	Lavouras	404.884	896.748	491.864	45,15	54,85
	Pastagens	282.889	287.786	4.897	98,30	1,70
	Total	687.773	1.184.534	496.761	58,06	41,94
8	Lavouras	404.980	858.346	453.366	47,18	52,82
	Pastagens	309.545	110.877	- 198.668	279,18	- 179,18
	Total	714.525	969.223	254.698	73,72	26,28
Santa Catarina	Lavouras	2.497.179	5.845.985	3.348.806	42,72	57,28
	Pastagens	3.077.945	1.658.191	-1.419.754	185,62	- 85,62
	Total	5.575.124	7.504.176	1.929.052	74,29	25,71

Fonte: dados brutos; uso atual: INCRA, Recadastramento, (tabela 4, 1976);
uso potencial: EMPASC-CEPA/SC, Zoneamento Agrícola, 3 v., Florianópolis, 1978.

Elaboração: SAA/MA-CEPA-SC

Tabela nº 5

Características Climáticas de Três Regiões do Estado de Santa Catarina

Fator ou Elemento	Região		
	Litoral	Planalto	Oeste
Latitude	26° - 29° 30' S	26° - 28° 30' S	26° 30' - 27° 30' S
Longitude	48° 30' - 49° 30' W	49° 30' - 51° 00' W	51° 00' - 53° 30' W
Altitude	0 - 400 m	700 - 1500 m	200 - 700 m
Temp. Média Anual	17 - 21°C	13 - 17°C	15 - 19°C
Temp. Mínima Média Anual	12 - 18°C	9 - 12°C	10 - 14°C
Temp. Máxima Média Anual	23 - 26°C	19 - 24°C	23 - 26°C
Variação de Temp. Mensal	21°C	23°C	34°C
Precip. Total Anual	1200 - 1900 mm	1300 - 1900 mm	1500 - 2200 mm
Evapot. Potenc. Total Anual	1000 - 1300 mm	900 - 1100 mm	1100 - 1300 mm
Excesso Hídrico Total Anual	100 - 500 mm	300 - 600 mm	400 - 1200 mm
Umidade Relat. Média Mensal	82 - 87%	78 - 83%	72 - 80%

Fonte: SAA/EMPASC

Tabela nº 6

Distribuição da Área Explorada por Esporteção

Mesoregião	Ano	Totais		Lavouras			Pastagens			Matac.			Terras em Descanso e Terras Produtivas			Área Total	
		Estab.	Área (ha)	Estab.	Área	Temporárias	Naturais	Artificiais	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.		Área
1	1960	49.772	1.569.932	15.426	23.607	48.695	365.268	21.597	261.670	16.295	66.233	33.597	565.405	2.418	25.091	19.936	207.181
	1970	60.782	1.576.064	25.315	23.685	79.388	611.205	21.084	299.587	35.817	164.035	46.432	441.363	1.465	18.568	59.862	317.166
	1975	63.062	2.119.718	8.698	11.894	81.964	749.195										
2	1960	15.014	1.850.058	1.194	2.172	13.774	104.915	11.893	1.062.817	640	21.126	8.066	466.929	336	6.981	5.765	126.849
	1970	20.082	2.391.653	1.280	3.354	16.866	121.036	14.995	1.237.977	4.549	73.137	10.395	408.568	414	52.520	10.736	164.747
	1975	19.171	2.104.970	1.061	3.005	16.277	128.474										
3	1960	14.484	392.836	4.785	8.701	14.041	81.787	4.026	27.367	8.511	42.294	8.515	90.183	3.481	19.693	9.277	98.765
	1970	18.627	448.432	5.102	10.567	18.138	117.928	8.902	53.582	7.728	47.253	10.381	77.283	3.776	9.041	12.128	94.672
	1975	28.443	443.449	3.150	7.673	17.718	102.757										
4	1960	7.891	151.315	3.212	3.866	7.726	33.624	5.347	25.212	1.267	6.465	4.283	33.633	851	2.470	4.243	36.982
	1970	10.625	171.573	3.243	4.231	10.121	54.174	6.853	47.821	817	3.759	3.171	16.115	2.275	4.669	5.358	31.451
	1975	10.817	169.935	2.309	3.332	10.156	45.038										
5	1960	(*)															
	1970	6.474	120.556	4.037	5.160	5.934	20.735	3.385	18.168	867	4.184	3.260	35.903	144	9.750	5.213	19.606
	1975	5.768	102.052	1.920	2.355	5.146	16.671										
6	1960	11.920	335.564	5.664	9.697	11.572	44.422	7.748	54.351	2.670	17.864	8.437	93.091	2.612	27.760	6.349	56.707
	1970	8.734	314.766	3.637	3.966	8.554	41.486	6.029	69.631	2.103	9.975	5.692	70.270	102	2.472	5.109	89.884
	1975	8.360	295.286	1.048	1.269	8.106	34.042										
7	1960	46.037	934.470	11.907	15.202	44.951	187.845	18.669	70.207	23.056	73.643	33.016	335.827	1.433	10.428	28.056	177.956
	1970	46.203	1.035.659	13.341	17.474	45.161	194.080	26.260	115.405	16.630	64.150	34.180	349.628	769	9.101	46.863	234.040
	1975	46.110	969.832	6.845	11.127	44.133	189.773										
8	1960	13.191	714.795	1.748	3.442	12.959	108.741	9.677	298.563	253	5.372	4.823	135.285	267	4.951	8.221	167.120
	1970	15.673	767.214	1.665	1.627	13.840	100.331	11.007	246.571	968	12.731	9.007	191.092	507	22.192	12.202	158.453
	1975	15.177	764.111	918	2.868	14.117	116.194										
Total	1960	159.368	5.948.950	43.938	66.713	153.718	926.622	79.857	1.759.987	52.694	231.028	100.737	1.744.853	11.698	97.414	81.827	871.593
	1970	207.218	7.025.326	57.610	70.262	197.942	1.261.414	110.251	2.088.682	69.488	379.363	120.518	1.623.220	9.392	218.333	154.470	1.109.963
	1975	206.908	6.969.392	26.019	43.544	197.617	1.382.162										

(*) Incluídos as mesoregiões 5 e 6 por impossibilidade de desagregação

Fonte: Fundação IBGE (Censos Agropecuários de 1960, 1970 e 1975, Santa Catarina)

Elaboração: SIA-M/CEPA-SC

4- Situação Energética Catarinense

O consumo de energia do Estado, representa 5% do consumo total de energia do País. Do total da energia consumida em Santa Catarina, 38% provêm de derivados do petróleo, representando aproximadamente 28.000 barris diários; a parcela de energia elétrica utilizada é de 22%, sendo a participação da lenha e carvão de 40%.

No período 1974-1978, o balanço energético apresentou uma redução na participação da lenha e do carvão vegetal de 45% para 40%, um aumento de 37% para 38% nos derivados do petróleo e de 18% para 22% na participação de energia elétrica. Neste período, o consumo energético global do Estado cresceu 46%.

A utilização teórica dos derivados de petróleo, demonstra o uso quase que total de gasolina e de óleo diesel no transporte rodoviário, dos óleos combustíveis na indústria e do gás liquefeito para uso doméstico. A incidência dos derivados de petróleo no balanço energético do Estado, apresenta-se alta e com tendência a crescer após a exaustão das possibilidades de economia de combustíveis, fundamentadas no aumento de preço e na eliminação de desperdícios. Adicionalmente a este aspecto, deve-se considerar a dificuldade crescente de obtenção de lenha e carvão vegetal, como fontes de geração de calor industrial e residencial, cuja participação no balanço energético vem decrescendo substancialmente.

A redução e substituição do uso de óleo combustível é imprescindível, já que o rápido crescimento do seu consumo, tornará, futuramente, um dos itens mais importantes do balanço energético do Estado. Por outro lado, sendo a indústria o grande usuário deste combustível, o

problema assume prioridade estratégica, por colocar em risco um segmento dinâmico da economia catarinense.

O consumo de óleo diesel, apresenta maiores preocupações pois, o seu crescimento deverá permanecer acentuado, uma vez que os transportes de carga e passageiros absorvem 75% do óleo consumido no Estado, o que fará sua participação aumentar gradativamente no balanço energético estadual. A lenha e o carvão vegetal, já apresentam uma significativa participação, principalmente na substituição de óleo combustível e diesel industrial, notadamente no Oeste Catarinense, onde não estará disponível o gás de carvão.

A energia elétrica, deverá ganhar maior participação no balanço energético do Estado, visando atender as demandas tradicionais e absorver consumos específicos de derivados de petróleo.

O gás liquefeito de petróleo não apresenta preocupação maior no momento e seu crescimento acentuado, acima da média do crescimento populacional, deve-se principalmente à escassez da lenha. No entanto, a sua participação atual é de apenas 2% no balanço energético.

Para a redução da participação de derivados de petróleo no balanço energético, como consequência da substituição, será obtida através de aumento no uso de energia elétrica, considerando-se as potencialidades climáticas, edafológicas e econômicas de Santa Catarina.

As estimativas de consumo de lenha como combustível no Estado está em torno de 4.693.520 m³ por ano e a substituição de FUEL OIL por lenha, de 2.125.266 m³, perfazendo um total de 6.818.786 m³, havendo uma necessidade de reflorestamento na ordem de 32.470 ha anuais, para atender o consumo previsto e não continuar o corte das matas naturais.

Tabela nº7

Consumo de Lenha Como Combustível - Santa Catarina

Atividades	Consumo Atual m ³	Substituição de Óleo Por Lenha - m ³	Total
Secagem de Cereais	66.372	46.228	112.600
Secagem de Fumo	1.600.000	-	1.600.000
Papel e Celulose	900.000	1.996.800	2.896.800
Frigoríficos	281.700	82.238	363.938
Residencial	600.000	-	600.000
Outros	1.245.448	-	1.245.448
Total	4.693.520	2.125.266	6.818.786

Fonte: SAA-MA/CEPA-SC e SAA/CONATE

Tabela nº8

Necessidade de Reflorestamento Com Essências de Rápido Crescimento por Atividade - ha

Atividades	Consumo de Lenha m ³	Área em ha/ano
Secagem de Cereais	112.600	536.000
Secagem de Fumo	1.600.000	2.619
Papel e Celulose	1.920.000	53.295
Frigoríficos	363.938	1.733
Residencial	600.000	2.857
Outros	3.245.448	5.930
Total	6.818.786	32.470

Fonte: SAA-MA/CEPA-SC e SAA/CONATE

4.1- Potencialidades Energéticas do Estado

Conforme conteúdo do PROENERGIA ⁽¹⁾, a substituição de combustível para transporte tem como principal opção o álcool. Apesar da maior preocupação atual residir na substituição do óleo diesel, há restrições de ordem tecnológica que dificultam a sua imediata implementação. Portanto, a ênfase recairá na substituição da gasolina, cuja tecnologia de uso encontra-se perfeitamente equacionada.

As duas principais matérias-primas para a produção do álcool são a cana-de-açúcar e a mandioca.

A produção agrícola de cana-de-açúcar no Estado abrange atualmente uma área de 23.934 hectares. Desconsiderando as áreas já exploradas por outras culturas, existe um potencial de expansão de plantio da ordem de 240.000 ha, concentrados no Litoral e no Oeste catarinense.

A produção de mandioca ocupa hoje 98.478 ha, apresentando um bom potencial agrícola, com aptidões preferenciais localizadas também no Litoral e no Oeste do Estado.

Mesmo considerando o aumento de plantio voltado para a produção de açúcar e outros derivados da cana, e da mandioca para a produção de fécula e farinha, a adoção do álcool como substitutivo de combustíveis para transporte viabiliza-se quanto à disponibilidade de matérias-primas. Há que se considerar ainda a possibilidade de introdução de outras matérias-primas, como o sorgo-sacarino. Na mesma forma que o carvão, outros fatores restritivos serão responsáveis pela velocidade de adoção do álcool como alternativa energética.

(1) COMISSÃO ESTADUAL DE ENERGIA. Programa catarinense de energia. Florianópolis, 1979.

No que se refere à lenha e ao carvão-vegetal, as dificuldades crescentes na obtenção de óleo combustível e óleo diesel para utilização a nível industrial e na agricultura determinarão, com certeza, a intensificação do corte das matas ainda existentes em Santa Catarina. Esta circunstância é agravada em várias regiões, como o Planalto Norte, Vale do Rio do Peixe, Alto Vale do Itajaí, onde o emprego de carvão mineral ou de gás de carvão torna-se problemático em função das distâncias.

O reflorestamento apresenta-se como opção não somente para a manutenção da participação dessas formas de combustível no balanço energético, como também para prevenir problemas de ordem ambiental advindos da exaustão das reservas florestais do Estado.

As previsões de uso de lenha e carvão vegetal para 1985 exigirão o plantio de essências florestais nativas e exóticas em pequenas e médias propriedades rurais, como na forma de restauração de áreas mineradas de céu aberto, sendo perfeitamente exequíveis do ponto de vista de áreas e de recursos financeiros.

O biogás, representa uma das alternativas energéticas de grande potencial para Santa Catarina. Isto porque o desenvolvimento da suinocultura e avicultura garantem um fornecimento contínuo de matéria orgânica, notadamente no caso da criação de suínos, onde, em algumas regiões do Oeste ocorrem inclusive problemas de poluição fluvial pela má destinação dos dejetos animais.

O biogás deverá ser utilizado para suprir necessidades de combustíveis em propriedades rurais e empresas agroindustriais.

O potencial atual de produção de biogás no Estado é da ordem de 880×10^6 por ano, equivalente a 4.000×10^3 barris de petróleo, crescendo-se ainda o potencial representado pelos aterros sanitários.

Santa Catarina apresenta, em linhas gerais, uma excepcional potencialidade para superar as suas dificulda -

des energéticas decorrentes da inviabilização gradativa da importação de petróleo, cujas perspectivas de produção interna são pouco promissoras.

5 - Estrutura Fundiária

A área média dos estabelecimentos teve acentuado ritmo de declínio até 1960 (1920 - 105,7 ha; 1940 - 55,0 ha; 1950 - 50,9 ha e 1960 - 33,9 ha). A partir de 1970, estabiliza-se em torno de 33ha (1970, 33,9 ha e 1975, 33,7 ha). Isto é evidenciado quando se verifica que os índices de GINI (que refletem a concentração da posse da terra) atingem valores nitidamente declinantes até 1970 (1940 - 0,648; 1950 - 0,624; 1960 - 0,612; 1970 - 0,589; 1975 - 0,608). O ano de 1975, caracteriza-se por uma visível reversão na tendência, onde o traço básico é a concentração da propriedade da terra. Os estratos de 500 a mais de 1.000 ha são os únicos que incorporam área, no período de 1970-75.

Esta tendência de concentração pode, talvez, ser explicada pela existência de regiões agrícolas de estagnação, onde em alguns municípios adquiriu-se terras com a finalidade de reflorestamento ou para especulação imobiliária. Uma outra razão para o aumento da concentração da posse da terra, seria a incorporação de antigas áreas sub-exploradas pela pecuária e pelas pequenas propriedades policultoras com agricultura de alta densidade econômica.

Uma comparação intercensitária do período 1970-75, permite constatar uma diminuição do número de estabelecimentos de 207.199 em 1970, para 206.860 em 1975, e ressalta que o Estado já teria atingido o limite de sua fronteira agrícola.

Ainda com referência a posse da terra (condição de propriedades), pode-se afirmar, com base nas informações censitárias de 1970 e 1975, que relativamente, o número de produtores proprietários diminuiu, de 82,6% para 80,8%, ainda que, a área por eles apropriada, continuasse relativamente a mesma. A alteração mais significativa foi

quanto ao número de produtores ocupantes (de 6,89% para 8,65%) seguido do aumento da área (de 3,9% para 4,05%). Um aspecto relevante é que, à medida que aumentou o estrato de área, diminuiu o uso da terra para lavoura, com maior predomínio da pecuária. O estrato de mais de 50 ha e menos de 100 ha possuía o mais elevado percentual de ociosidade da terra, representado pelo item terras em descanso e produtivas não utilizadas (24,8%).

Por outro lado, as áreas aproveitáveis não exploradas representavam 25% da área total aproveitável dos imóveis em 1972 e 23% em 1976. Evidenciando com isto, uma diminuição da ociosidade do uso do solo.

O Meio e Extremo Oeste, o Vale do Itajaí e o Sul do Estado, eram as regiões que apresentavam uma maior pressão sobre a terra. Nas regiões mencionadas, os minifúndios ocupavam mais de 49% da área agrícola das respectivas mesorregiões, localizando-se aí quase que 80% da demanda de terras.

Embora 88,7% dos produtores detivessem 40,9% da área, o que caracteriza a má distribuição das terras, o número de arrendatários posseiros e ocupantes representava 19% do total de estabelecimentos. Esse fenômeno era mais expressivo nos imóveis com menos de 20 ha, onde se observava existirem 9.021 arrendatários, 9.413 posseiros e 14.948 ocupantes, representando 16% do total dos estabelecimentos em 1975.

No regime de posse, segundo as microrregiões, nota-se que na microrregião Colonial do Oeste Catarinense e Colonial do Sul Catarinense, as terras próprias representam respectivamente 77% e 68% do total de estabelecimentos. Nos Campos de Curitibanos, no Litoral Sul Catarinense, e na Colonial Serrana Catarinense, representam 78,78% e 79%, respectivamente. Nas demais microrregiões, este percentual se situa entre 84% e 91%. Portanto, evidencia-se que a pressão sobre a posse de terra é mais acentuada nas microrregiões Coloniais do Oeste Catarinense e do Sul Catarinense.

Tabela nº 9

Utilização das Terras Segundo as Classes de Área - Santa Catarina, 1972

Classes de Área Total - ha	Total de Imóveis	Área Total	Aproveitável Total		Explorada		Aproveitável Não Explorada		Inaproveitável	
			Área - ha	%	Área - ha	%	Área - ha	%	Área - ha	%
Menos de 5	44.676	114.744,3	103.199,2	89,9	78.633,4	68,5	24.565,8	21,4	10.746,2	9,4
5 a menos de 10	37.392	273.223,6	241.608,6	88,4	181.344,9	66,4	60.263,7	22,1	28.585,0	10,5
10 a menos de 25	93.790	1.548.400,5	1.336.431,0	86,3	926.718,7	59,9	409.712,3	26,5	184.767,2	11,9
25 a menos de 50	47.520	1.602.752,7	1.363.874,1	85,1	902.867,3	56,3	461.006,8	28,8	199.990,1	12,5
50 a menos de 100	16.265	1.086.542,9	935.129,0	86,1	652.892,6	60,1	282.236,4	26,0	119.292,7	11,0
100 a menos de 200	5.807	784.036,0	695.089,7	88,7	544.094,6	69,4	150.995,1	19,3	66.606,4	8,5
200 a menos de 500	3.111	941.514,2	840.493,2	89,3	703.849,6	74,8	136.643,6	14,5	71.984,5	7,6
500 a menos de 1000	896	610.968,0	549.495,6	89,9	474.071,9	77,6	75.423,7	12,3	39.500,3	6,5
Mais de 1000	520	1.021.372,5	907.839,1	88,9	754.061,2	73,8	153.777,9	15,1	75.415,10	7,4
Total	249.977	7.983.554,7	6.973.159,5	87,3	5.218.534,2	65,4	1.754.625,3	22,0	796.887,5	10,0

Fonte: dados brutos: INCRA-MA (Recadastramento, 1972)

dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC("Estudos Básicos", Sistemas de Produção, vol. 3, tab. 8, Florianópolis, 1978/79)

Tabela nº 10

Demanda de Terras Pelos Minifundiários - Santa Catarina, 1979

Mesorregião	Área dos Minifúndios (ha)	% Sobre a Área Agrí- cola da Mesorre- gião	Nº de Minifúndios (1)	Módulo Rural (ha) (2)	Área Mínima Necessária (ha) (1) x (2)	Demanda de Terras (ha)
1	1.149.499	49	69.320	20	1.386.400	236.901
2	238.175	11	12.518	20	250.360	12.185
3	286.373	55	21.783	20	435.660	149.287
4	134.816	69	14.457	20	289.140	154.324
5	61.835	45	8.921	16	142.736	80.901
6	146.806	43	7.619	20	152.380	5.574
7	700.039	54	49.793	20	995.860	295.821
8	339.375	35	24.007	20	480.140	140.765
Estado	3.056.918	38	208.418		4.132.676	1.075.758

Fonte: dados brutos: INCRA-MA (Recadastramento, 1972)

dados elaborados: Kiehn, O. L. - Engº Agrº

6- População e Mão-de-Obra

6.1- População

Na década de 1960-70, observou-se no Estado de Santa Catarina uma diminuição relativa da população rural, verificando-se uma taxa de crescimento da ordem de 1,3%, enquanto a população urbana se expandiu a uma taxa de 5,5%. Considerando que a taxa média estadual no mesmo período foi de 2,9%, pode-se supor que o êxodo rural foi, no mínimo, de cerca de 25 a 28 mil pessoas por ano.

Ao analisar-se a taxa de crescimento da população rural e urbana do Estado a nível mesorregional, período de 1975-1980 (tabela nº11), observa-se que a Mesorregião de Florianópolis, apresenta uma taxa de 4,0%, a mais elevada do Estado, com o meio urbano crescendo em 5,0% e o rural em 1,3%. Por outro lado, a menor taxa observada no Estado, foi na Mesorregião 6, composta pela Microrregião Colonial Serrana Catarinense, com 1,6%, na qual a população do meio rural cresceu em 3,0%, enquanto o urbano ficou em 1,3%.

Tabela nº 11

Projeção de Taxas de Crescimento Demográfico por Mesorregião,
Santa Catarina, 1975-1980

Mesorregião	Total	Rural	Urbana
1	2,6	2,2	3,5
2	2,6	1,2	4,0
3	2,5	1,3	3,8
4	2,2	1,3	3,6
5	4,0	1,3	5,0
6	1,6	1,3	3,0
7	3,8	1,2	5,5
8	1,9	1,2	2,8
SC	3,0	1,6	4,5

Fonte: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, vol.3)

Ao analisar o contingente populacional de Santa Catarina por faixa etária (tabela 12), identifica-se o maior número de pessoas localizadas na faixa compreendida entre 15 e 59 anos de idade, onde concentra aproximadamente 50% da população do Estado.

No que tange a distribuição da população catarinense por sexo, observa-se uma leve diferença favorecendo ao sexo masculino na população rural, participando com 48,66%, enquanto no setor urbano ocorre o inverso com a população do sexo feminino participando em 54,02%.

Tabela nº 12

Estrutura da População Catarinense por Sexo e Idade, 1970

Mesorre- gião	I d a d e (*)											
	0 a 9		10 a 14		15 a 59		60 a 69		69 +			
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
1	124.415	120.049	51.415	50.615	182.958	176.549	8.491	7.613	3.974	3.997		
2	55.948	54.456	22.948	82.843	82.843	82.069	4.134	3.616	2.219	2.049		
3	53.198	51.835	24.609	24.283	81.390	82.532	4.142	4.427	2.314	2.694		
4	25.759	25.054	11.911	11.763	40.782	41.782	2.681	2.683	1.452	1.663		
5	39.929	38.236	17.566	17.391	68.674	71.087	4.430	4.926	2.277	3.251		
6	12.147	11.746	5.459	5.269	18.684	17.671	1.192	1.138	681	786		
7	119.224	114.474	52.764	51.364	206.549	206.270	14.115	13.796	7.683	8.407		
8	31.204	30.900	13.614	13.308	52.118	50.639	3.643	3.156	1.882	1.749		
Estado	461.824	446.750	200.207	196.941	733.998	727.899	42.828	41.355	22.482	24.596		

(*) Excluída a população de idade ignorada (2.854 pessoas)

Fonte: Censo Demográfico de Santa Catarina - 1970

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Quanto ao contingente populacional existente no Estado de Santa Catarina, segundo estimativas da Fundação IBGE, em 1979 foi da ordem de 3.767 milhões de habitantes. Desse total cerca de 50,2% vivem na área rural (Tabela nº 13). Como conclusão, cabe salientar que "o processo de colonização dirigida, que prevaleceu na maioria das regiões do Estado, tem levado a um contínuo fracionamento da propriedade rural e conseqüentemente a uma limitação da renda do agricultor. Este, desestimulado, vem migrando para as cidades de médio porte que polarizam as diversas microrregiões".⁽¹⁾

Tabela nº 13

População Total, Urbana e Rural - Santa Catarina, 1975-80

A n o	População - em 1000 pessoas					
	Total	%	Urbana	%	Rural	%
1975	3.351,4	100,0	1.573,7	47,0	1.777,7	53,0
1976	3.449,8	100,0	1.644,3	47,7	1.805,5	52,3
1977	3.551,7	100,0	1.718,0	48,4	1.833,7	51,6
1978	3.657,4	100,0	1.795,1	49,1	1.862,3	50,9
1979	3.767,0	100,0	1.875,6	49,8	1.891,4	50,2
1980	3.880,7	100,0	1.959,7	50,5	1.921,0	49,5

Fonte: Fundação IBGE

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

(1) CEPA/SC. Estudos básicos para o planejamento do desenvolvimento agrícola e rural. Florianópolis, 1978/79.
v. 2, 3, 5

6.2- Mão-de-Obra

Ao analisar-se o comportamento do pessoal ocupado por estrato de área em Santa Catarina (tabela nº 14), observa-se que nos estratos de 1000 a mais hectares, encontram-se 4,8 pessoas para cada 1000 hectares, enquanto no estrato de área inferior a 5 hectares, encontram-se 929,5 pessoas ocupadas para cada 1000 hectares. Evidenciando-se portanto, que os estratos de áreas menores são mais absorvedores de mão-de-obra.

Cabe salientar, que uma menor absorção de mão-de-obra nos estratos de área maior, não significa utilização mais intensiva de capital.

Associando-se a ocupação de mão-de-obra e a utilização de tratores e de insumos segundo as classes de áreas, verifica-se porque, no caso de Santa Catarina, as pequenas propriedades são as que apresentam os maiores rendimentos por hectare e apresentam o maior volume de produção em termos absolutos (80% da produção provém dos imóveis com menos de 50 hectares). É que além de apresentarem maior número de pessoas ocupadas, os estratos de áreas menores apresentam uma utilização mais intensiva de capital.

Tabela nº 14

Pessoal Ocupado Segundo as Classes de Área - Santa Catarina, 1970

Grupos de Área Total (ha)	Pessoal Ocupado por Sexo			Pessoal Ocupado Por Hectare		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Menor de 5	88.917	52.031	36.886	0,9299	0,5409	0,3890
5 a 10	108.839	63.582	45.257	0,4456	0,2603	0,1852
10 a 20	201.921	117.482	84.439	0,02561	0,1490	0,1071
20 a 50	251.853	149.197	102.656	0,1373	0,0813	0,0560
50 a 100	67.811	42.460	25.351	0,0687	0,0430	0,0257
100 a 200	21.741	14.716	7.025	0,0327	0,0221	0,0106
200 a 500	12.581	9.505	3.076	0,0156	0,0118	0,0038
500 a 1000	4.836	3.867	969	0,0082	0,0065	0,0017
1000 e mais	4.854	4.213	641	0,0048	0,0042	0,0006
Total	763.353	457.053	306.300	0,1085	0,0650	0,0435

Fonte: Dados brutos: FIBGE (Censo Agropecuário de Santa Catarina, 1970)

Dados Trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v. 3, 1978)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

A tabela 15, permite uma idéia da importância que tinha o setor agrícola na ocupação da mão-de-obra no Estado.

Segundo estimativas da Fundação IBGE, através do Plano Nacional de Amostras de Domicílio - PNAD, 1976 - a população urbana ocupada de Santa Catarina em 1970, era de 664.730 pessoas.

"Ainda em 1970, era de 20%, 37% e 36%, respectivamente para o Meio e Extremo Oeste, Planalto e Litoral, a taxa de excedente aparente de mão-de-obra. Neste caso, as áreas críticas seriam o Planalto e Litoral. Apesar da semelhança dos coeficientes, muito possivelmente, as explicações seriam de natureza diferente. Mantidas as condições verificadas em 1970, na atualidade, as áreas críticas continuariam a ser as mesmas.

Uma conclusão importante sobre mão-de-obra é que deve ser preocupação das autoridades a elevada taxa de excedente aparente de mão-de-obra, apesar de declinante.

Tabela nº 15

Balanço de Mão-de-Obra do Setor Primário de Santa Catarina, 1970-1985

Variável \ Ano	1970	1975	1980 (*)	1985 (*)
Mão-de-Obra Disponível (Pop. em idade ativa) (1)	1.106.781 pes. 709.760 EH	1.181.163 pes 757.460 EH	1.275.619 pes 818.033EH	1.379.219 pes. 884.470 EH
Pessoal Ocupado (2)	763.501 pes. 489.866 EH	866.070 pes 555.674 EH	982.418 pes 630.324EH	1.085.144 pes. 696.234 EH
Excedente Aparente de Mão-de-Obra (1) - (2) = (3)	343.280 pes. 219.894 EH	315.093 pes 201.838 EH	293.201 pes 187.815EH	294.075 pes. 188.375 EH
Mão-de-Obra Necessária (4)	...	594.039 pes 380.533 EH	730.346 pes 467.929 EH	845.860 pes. 541.938 EH
Mão-de-Obra Sub-Ocupada (2) - (4) = (5)	...	272.031 pes 175.152 EH	252.072 pes 162.395 EH	239.284 pes. 154.296 EH
Taxa de Ocupação (2)/(1) = (6) (em %)	69,0	73,0	77,0	78,0
Taxa de Sub-Ocupação (5)/(1) = (7) (em %)	...	23,0	20,0	17,0
Taxa de Ocupação Necessária (4)/(1) = (8) (em %)	...	50,0	57,0	61,0
Taxa de Excedente Aparente de Mão-de-Obra (3)/(1) = (9); (em %)	31,0	27,0	23,0	22,0

EH - equivalente homem

(*) Projeção: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: Dados Brutos: FIBGE (Censos Agrícolas de 1960 e 1970, e Resultados Preliminares do Censo Agrícola de 1975).

Dados Trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

7 - Renda

Segundo menção do documento "Estudos Básicos" (1), o setor agropecuário de Santa Catarina vem perdendo terreno, em termos relativos, na formação da renda interna total estadual, podendo se verificar através das estatísticas existentes, taxas declinantes nos anos de 1960, 1965, 1970, 1975 e 1977, com 43,90%; 41,88%; 23,69%; 23,12% e 21,01%, respectivamente. Em relação a região Sul, o setor agrícola catarinense participou com 18,16% (1960); 15,22% (1965); 16,48% (1970) e 17,13% (1975).

Quanto a soma da renda interna dos setores, Santa Catarina contribuiu relativamente na região Sul com 13,96% (1960); 11,33% (1965); 16,05% (1970) e 18,83% (1975) (Tabela nº 16).

Do exposto na Tabela nº 16, permite verificar que há uma tendência à melhoria relativa da participação da renda interna total catarinense na região Sul. Isto de modo algum subestima a importância do setor agrícola catarinense na geração de sua renda interna total, pois os demais setores crescem também devido a participação do setor agrícola. Visto que, sem dúvida, o crescimento de cada setor não se dá de forma estanque. As relações intersetoriais representam a própria dinâmica de complementação de um sistema econômico.

Quanto ao ritmo de crescimento real observado no período 1949-1977 tomando-se por base o ano de 1949 (a preços de 1977), constata-se que o setor agrícola catarinense cresceu 88,8% em 1960; 97,3% em 1965; 147,8% em 1970; 277,5% em 1975 e 316,8% em 1977.

Ao observar-se o comportamento da renda interna total, tendo como base igualmente o ano de 1949, verifica-se que a economia catarinense cresceu 72,2% em 1960; 86,4% em

(1) CEPA/SC. Estudos básicos para o planejamento do desenvolvimento agrícola e rural. Florianópolis, 1978. v. 1

1965; 326% em 1970; 634,3% em 1975 e 820,2% em 1977 (Tabela nº 17).

Ao analisar o desempenho da renda interna de Santa Catarina, pelo ângulo das taxas médias de crescimento, constata-se ter havido defasagem entre a taxa de crescimento da renda interna total e a renda interna do setor agrícola, o que seria de esperar pelos modelos observados em países desenvolvidos. Todavia, não tem ocorrido, paralelamente, o fenômeno do setor agrícola possuir mão-de-obra rural ocupada proporcionalmente menor do que a urbana. Com efeito, tomados os dados censitários da Fundação IBGE, referentes a 1970, o setor agrícola ocupava 79,42%, enquanto o urbano (comercial + industrial + serviços) absorvia somente 20,58% do total da população ocupada no Estado (961.471 pessoas). Diante disto, verifica-se que gradativamente - em termos de geração de renda - o setor agrícola torna-se menos importante e paradoxalmente é o setor que absorve relativamente maior contingente de mão-de-obra.

Ainda com relação a renda interna total percebe-se que as taxas de crescimento médio anual real de Santa Catarina são superiores às da região Sul. Isto não é igualmente válido quando se compara as diferentes taxas do setor agrícola catarinense, constatando-se uma menor taxa.

Cabe salientar que as taxas geométricas médias anuais da renda agrícola, no período 1949-1975 foram de 6,3% e 5,2%, respectivamente para a região Sul e Santa Catarina.

No período recente, 1975-77, enquanto a taxa de crescimento médio da renda interna real do Estado atingiu 11,9% ao ano, a renda agrícola cresceu a uma taxa de 5,1% ao ano (Tabela nº 18).

Este crescimento de 5,1%, apesar de menor do que o do Brasil, considerando que a taxa de crescimento da população rural foi de 1,2% ao ano, representou 3,9% "per capita" ano. Isto, sem dúvida, representa a capacidade que tem o setor de gerar um excedente agrícola não desprezível. Por outro lado, este crescimento teria sido capaz de, com sobra, atender ao ritmo de crescimento da

população total do Estado, estimado em 2,8% ao ano. Todavia, se considerar a) 0,5 do coeficiente de elasticidade-renda da demanda global estadual, para produtos originários do setor agrícola; b) que a renda interna "per capita" cresceu no período, a uma taxa média de 7,1% ao ano; c) que em igual período a população cresceu 2,8% ao ano. Então, o acréscimo da procura global média do Estado no período foi de 6,3% ao ano. Em consequência, não é de se surpreender a atual crise de abastecimento, pois no caso estadual, apesar do crescimento de 5,1% ao ano da renda real agrícola, no período, o crescimento da demanda global teria atingido a 6,3% ao ano.

7.1 - Apropriação da Renda Pessoal

Quanto a renda interna urbana total "per capita", Santa Catarina apresentou valores médios superiores aos verificados na região Sul.

É conveniente frisar que este é apenas um indicador econômico de bem estar. Muitos outros indicadores, inclusive sociais, como por exemplo, nível de escolarização, relação médicos/habitantes, leitos/habitantes, etc., seriam de extrema utilidade neste tipo de análise. Porém, o indicador de renda "per capita" é sabidamente um indicador médio. Logo, não se leva em conta como variam os valores em torno da média (Tabela nº 19).

Entretanto, tentou-se estimar a estrutura de distribuição de renda da população catarinense através da Pesquisa Nacional sobre Amostra de Domicílios/Fundação IBGE. Para tanto utilizou-se as informações de pessoal ocupado e rendimento mensal, da região Sul, na semana de referência, em 1976. Admitiu-se que a estrutura da distribuição de rendimento de Santa Catarina é a mesma que a da região Sul. Logo, estimou-se esta estrutura de distribuição ponderando a população de Santa Catarina frente a região Sul (Tabela nº 20).

Supondo válida a estimativa, resumidamente, pode-se a firmar:

- a) considerando a população ocupada urbana e rural, os estratos que percebem até dois salários mínimos mensais, representam 50% da população ocupada; os que percebem mais de dois salários mínimos, até dez, representam 22% da população ocupada; os que auferem mais de dez salários mínimos, representam apenas 3% da mesma popula -
ção. É digno de nota que 344.662 pessoas (24%) estariam ocupadas, todavia não auferiram nenhum rendimento. Destas, 95% teriam origem no setor rural.
- b) considerando apenas população ocupada rural: os estratos que auferem até dois salários mínimos mensais representam 43% da população ocupa
da rural; os que percebem mais de dois salários até dez, representam apenas 13% da mesma popula
ção; os que auferem mais de dez salários mínimos representam o percentual pequeno de 1%.

7.2 - Apropriação da Renda a Nível Regional

Ao analisar-se a apropriação da renda interna do ponto de vista das diferentes Microrregiões e Mesorregiões do Estado, constata-se a predominância da Mesorregião 1 (Colo -
nial do Rio do Peixe e Colonial do Oeste Catarinense).

Concretamente, a participação desta Mesorregião na formação da renda interna agrícola atingiu em 1970, 43,65%. Segue-se a Mesorregião 7 (Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Colonial de Itajaí do Norte e Colonial do Alto Itajaí), com participação de 18,83%. A mesorregião 2 (Campos de Lages e Campos de Curitibanos) com 12,68%. Finalmente a Mesorregião 3 (Carbonífera e Colonial Sul Catarinense), com 10% da participação na renda interna agrícola.

Outros indicadores do setor agrícola catarinense apenas reforçam estas conclusões. Em suma, o desenvolvimento da agricultura catarinense faz-se de forma fortemente concentradora em termos regionais. Isto por si só não evidenciaria a situação relativa desvantajosa das demais Mesorregiões (4, 5, 6 e 8) se o desenvolvimento fosse dependente do setor agrícola. Pode-se perceber que tais Mesorregiões se dedicam preponderantemente a atividades agrícolas ou a atividades do setor agrícola (Tabela nº 21).

Tabela nº 16

Evolução da Renda Interna da Agricultura e Total - Região Sul e Santa Catarina, 1960 - 1977

(em Cr\$ 1.000 correntes)

Renda	AGRICULTURA					TOTAL				
	Região Sul		Santa Catarina		Relações %	Região Sul		Santa Catarina		Relações %
	Absoluto (1)	%	Absoluto (2)	%	(1)/(2)	Absoluto (3)	%	Absoluto (4)	%	(3)/(4)
Ano										
1960	143.018	33,75	25.979	43,90	18,16	423.774	100	59.179	100	13,96
1965	1.836.251	30,56	285.018	41,88	15,52	6.008.626	100	680.514	100	11,33
1970	6.056.001	23,04	998.000	33,69	16,48	26.247.902	100	4.212.800	100	16,05
1975	36.424.666	25,42	6.239.000	23,12	17,13	143.309.111	100	26.990.900	100	18,83
1977	...		13.580.200	21,01		...		64.651.800	100	

Fonte: FGV (1949-1970) Conjuntura Econômica, v. 25 (nº 9)- 1971 e v. 31 (nº 7)- 1977

Fundação ITEP (1970-1977)-(dados brutos)

Elaboração: SNA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 17

Evolução da Renda Interna Real da Agricultura e Total - Região Sul e
Santa Catarina, 1949-1970
(em Cr\$ 1.000 de 1977*)

Renda	A G R I C U L T U R A						T O T A L					
	Região Sul		Santa Catarina		Região Sul		Santa Catarina		Região Sul		Santa Catarina	
	RI real	Relativo RI real Base imó (1970=100) vel variação)	RI real	Relativo RI real Base imó (1970=100) vel variação)	RI real	Relativo RI real Base imó (1970=100) vel variação)	RI real	Relativo RI real Base imó (1970=100) vel variação)	RI real	Relativo RI real Base imó (1970=100) vel variação)	RI real	Relativo RI real Base imó (1970=100) vel variação)
Ano												
1949	17.513.137	100,00	-	3.258.114	100,00	-	41.777.853	100,00	-	7.025.765	100,00	-
1960	33.866.446	193,38	8,37	6.151.788	188,81	29,93	84.197.620	201,54	11,83	12.099.019	172,21	10,28
1965	41.424.179	236,53	15,57	6.429.751	197,34	1,44	111.392.149	266,63	10,58	13.096.794	186,41	1,84
1970	42.144.107	240,64	-11,20	8.074.434	247,82	0,03	151.584.643	362,83	3,67	29.947.163	426,25	30,37
1975	86.628.660	494,65	4,63	12.298.443	377,47	7,24	299.817.510	717,65	9,11	51.590.493	734,30	10,02
1977	...			13.580.200	416,81	6,69	...			64.651.800	920,21	10,11

(*) Inflator (col 17, da Conjuntura Econômica)

Fonte: dados brutos: FGV (Conj. Econômica)

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v. 5, 1979)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Taxa Anual de Crescimento da Renda Interna Total e Agrícola da Região Sul e Santa Catarina, 1949-1977.

Unid. espacial/Se- tor	Região Sul		Santa Catarina	
	Total	Agrícola	Total	Agrícola
1949/60	8,9	8,2	6,4	7,8
1949/75	7,8	6,3	8,0	5,2
1949/77	8,2	5,2
1960/65	0,6	4,1	0,2	0,9
1965/70	6,3	0,3	17,99	4,66
1970/75	14,6	15,5	11,49	8,78
1970/77	11,62	7,71
1975/77	11,90	5,1

Fonte: dados brutos: FGV (Conjuntura Econômica)

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA/SC (Estudos Básicos,
v.5, 1979)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 19

Renda Interna "Per Capita" Rural, Urbana e Total -
Região Sul e Santa Catarina, 1970-1977

Renda "Per Capita"	Região Sul			Santa Catarina		
	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total
Ano						
1970	4.584,3	14.984,9	9.198,0	4.876,7	17.554,3	10.320,5
1975	8.467,5	23.615,	15.568,3	6.918,2	24.967,9	15.393,7
1977	7.521,6	29.787,3	18.353,9

Fonte: dados brutos: FGV

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA/SC (Estudos Básicos, v. 5, 1979)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 20

Pessoal Ocupado e Rendimento (1) Mensal, em Santa Catarina, na Semana de Referência, 1976

	até 1/2 1/2 a 1	de 1/2 a 1	+ de 1 a 2	+ de 2 a 5	+ de 5 a 10	+ de 10 a 20	+ de 20	s/ rend.	s/ decl.	Total
TOTAL										
Rendimento (rem. e outras receitas)	94.253 (0,06)	254.224 (0,18)	381.850 (0,26)	247.878 (0,17)	79.072 (0,05)	39.545 (0,03)	4.177 (0,0)	344.662 (0,24)	2.668 (0,0)	1.448.329 (1,00)
POPULAÇÃO URBANA										
Rendimento (rem. e outras receitas)	44.968 (0,07)	126.167 (0,19)	212.747 (0,33)	159.573 (0,24)	59.825 (0,09)	32.788 (0,05)	1.310 (0,0)	20.782 (0,03)	1.570 (0,0)	664.730 (1,00)
POPULAÇÃO RURAL										
Rend. Ocup. e Princ.	52.675	131.746	162.177	83.288	16.799	5.544	2.693	327.576	1.098	783.596
• em dinheiro	29.153	86.069	123.659	70.778	15.658	5.240	2.448	-	-	333.005
• em produtos ou mercadorias	5.297	14.492	15.035	6.191	726	183	186	-	-	42.110
• em serviços	-	-	-	-	-	-	-	180	-	180
• em remuneração	-	-	-	-	-	-	-	327.396	-	327.396
• + de 1 espécie de remuneração	18.225	31.185	23.483	6.319	415	121	59	-	544	80.351
• em declaração	-	-	-	-	-	-	-	-	554	554
remuneração da ocupação principal e de outras ocupações	51.750	130.005	163.669	85.332	17.940	6.153	2.751	324.898	1.098	783.596
rendimento (rem. e outras receitas)	49.285 (0,06)	128.057 (0,16)	164.103 (0,21)	88.305 (0,11)	19.247 (0,02)	6.757 (0,01)	2.867 (0,0)	323.880 (0,41)	1.098 (0,0)	783.599 (1,00)

(1) Expresso em salário mínimo de Cr\$ 768,00 mensais

Fonte: dados brutos: PNAD, 1976

Elaboração e estimativa: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v.5, 1979)

Tabela nº 21

Produto Interno Líquido a Custo de Fatores, a Nível
de Mesorregião - Santa Catarina, 1970

Mesorregião	V a l o r	
	Absoluto	Relativo
1	3.524,8	43,65
2	1.023,7	12,68
3	805,9	10,00
4	298,8	3,70
5	147,4	1,81
6	239,0	2,96
7	1.521,1	18,83
8	514,1	6,37
SC	8.074,9	100,00

Fonte: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v. 1, 1978)

8 - Armazenamento

Santa Catarina dispunha em 1978, segundo o Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras da CIBRAZEM (Tabela nº 22), de uma capacidade estática de armazenagem a meio ambiente de 1.485.633 toneladas. Deste total, 8,3% representa a participação de unidades do Governo, as cooperativas com 24,3% e as unidades armazenadoras de particulares com 67,4%.

A nível de Mesorregião, observa-se que a Mesorregião 1 possui uma capacidade estática de 755.350 toneladas, com 50,84% da capacidade total de armazenagem do Estado, seguida pela Mesorregião 7, com uma capacidade estática de 346.905 toneladas, ou seja, 23,35%. Esta participação deve-se ao fato de a primeira ser a maior produtora de cereais e a segunda por apresentar um expressivo parque de beneficiamento de cereais, bem como dois importantes portos marítimos.

As Mesorregiões 3, 4, 2, 8, 6 e 5, participaram com 9,54%, 5,45%, 5,21%, 2,70%, 2,0% e 0,9%, respectivamente, sendo as unidades armazenadoras pertencentes a pequenas agroindústrias, cooperativas de produção e principalmente atacadistas.

As unidades armazenadoras das cooperativas se constituem, via de regra, de armazéns convencionais (de alvenaria) que permitem, somente operações com produtos ensacados. Fazem exceção as cooperativas localizadas no Planalto de Curitiba, Vale do Rio do Peixe e Oeste Catarinense.

Com relação a capacidade de estocagem em meio artificial em 1978, conforme informações da CENCA/CIBRAZEM, o Estado conta com uma capacidade a frio na ordem de 32.314 toneladas, possuindo 44 unidades frigoríficas, sendo uma para beneficiamento de leite, com capacidade para 200 toneladas; 13 câmaras frias em entrepostos de pesca, podendo estocar 2.986 toneladas e 30 câmaras frigoríficas para resfriamento, congelamento e estocagem de carnes de aves, suínos e bovinos, com capacidade de 29.128 toneladas.

De uma maneira geral, as unidades armazenadoras não apresentam condições favoráveis à estocagem, principalmente as convencionais e os chamados depósitos, chegando a quebras de armazenagem a patamares de até 12% em determinados casos.

Segundo informações de técnicos ligados ao setor, cerca de 50% dessas instalações armazenadoras não apresentam condições de operação, havendo necessidade de adequá-las de acordo com o aumento da procura de estocagem, devido ao aumento das safras e da comercialização dos produtos.

As unidades armazenadoras denominadas de intermediárias ou de beneficiamento não apresentam ociosidade no seu uso, porém, as instalações coletoras, apresentam ociosidade nos períodos fora das colheitas ou nos anos em que ocorrem quedas de produção nas safras.

Capacidade Estática de Armazenagem de Cereais, Santa Catarina, 1978

Mesorregião	Entidade	Granel								Sacarias						Totais	
		Silo		Bateria		Graneleiro		Total		Convencional		Depósito		Total		(Granel+Sacaria)	
		Unid.	t	Unid.	t	Unid.	t	Unid.	t	Unid.	t	Unid.	t	Unid.	t	Unid.	t
1	Oficial	2	5.258	1	2.530	-	-	3	7.788	8	15.420	2	697	10	16.117	13	23.905
	Cooperativa	5	40.180	-	-	10	112.940	15	153.120	22	85.055	13	10.149	35	95.204	50	248.324
	Particular	29	144.583	12	32.099	17	163.609	58	360.091	57	97.887	43	25.143	100	123.030	156	483.121
	Total	36	190.021	13	34.629	27	296.349	76	520.999	87	198.362	58	35.989	145	234.351	221	755.350
	Uso Público	9	64.098	4	10.876	13	128.240	26	203.214	37	110.286	28	19.799	65	130.085	91	333.299
	Uso Privado	27	125.923	9	23.753	14	168.109	50	317.785	50	88.076	30	16.190	80	104.266	130	422.051
2	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-	2	6.900	-	-	2	6.900	2	6.900
	Cooperativa	1	13.200	-	-	1	10.368	2	23.568	2	3.240	1	5.199	3	8.439	5	32.007
	Particular	2	3.362	-	-	3	30.492	5	33.854	3	3.083	4	1.560	7	4.643	12	38.497
	Total	3	16.562	-	-	4	40.860	7	57.422	7	13.223	5	6.759	12	19.982	19	77.404
	Uso Público	1	13.200	-	-	1	10.368	2	23.568	4	10.140	1	5.199	5	15.339	7	38.907
	Uso Privado	2	3.362	-	-	3	30.492	5	33.854	3	3.083	4	1.560	7	4.643	12	38.497
3	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2.700	-	-	1	2.700	1	2.700
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-	7	15.837	3	7.488	10	23.325	10	23.325
	Particular	1	9.960	-	-	-	-	1	9.960	26	64.796	23	40.844	49	105.640	50	115.600
	Total	1	9.960	-	-	-	-	1	9.960	34	83.333	26	48.332	60	131.665	61	141.625
	Uso Público	-	-	-	-	-	-	-	-	11	32.537	3	7.488	14	40.025	14	40.025
	Uso Privado	1	9.960	-	-	-	-	1	9.960	23	50.796	23	40.844	46	92.640	47	101.600
4	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	900	-	-	1	900	
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-	2	6.900	-	-	2	6.900	2	6.900
	Particular	-	-	-	-	-	-	-	-	12	36.419	17	36.701	29	73.120	29	73.120
	Total	-	-	-	-	-	-	-	-	14	43.319	18	37.601	32	80.920	32	80.920
	Uso Público	-	-	-	-	-	-	-	-	5	33.300	2	2.358	7	35.658	7	35.658
	Uso Privado	-	-	-	-	-	-	-	-	9	10.019	16	35.243	25	45.262	25	45.262
5	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1.249	-	-	1	1.249	1	1.249
	Particular	-	-	1	220	-	-	1	220	1	300	5	11.550	6	11.850	7	12.070
	Total	-	-	1	220	-	-	1	220	2	1.549	5	11.550	7	13.099	8	13.319
	Uso Público	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1.249	-	-	1	1.249	1	1.249
	Uso Privado	-	-	1	220	-	-	1	220	1	300	5	11.550	6	11.850	7	12.070
6	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Cooperativa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Particular	-	-	1	1.936	-	-	1	1.936	2	18.600	1	9.480	3	28.080	4	30.016
	Total	-	-	1	1.936	-	-	1	1.936	2	18.600	1	9.480	3	28.080	4	30.016
	Uso Público	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Uso Privado	-	-	1	1.936	-	-	1	1.936	2	18.600	1	9.480	3	28.080	4	30.016
7	Oficial	-	-	-	-	1	60.000	1	60.000	5	27.420	1	1.560	6	28.980	7	61.060
	Cooperativa	1	5.736	-	-	-	-	1	5.736	5	10.256	2	3.732	7	13.928	8	19.724
	Particular	6	27.871	3	14.842	6	33.974	15	76.667	30	89.353	39	72.161	69	161.514	84	238.201
	Total	7	33.607	3	14.842	7	93.974	17	142.423	40	127.029	42	77.453	82	204.482	99	349.715
	Uso Público	1	5.736	-	-	1	60.000	2	65.736	11	47.678	5	6.772	16	56.450	18	122.128
	Uso Privado	6	27.871	3	14.842	6	33.974	15	76.687	29	79.351	37	68.681	66	148.032	81	224.719
8	Oficial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Cooperativa	-	-	-	-	5	19.146	5	19.146	5	6.416	3	3.977	8	10.393	13	29.539
	Particular	3	3.135	-	-	-	-	3	3.135	1	300	7	7.120	8	7.420	11	10.555
	Total	3	3.135	-	-	5	19.146	8	22.281	6	6.716	10	11.097	16	17.813	24	40.094
	Uso Público	1	307	-	-	5	19.146	6	19.453	5	6.416	4	5.777	9	12.193	15	31.646
	Uso Privado	2	2.828	-	-	-	-	2	2.828	1	300	6	5.220	7	5.620	9	8.448
SC	Oficial	2	5.258	1	2.530	1	60.000	4	67.788	16	52.440	4	3.157	20	55.597	24	123.385
	Cooperativa	7	59.116	-	-	16	142.454	23	201.570	44	128.953	22	30.545	56	159.498	80	351.058
	Particular	41	180.911	17	49.097	26	247.875	84	485.833	132	310.738	139	204.559	271	515.297	355	1.011.160
	Total	50	253.285	18	51.627	43	450.329	111	755.241	152	492.131	165	238.261	357	730.392	468	1.445.633
	Uso Público	12	83.341	4	10.876	20	217.754	35	311.971	74	241.006	43	49.203	117	290.209	153	611.470
	Uso Privado	38	169.944	14	40.751	23	232.575	75	443.270	78	250.525	122	189.058	240	439.183	315	834.163

Fonte: CIBRAZEM

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC.

9 - Eletrificação Rural e Consumo de Energia Elétrica

A eletrificação rural é executada de forma "sui generis", em função das condições minifundiárias das propriedades agrícolas do Estado, pela Eletrificação Rural de Santa Catarina S/A - ERUSC. Tem como objetivo promover e explorar a distribuição da energia elétrica rural no Estado, contando com a estrutura de apoio do sistema cooperativista e da concessionária estadual. Sua área de atuação abrange todo o território catarinense. Os investimentos totais para instalação e distribuição de energia elétrica entre a população rural é subsidiado em 80% com recursos federal e estadual, Cabem aos associados do sistema cooperativista participar com os 20% restantes do montante. Em 1979 as atividades da Erusc, foram ampliadas para outros setores energéticos.

A construção de linhas de distribuição de energia elétrica pela Erusc no período 1975-78 somaram 4.861 km de linhas energizadas, crescendo 132%. As previsões para 1979-80 é de instalar 11.097 km de linhas. Segundo a mesma fonte (Erusc), o número de consumidores cooperativados cresceu em 146% nos últimos cinco anos e o consumo "per capita" Kw/h no mesmo período foi de 89%, passando de 23,4 Kw/h para 44,1 Kw/h (Tabela nº 23).

Analisando os dados fornecidos pela Eletrbrás, constata-se que o consumo de energia elétrica em relação a população rural total em Santa Catarina, no mesmo período, cresceu em 48%, enquanto no Brasil foi de 32% (Tabela nº 24).

Tabela nº 23

Consumo de Energia Elétrica, População Rural, Consumo "per capita" - Santa Catarina, 1975-79

A n o	Número Consumidores Cooperativados	Consumo Kw/h	Consumo "per capita" Consumidor Cooperativado (Kw/h)	População Rural Envolvida	Consumo "per capita" (kw/h)	População Rural Total	Consumo "per capita" (kw/h)
1975	28.463	41.546	1.460	142.315	291,93	1.777.700	23,37
1976	36.221	49.818	1.375	181.105	275,08	1.805.500	27,60
1977	43.013	52.925	1.230	215.065	246,09	1.833.700	28,87
1978	60.849	66.341	1.090	304.245	218,06	1.862.400	35,63
1979	70.000	83.440	1.192	350.000	238,40	1.891.500	44,12

Fonte: ERUSC e FIBCE

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 24

Consumo "Per Capita" de Energia Elétrica no Meio Rural nos Estados da Região Sul, São Paulo e Brasil, 1975-78

Estado	1 9 7 5			1 9 7 6			1 9 7 7			1 9 7 8			1975/78		
	População Rural	Consumo Mw/h	Consumo "Per Capita" Kw/h	População Rural	Consumo Mw/h	Consumo "Per Capita" Kw/h	População Rural	Consumo Mw/h	Consumo "Per Capita" Kw/h	População Rural	Consumo Mw/h	Consumo "Per Capita" Kw/h	Consumo	Aumento % do	Aumento % da População
	PR	5.247.300	72.654	13,85	5.433.800	74.655	13,74	5.627.000	95.596	16,99	5.827.000	116.584	19,91	44	44
SC	1.777.700	84.000	47,26	1.805.500	106.278	58,87	1.833.700	130.841	71,36	1.862.400	129.571	69,58	48	48	5
RS	3.205.700	69.018	21,53	3.223.300	54.224	16,83	3.241.000	90.211	27,84	3.258.800	167.680	51,46	139	139	2
SP	2.828.700	400.439	141,57	2.626.400	419.233	159,63	2.438.600	590.819	242,28	2.264.200	568.423	251,05	78	78	(-20)
BR	43.054.700	820.249	19,06	43.413.300	863.737	19,90	43.775.000	1.034.083	23,63	44.139.600	1.105.642	25,05	32	32	3

Fonte: ELETROBRÁS e FIBGE

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

10 - Crédito Agrícola

Ao analisar-se o crédito agrícola aplicado pelas principais instituições financeiras de Santa Catarina, no período 1975-79, observa-se que de 1975 a 1978, o valor médio por contrato de crédito rural diminuiu em 13,4%, devido principalmente à diminuição do valor médio de investimento em pecuária, que decresceu 25,7% e pelo valor médio de comercialização em lavouras em 26,5%, tendo diminuído também para a pecuária em 16,7%.

No primeiro semestre de 1979, os valores médios por aplicação de crédito rural se comportaram com alguma normalidade, excetuando-se o valor médio para comercialização de lavouras, que elevou-se em 107%, em relação ao ano anterior, a preços constantes.

Os recursos destinados à investimentos foram relativamente decrescentes ano a ano, tanto para a lavoura, como para a pecuária, destinando-se os recursos mais para custeio e comercialização.

Uma análise sintética da aplicação de crédito rural no período, evidencia uma sensível diminuição da aplicação de recursos na pecuária, principalmente na área de investimento, tendo diminuído inclusive o número de contratos em 20% e o montante em 40,6%.

O setor agrícola teve seu número de contratos aumentado no período, em 39,3% e o valor aplicado em 20,6%, o que vem confirmar a afirmação inicial da diminuição do valor médio por contrato.

As Tabelas apresentadas a seguir fornecem maiores detalhes quantitativos do montante de crédito aplicado no setor agropecuário catarinense (1975-79).

Tabela nº 25 Crédito Concedido ao Setor Agropecuário Catarinense, 1975

Atividade	Investimento		Custeio		Comercialização		Total	
	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)
1. Lavoura								
Culturas Anuais (*)		5.869	34.846	426.307	1.610	407.076	36.456	839.252
Culturas Perenes	227	28.710	373	10.656	11	27.181	611	66.547
Outras Culturas			1.261	46.785			1.261	46.785
Beneficiamento					86	13.774	86	13.774
Melhoramento das Explorações	11.047	172.195					11.047	172.195
Mãq., Equip. e Veículos	8.541	286.498					8.541	286.498
Outros	1.470	35.775	1	588	41	1.165	1.512	37.528
- Sub-Total	21.285	529.047	36.481	484.336	1.748	449.196	59.514	1.462.579
2. Pecuária								
Aves	1	14.835	210	99.744	208	11.653	419	126.232
Bovinos	1.536	58.411	1.683	60.469	29	2.939	3.248	121.819
Suínos	797	62.634	11.057	156.389	1.766	112.707	13.620	331.730
Outros	20	812	182	16.854			202	17.666
Melhoramento das Explorações	10.464	241.447					10.464	241.447
Mãq., equip. e veículos	3.319	63.503					3.319	63.503
- Sub-Total	16.137	441.642	13.132	333.456	2.003	127.299	31.272	902.397
Total (1 + 2)	37.422	970.689	49.613	817.792	3.751	576.495	90.786	2.364.976

Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC (*) Não foi quantificado o nº de contratos

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 26

Crédito Concedido ao Setor Agropecuário Catarinense, 1976

Atividade	Investimento		Custeio		Comercialização		Total	
	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)
1 - Lavoura								
Culturas Anuais (*)		33.957	50.361	669.932	1.727	516.814	52.088	1.220.703
Culturas Perenes	242	53.121	428	14.222	1	1.830	671	69.173
Outras Culturas			1.894	102.957	399	58.540	2.293	161.497
Beneficiamento					88	20.345	88	20.345
Melhoramento das Explorações	9.163	345.460					9.163	345.460
Máq., Equip. e Veículos	7.269	340.368					7.269	340.368
Outros	1.314	43.014					1.314	43.014
- Sub-Total	17.988	815.920	52.683	787.111	2.215	597.529	72.886	2.200.560
2 - Pecuária								
Aves (*)		99.373	399	260.070	617	162.503	1.016	521.946
Bovinos	1.046	51.056	873	44.538	157	9.426	2.076	105.020
Suínos	500	66.330	11.983	247.862	4.970	310.716	17.453	624.908
Outros	22	1.790	416	22.213			438	24.003
Melhoramento das Explorações	6.408	343.219					6.408	343.219
Maq., Equip. e Veículos	2.023	76.233					2.023	76.233
- Sub-Total	9.999	638.001	13.671	574.683	5.744	482.645	29.414	1.695.329
Total (1+2)	27.987	1.453.921	66.354	1.361.794	7.959	1.080.174	102.300	3.895.889

Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

(*) Não foi quantificado o nº de contratos

Tabela nº 27

Crédito Concedido ao Setor Agropecuário Catarinense, 1977

A t i v i d a d e	Investimento		Custeio		Comercialização		Total	
	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)
1 - Lavoura								
Culturas Anuais	(*)	28.292	52.901	1.009.471	1.454	808.274	54.355	1.846.037
Culturas Perenes	376	85.101	449	33.422	35	99.655	860	218.178
Outras Culturas			2.203	150.444			2.203	150.444
Beneficiamento					83	15.811	83	15.811
Melhoramento das Explorações	7.222	435.516					7.222	435.516
Máq., Equip. e Veículos	6.735	437.579					6.735	437.579
Outros	1.418	67.345	764	69.166	135	37.993	2.317	174.504
- Sub-Total	15.751	1.053.833	56.317	1.262.503	1.707	961.733	73.775	3.278.069
2 - Pecuária								
Aves	1	26.808	309	299.852	962	206.473	1.272	533.133
Bovinos	500	19.137	687	35.619	33	3.142	1.220	57.898
Suínos	814	38.513	10.156	387.786	1	280	10.971	426.579
Outros	22	2.514	765	45.814	2.777	290.963	3.564	339.291
Melhoramento das Explorações	7.022	293.665					7.022	293.665
Máq., Equip. e Veículos	1.999	82.750					1.999	82.750
- Sub-Total	10.358	463.387	11.917	769.071	3.773	500.858	26.048	1.733.316
Total (1+2)	26.109	1.517.220	68.234	2.031.574	5.480	1.462.591	99.823	5.011.385

Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC (*) Não foi quantificado o nº de contratos

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC
Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Crédito Concedido ao Setor Agropecuário Catarinense, 1978

Atividade	Investimento		Custeio		Comercialização		Total	
	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)
1 - Lavoura	-	-	61.971	1.971.284	1.880	918.691	63.851	2.889.975
Culturas Anuais	-	-	61.971	1.971.284	1.880	918.691	63.851	2.889.975
Culturas Perenes	478	56.032	641	53.094	36	193.856	1.155	302.982
Outras Culturas			3.058	275.345	311	43.809	3.369	319.154
Beneficiamento					17	19.968	17	19.968
Melhoramento das Explorações	13.737	985.723			1	236	13.738	985.959
Máq., Equip. e Veículos	8.623	654.772					8.623	654.772
Outros	1.986	99.861	1.170	215.929	7	12.085	3.163	327.875
Sub-Total	24.824	1.796.388	66.840	2.515.652	2.252	1.188.645	93.916	5.500.685
2 - Pecuária								
Aves	(*)	32.406	355	417.806	1.181	238.733	1.536	688.945
Bovinos	942	48.477	851	55.855	34	5.393	1.827	109.725
Suínos	554	39.095	13.458	579.003	3.021	383.264	17.033	1.001.362
Outros	1.042	33.642	695	46.989	11	836	1.748	81.467
Melhoramento das Explorações	8.608	468.131					8.608	468.131
Máq., Equip. e Veículos	1.756	110.956					1.756	110.956
Sub-Total	12.902	732.707	15.359	1.099.653	4.247	528.226	32.508	2.460.586
Total (1+2)	37.726	2.529.095	82.199	3.615.305	6.499	1.816.871	126.424	7.961.271

Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

(*) Não foi quantificado o nº de contratos

Tabela nº 29

Crédito Concedido ao Setor Agropecuário Catarinense, 1979(1)

Atividade	Investimento		Custeio		Comercialização		Total	
	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)	Nº Contrato	Valor (Cr\$ 1.000)
1 - Lavoura								
Culturas Anuais	-	-	40.008	2.443.188	725	1.062.135	40.733	3.505.323
Culturas Perenes	330	36.690	549	111.168	44	362.105	923	509.963
Outras Culturas			2.927	315.008	97	67.526	3.024	382.534
Beneficiamento					32	35.393	32	35.393
Melhoramento das Explorações	10.458	511.780					10.458	511.780
Máq., Equip. e Veículos	7.651	773.955					7.651	773.955
Outros	1.011	56.615	470	125.093			1.481	181.708
- Sub-Total	19.450	1.379.040	43.954	2.994.457	898	1.527.159	64.302	5.900.656
2 - Pecuária								
Aves	(*)	1.050	270	504.247	693	144.915	963	650.212
Bovinos	838	62.366	535	110.649	38	10.947	1.411	183.962
Suínos	526	43.328	9.484	665.800	1.180	211.488	11.190	920.616
Outros	740	38.388	382	61.003			1.122	99.391
Melhoramento das Explorações	6.665	549.077					6.665	549.077
Maq., Equip. e Veículos	1.984	153.488					1,984	153.488
- Sub-Total	10.753	847.697	10.671	1.341.699	1.911	367.350	23.335	2.556.746
Total (1+2)	30.203	2.226.737	54.625	4.336.156	2.809	1.894.509	87.637	8.457.402

(1) Referente ao primeiro semestre
 Fonte: dados brutos: BB e BESC

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 30

Crédito Concedido à Agropecuária Catarinense por Atividade, 1975-79

(a preços correntes - Cr\$ 1.000)

A n o	Atividade	Investimento		Custeio		Comercialização		Total	
		Nº Contrato	Valor	Nº Contrato	Valor	Nº Contrato	Valor	Nº Contrato	Valor
1975	Lavoura	21.285	529.047	36.481	483.336	1.748	449.196	59.514	1.462.579
	Pecuária	16.137	441.642	13.132	333.456	2.003	127.299	31.272	902.397
	Total	37.422	970.689	49.613	817.792	3.751	576.495	90.786	2.364.976
1976	Lavoura	17.988	815.920	52.683	787.111	2.215	597.529	72.886	2.200.560
	Pecuária	9.999	638.001	13.671	574.683	5.744	482.645	29.414	1.695.329
	Total	27.987	1.453.921	66.354	1.361.794	7.959	1.080.174	102.300	3.895.889
1977	Lavoura	15.751	1.053.833	56.317	1.262.503	1.707	961.733	73.775	3.278.069
	Pecuária	10.358	463.387	11.917	769.071	3.773	500.858	26.048	1.733.316
	Total	26.109	1.517.220	68.234	2.031.574	5.480	1.462.591	99.823	5.011.385
1978	Lavoura	24.824	1.796.388	66.840	2.515.652	2.252	1.188.645	93.916	5.500.685
	Pecuária	12.902	732.707	15.359	1.099.653	4.247	628.226	32.508	2.460.586
	Total	37.726	2.529.095	82.199	3.615.305	6.499	1.816.871	126.424	7.961.271
1979 (1)	Lavoura	19.450	1.379.040	43.954	2.994.457	898	1.527.159	64.302	5.900.656
	Pecuária	10.753	847.697	10.671	1.341.699	1.911	367.350	23.335	2.556.746
	Total	30.203	2.226.737	54.625	4.336.156	2.809	1.894.509	87.637	8.457.402

(1) Primeiro semestre
 Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
 dados tabulados: SAA-MA/CEPA-SC
 Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 31

Crédito Concedido à Agropecuária Catarinense por Atividade, 1975-79

(a preços de 1978 - em Cr\$ 1.000)

A n o	Atividade	Investimento		Custeio		Comercialização		Total	
		Nº Contrato	Valor	Nº Contrato	Valor	Nº Contrato	Valor	Nº Contrato	Valor
1975	Lavoura	21.285	1.477.787	36.481	1.350.102	1.748	1.254.739	59.514	4.082.628
	Pecuária	16.137	1.233.639	13.132	931.443	2.003	355.584	31.272	2.520.666
	Total	37.422	2.711.426	49.613	2.281.545	3.756	1.610.323	90.786	6.603.294
1976	Lavoura	17.988	1.615.522	52.683	1.558.480	2.215	1.183.107	72.886	4.357.109
	Pecuária	9.999	1.263.242	13.671	1.137.872	5.744	955.637	29.414	3.356.751
	Total	27.987	2.878.764	66.354	2.696.352	7.959	2.138.744	102.300	7.713.860
1977	Lavoura	15.751	1.461.666	56.317	1.751.092	1.707	1.333.924	73.775	4.546.682
	Pecuária	10.358	642.718	11.917	1.066.701	3.773	694.690	26.048	2.404.109
	Total	26.109	2.104.384	68.234	2.817.793	5.480	2.028.614	99.823	6.950.791
1978	Lavoura	24.824	1.796.388	66.840	2.515.652	2.252	1.188.645	93.916	5.500.685
	Pecuária	12.902	732.707	15.359	1.099.653	4.247	628.226	32.508	2.460.586
	Total	37.726	2.529.095	82.199	3.615.305	6.499	1.816.871	126.424	7.961.271
1979 (1)	Lavoura	19.450	887.412	43.954	1.926.933	898	982.727	64.032	3.797.072
	Pecuária	10.753	545.493	10.671	863.383	1.911	236.390	23.335	1.645.266
	Total	30.203	1.432.905	54.625	2.790.316	2.809	1.219.117	87.637	5.442.338

(1) Primeiro semestre

Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Participação Percentual do Crédito Concedido à Agropecuária Catarinense, 1975-79
(Contrato e Valor por Atividade)

A n o	Atividade	C o n t r a t o			V a l o r				
		Invest.	Custeio	Comerc.	Total	Invest.	Custeio	Comerc.	Total
1975	Lavoura	23,44	40,18	1,93	65,55	22,38	20,45	19,00	61,83
	Pecuária	17,78	14,46	2,21	34,45	18,68	14,11	5,38	38,17
	Total	41,22	54,64	4,14	100,00	41,06	34,56	24,38	100,00
1976	Lavoura	17,50	51,39	2,17	71,06	20,94	20,20	15,34	56,48
	Pecuária	9,97	13,36	5,61	28,94	16,38	14,75	12,39	43,52
	Total	27,47	64,75	7,78	100,00	37,32	34,95	27,73	100,00
1977	Lavoura	15,77	56,42	1,71	73,90	21,03	25,19	19,19	61,41
	Pecuária	10,38	11,94	3,78	25,10	9,25	15,35	9,99	34,59
	Total	26,15	68,36	5,49	100,00	30,28	40,54	29,18	100,00
1978	Lavoura	19,64	52,86	1,78	74,28	22,56	31,61	14,93	69,10
	Pecuária	10,21	12,15	3,36	25,72	9,20	13,81	7,89	30,90
	Total	29,85	65,01	5,14	100,00	31,76	45,42	22,82	100,00
1979 (1)	Lavoura	22,19	50,14	1,02	73,40	16,31	35,41	18,06	69,78
	Pecuária	12,27	12,18	2,18	26,60	10,02	15,86	4,34	30,22
	Total	34,46	62,32	3,20	100,00	26,33	51,27	22,40	100,00

(1) Primeiro semestre

Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 33

Crédito Concedido à Agropecuária Catarinense, 1975-79

(Valor Médio por Contrato, a preços de 1978 - Cr\$ 1000)

A n o	Atividade	Investimento	Custeio	Comercialização	Total
1975	Lavoura	69,43	37,01	717,81	68,60
	Pecuária	76,43	70,93	177,53	80,60
	Total	72,46	45,99	428,73	72,73
1976	Lavouras	89,81	29,58	534,13	59,78
	Pecuária	126,34	83,23	166,37	114,12
	Total	102,86	40,63	268,72	75,40
1977	Lavoura	92,80	31,09	781,44	61,63
	Pecuária	62,05	89,51	184,12	92,30
	Total	80,60	41,30	370,19	69,63
1978	Lavoura	72,36	37,64	527,82	58,57
	Pecuária	56,79	71,60	147,92	75,69
	Total	67,04	43,98	279,56	62,97
1979 ⁽¹⁾	Lavoura	45,63	43,84	1.093,35	59,30
	Pecuária	50,73	80,91	123,70	70,06
	Total	47,44	51,08	434,00	62,10

(1) Primeiro semestre

Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

11 - Exportação Internacional de Produtos de Origem Agrícola
"in natura" e/ou Elaborados

A formação de excedentes exportáveis na forma de produtos agrícolas "in natura" e/ou industrializados, está na dependência do melhoramento das condições existentes em portos, estradas, assistência técnica, crédito fácil, estocagem, armazenagem, utilização pelo agricultor de insumos modernos, etc.

O volume de excedentes de produtos agrícolas exportáveis por Santa Catarina, pode ser aumentado através de incorporação de áreas agricultáveis e pelo aumento de produtividade em áreas já cultivadas.

A exportação catarinense de produtos de origem agrícola "in natura" e/ou industrializados no período 1977-79 (1) (tabela nº 34) foi de 1.183.423,3 toneladas, gerando divisas para o Estado de 457,1 milhões de dólares (2). Ao fazer uma análise ano a ano, observa-se que em 1977, as exportações catarinenses foram de 565.779,4 toneladas, representando em termos monetários 185,8 milhões de dólares. A nível de produto, destaca-se a exportação de farelo de soja, participando com 47% no volume total, seguido pelo açúcar refinado com 30% e madeiras (pinho serrado, aplainado, entalhado, compensado, portas, armários, etc) com 12%. Cabe salientar que os produtos de origem vegetal representaram (em 1977), 97,6% do volume total exportado, com participação de 93% dos recursos financeiros gerados. O farelo de soja, fumo

(1) Somente o 1º semestre

(2) Valor FOB

e resíduos, açúcar refinado e madeiras, contribuíram com 28%, 23%, 19% e 14%, respectivamente, do valor exportado. Quanto aos produtos de origem animal, destaca-se a exportação de carne de aves congeladas, participando com 2,3% no volume total. Em 1978, houve um decréscimo nas exportações em relação ao ano anterior de 28%, ocasionado pelos reflexos da estiagem que assolou o território catarinense, nos meses de janeiro e fevereiro daquele ano, resultando numa queda da produção agrícola. A participação quanto a produtos, se alterou, onde as exportações de açúcar refinado em termos percentuais foi de 46%, ficando o farelo de soja e madeiras em 20% cada, do total geral.

Em termos monetários, as exportações de produtos de origem agrícola, geraram em 1978 um montante de 161.358,2 mil dólares representando um decréscimo em relação ao ano anterior de 13,2%.

Desse montante, as exportações de fumo e resíduos, em termos relativos, participaram com 26%, seguido pelo açúcar refinado, 23%; madeiras, 20%; farelo de soja, 10%; e finalmente o óleo de soja com 6%.

Quanto as exportações de produtos de origem animal, destacou-se a carne de aves congelada, com 0,6% do volume total exportado e 1,3% no montante global gerado.

Para 1979, as informações obtidas junto a CACEX, referentes ao primeiro semestre, indicam uma quantidade exportada de 207.765,5 toneladas, num montante de US\$ 109.868 mil.

Exportação Internacional de Produtos de Origem Agrícola "in natura" e/ou Elaborados - Santa Catarina, 1977-79

Discriminação	1977		1978		1979 (1)	
	Quantidade (kg)	Valor FOB (US\$)	Quantidade (kg)	Valor FOB (US\$)	Quantidade (kg)	Valor FOB (US\$)
<u>Origem Vegetal</u>						
Sementes e Mudas	107.643	136.144	62.235	78.189	83	1.733
Flores e Folhagens	107.146	320.684	63.149	212.574	47.864	116.637
Raiz de Mandioca	49.800	12.340				
Arroz sem casca	637.550	310.506	686.855	116.765		1.930.000
Farinhas e Féculas	670.131	403.443	1.892.401	477.133	1.564.308	451.526
Fumo e Resíduos	22.751.089	42.791.153	17.981.533	41.024.553	18.450.864	45.735.904
Açúcar Refinado	170.832.700	34.898.314	188.834.650	35.661.970	55.583.700	10.882.786
Óleo de soja	21.500.000	13.606.079	13.350.000	9.105.768		151.975.296
Farelo de Soja	265.092.000	52.570.137	81.000.000	15.249.097	88.000.000	18.843.499
Palmito em conserva	167.085	265.584	58.456	188.378	30.494	94.214
Doce de banana	203.525	73.811	314.835	109.163	146.698	44.382
Suco de uva	100.000	68.000	636	280		4.628
Abacaxi					6.492	4.911
Óleos essenciais	367.142	1.101.411	158.211	335.769	148.613	549.395
Madeirasas	69.353.984	25.786.959	79.888.095	31.383.655	29.054.563	18.495.191
Erva mate			225.000	142.025	9.853	6.863
Outros produtos vegetais	19.660	11.600	12.150	20.160	61.800	34.560
Sub-Total	551.939.785	172.356.165	384.528.216	134.105.479	193.105.332	95.261.605
						2.143.758.141
<u>Origem Animal</u>						
Carne bovina congelada	149.307	136.719	6.715	16.573	20.000	31.789
Miúdos	212.166	177.529	180.557	128.672	3.968	9.111
Carne de aves congelada	13.340.077	12.778.805	23.137.367	21.056.520	14.328.693	13.348.653
Pescado	64.098	91.065	1.991.236 (2)	5.973.678	141.355	587.111
Couros e peles	74.010	308.185	2.554	28.388	38.029	531.564
Mel natural e cera			31.700	48.865	128.130	97.943
Sub-Total	13.839.658	13.492.303	25.350.119	27.252.696	14.660.175	14.606.171
T o t a l	565.779.443	185.848.468	409.878.335	161.358.175	207.765.507	109.867.776
						2.466.764.005

(1) Período de janeiro a junho
(2) Segundo informações do SERPA/SC
Fonte: BB/CACEX-DIEN e DFA-SC/SERPA
Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

12 - Balanço da Oferta e Demanda de Produtos Agropecuários

Ao se estimar o balanço de oferta e demanda de produtos agropecuários em Santa Catarina para 1980 (Tabela nº 35), procurou-se retratar a situação real do setor, sem levar em consideração as variações possíveis que poderão ocorrer durante todo o transcorrer do ano, tais como estia- gem, geada, granizo, etc., influenciando, direta ou indire- tamente na produção final.

Procurou-se portanto, identificar o comporta- mento da oferta de produtos agrícolas em relação a demanda total, compreendendo este as possíveis perdas normais que poderão ocorrer; além do consumo animal ("in natura"), o hu- mano ("in natura") e o industrial, bem como, a necessidade de reservas para sementes. Detectou-se o saldo final (posi- tivo e/ou negativo) para cada produto.

Cabe frisar ainda, que para a demanda de leite humano "in natura", foi considerado todo o produto consumido sem pasteurização, enquanto na demanda industrial, enquadrou- se o leite normalmente dirigido para as usinas de beneficia- mento.

Balança de Oferta e Demanda de Produtos Agrícolas - Santa Catarina, 1980

P r o d u t o	O f e r t a	D e m a n d a					S a l d o		
		P e r d a s	A n i m a l "In natura"	C o n s u m o		R e s e r v a p a r a S e m e n t e s	T o t a l	"In natura"	I n d .
				A n i m a l "In natura"	H u m a n o "In natura"				
Milho	2.877.000	288.000	208.400	60.000	400.000	22.000	2.854.000	+ 23.000	
Mandioca	1.205.000	12.000	567.000	76.000	550.000	-	1.205.000		
Fumo	144.000	7.000	-	-	-	-	7.000	+137.000	
Arroz	406.850	40.685	-	167.600	-	15.000	223.285	+183.565	
Feijão	158.672	15.880	-	81.100	-	17.000	113.980	+ 44.692	
Trigo	15.760	1.100	-	-	170.000	2.700	173.800		-158.040
Batata-inglesa	181.080	18.100	-	96.000	-	16.000	130.100	+ 50.980	
Cana-de-açúcar	1.255.348	37.660	412.688	-	770.000	35.000	1.255.348		
Soja	636.000	63.600	20.000	-	1.200.000	30.000	1.313.600	-677.600	
Cebola	97.192	19.500	-	15.100	-	-	34.600	+ 62.592	
Tomate	40.442	4.000	-	19.200	-	-	23.200	+ 17.242	
Banana	239.353	24.000	-	17.660	18.000	-	59.660	+179.693	
Uva	53.613	5.400	-	2.000	30.000	-	37.400	+ 16.213	
Ameixa	500	50	-	180	100	-	330	+ 170	
Maçã	25.000	2.500	-	1.720	5.000	-	9.220	+ 15.780	
Pêssego	4.000	400	-	1.450	800	-	2.650	+ 1.350	
Nectarina	1.500	150	-	540	300	-	990	+ 510	
Carne bovina	56.000	-	-	67.000	6.000	-	73.000	- 17.000	
Carne suína	227.800	-	-	36.582	154.100	-	190.682	+ 37.118	+125.530
Carne de aves	230.000	-	-	30.000	200.000	-	230.000		+180.000
Leite (mil litros)	484.000	-	120.000	256.000	90.000	-	466.000	+ 18.000	

Fonte: dados brutos: FIBGE/GCEA, DFA-SC/SERPA e SAA-MA/CEPA-SC

dados elaborados : SAA-MA/CEPA-SC

13 - Valor Bruto da Produção Agropecuária Catarinense

Ao analisar-se o comportamento do valor bruto de produção do setor agropecuário catarinense, em termos relativos no período de 1974 a 1979 (Tabela nº 38), observa-se que o produto de maior participação foi o milho, mantendo a primeira posição em todo o período. A extração da madeira assume a segunda posição até 1978, quando cede sua posição para a carne suína. A terceira posição ficou para a carne suína, até 1978 e fumo em folha, em 1979. Na quarta posição destacam-se os seguintes produtos: Soja (1974), leite (1975), mandioca (1976), fumo em folha (1977-78) e carne de aves (1979); e na quinta posição aparecem os seguintes produtos: leite (1974), soja (1975-77), leite (1976), carne de aves (1978), extração de madeira (1979).

Dentre os produtos que apresentaram as maiores taxas médias anuais de crescimento geométrico do valor bruto da produção (1974-79), a preços de 1974 (Tabela nº 39), salienta-se o crescimento da maçã (59%), pêssego (45%), carvão (40%), moluscos e outros (29%), fumo em folha (27%), carne de aves (25%), uva vinífera (21%), ameixa (20%), banana (15%), carne suína (12%), batata inglesa (6%) e leite (4%).

Entre as culturas que reduziram sensivelmente sua importância, encontra-se o trigo, apresentando uma taxa anual de crescimento no período de (-47%), seguido pela extração da madeira (-18%), mandioca (-14%), nectarina (-11%), carne bovina (-5%). (Vide Tabelas nºs 36 e 37).

Valor da Produção de Produtos Agrícolas - Santa Catarina, 1974-79 (em Cr\$ 1.000)

(ã preços correntes)

Produto	1974	1975	1976	1977	1978	1979 ⁽¹⁾
<u>Lavoura</u>	<u>3.140.981</u>	<u>4.167.795</u>	<u>5.916.245</u>	<u>8.000.351</u>	<u>9.434.784</u>	<u>18.094.615</u>
Arroz	252.226	512.225	525.167	599.310	892.838	1.382.104 -
Cana-de-Açúcar	39.170	74.492	98.534	137.896	169.904	269.025
Batata-inglesa	133.461	165.342	277.898	279.682	422.156	930.169 -
Feijão	244.289	277.583	364.191	680.438	667.575	1.429.992 -
Fumo em Folha	267.574	424.597	640.041	1.317.107	2.112.147	4.538.473 -
Mandioca	279.411	311.232	792.816	886.376	682.779	700.998 ✓
Milho	1.353.041	1.765.512	2.404.015	2.807.883	3.223.449	5.638.542 -
Soja	457.761	546.577	656.827	1.167.094	1.134.979	2.486.035 -
Tomate	26.762	44.502	94.312	75.168	115.479	156.722
Trigo	87.286	45.726	62.444	49.397	13.478	18.197
Cebola						544.358
<u>Fruticultura</u>	<u>58.138</u>	<u>101.506</u>	<u>176.256</u>	<u>249.429</u>	<u>371.887</u>	<u>710.837</u>
Ameixa	431	267	1.386	3.602	3.636	5.564
Banana	51.794	85.384	132.829	172.523	285.108	536.258
Maçã	2.750	10.500	29.400	56.462	60.782	142.681
Nectarina	2.179	2.210	4.030	9.498	4.704	6.274
Pêssego	360	2.145	4.446	7.344	12.980	11.771
Uva Vinífera	624	1.000	4.165	4.117	4.677	8.289
<u>Pecuária</u>	<u>1.422.826</u>	<u>2.190.131</u>	<u>2.918.099</u>	<u>4.535.907</u>	<u>6.928.259</u>	<u>11.467.933</u>
Carne de Aves (SIF)	185.996	405.540	605.880	1.061.463	1.888.258	2.947.498
Carne bovina	333.503	417.706	497.012	623.556	1.100.496	1.309.092
Leite	375.869	560.755	736.830	1.143.065	1.441.987	2.358.441
Carne suína (SIF)	527.458	806.130	1.078.377	1.807.823	2.497.538	4.852.902
<u>Pescado</u>	<u>149.871</u>	<u>181.635</u>	<u>229.738</u>	<u>370.506</u>	<u>605.253</u>	<u>614.394⁽²⁾</u>
Peixes	92.570	101.243	113.808	209.687	334.023	379.625
Crustáceos	55.483	77.693	114.043	158.768	269.520	201.773
Moluscos e Outros	1.818	2.699	1.887	2.051	1.710	32.996
<u>Extrativa Vegetal</u>	<u>1.489.332</u>	<u>2.029.843</u>	<u>2.635.113</u>	<u>2.729.424</u>	<u>3.284.917⁽³⁾</u>	<u>3.513.924⁽³⁾</u>
Madeira em Tora	1.284.772	1.748.871	2.255.682	2.233.163	2.685.046	2.442.125
Carvão	3.486	6.992	9.859	25.592	49.750	96.665
Lenha	201.074	273.980	369.572	470.669	550.121	675.134
T o t a l	6.261.148	8.670.910	11.875.451	15.885.617	20.625.100	34.401.703

(1) Situação até novembro

(2) Situação até setembro

(3) Estimativa: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: dados brutos: FGV, DFA e SAA/EMATER-SC/ACARESC

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 37

Valor da Produção de Produtos Agrícolas - Santa Catarina, 1974-79 (em Cr\$ 1.000)

(a preços de 1974⁽¹⁾)

Produto	1974	1975	1976	1977	1978	1979 ⁽²⁾
<u>Lavoura</u>	<u>3.140.981</u>	<u>3.263.379</u>	<u>3.279.368</u>	<u>3.106.531</u>	<u>2.641.736</u>	<u>3.495.879</u>
Arroz	252.226	401.072	291.100	232.712	249.994	267.022
Cana-de-açúcar	39.170	58.327	54.615	53.545	47.573	51.976
Batata inglesa	133.461	129.468	154.038	108.600	118.203	179.709
Feijão	244.289	217.747	201.871	264.214	186.921	276.274
Fumo em Folha	267.574	332.459	354.734	511.432	591.401	876.833
Mandioca	279.411	243.694	439.457	344.179	191.178	135.433
Milho	1.353.041	1.382.395	1.332.545	1.090.300	902.565	1.089.366
Soja	457.761	427.969	864.079	453.182	317.794	480.302
Tomate	26.762	34.845	52.277	29.187	32.334	30.279
Trigo	87.286	35.803	34.612	19.180	3.773	3.515
Cebola						105.170
<u>Fruticultura</u>	<u>58.138</u>	<u>79.477</u>	<u>97.695</u>	<u>98.450</u>	<u>104.127</u>	<u>137.334</u>
Ameixa	431	209	768	1.398	1.018	1.075
Banana	51.794	66.855	73.627	66.990	79.830	103.605
Maçã	2.750	8.221	16.295	21.924	17.019	27.566
Nectarina	2.179	1.730	2.233	3.688	1.317	1.212
Pêssego	360	1.679	2.464	2.852	3.634	2.274
Uva Vinífera	624	783	2.308	1.598	1.309	1.602
<u>Pecuária</u>	<u>1.422.826</u>	<u>1.714.871</u>	<u>1.617.500</u>	<u>1.800.121</u>	<u>1.939.918</u>	<u>2.215.606</u>
Carne de aves (SIF)	185.996	317.537	335.839	412.166	528.712	569.457
Carne bovina	333.503	327.063	275.493	242.126	308.139	252.917
Leite	375.869	439.071	408.424	443.852	403.756	455.651
Carne suína (SIF)	527.458	631.200	597.744	701.977	699.311	937.581
<u>Pescado</u>	<u>149.871</u>	<u>142.219</u>	<u>127.287</u>	<u>143.866</u>	<u>169.471</u>	<u>118.700⁽³⁾</u>
Peixes	92.570	79.273	63.083	81.421	93.526	73.343
Crustáceos	55.483	60.833	63.214	61.649	75.466	38.982
Moluscos e outros	1.818	2.113	990	796	479	6.375
<u>Extrativa Vegetal</u>	<u>1.489.332</u>	<u>1.589.365</u>	<u>1.460.641</u>	<u>1.059.834</u>	<u>919.777</u>	<u>620.929</u>
Madeira em Tora	1.284.772	1.369.365	1.250.324	867.137	751.813	471.818
Carvão	3.486	5.474	5.464	9.937	13.930	18.676
Lenha	201.074	214.526	204.853	182.760	154.034	130.435
T o t a l	6.261.148	6.789.311	6.582.491	6.208.802	5.775.029	6.588.448

(1) Deflator (Col. 2 da Conjuntura Econômica)

(2) Situação até novembro

(3) Situação até setembro

Fonte: dados brutos: FGV, DFA e SAA/EMATER-SC/ACARESC
dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Participação Percentual do Valor da Produção de Produtos Agrícolas
- Santa Catarina, 1974-79

Produto	1974	1975	1976	1977	1978	1979
<u>Lavoura</u>	<u>50,17</u>	<u>48,07</u>	<u>49,82</u>	<u>50,03</u>	<u>45,74</u>	<u>53,06</u>
Arroz	4,03	5,90	4,42	3,75	4,33	4,05
Batata inglesa	2,13	0,86	0,83	0,86	0,82	0,79
Cana-de-açúcar	0,63	1,91	2,34	1,75	2,05	2,73
Feijão	3,90	3,20	3,07	4,26	3,24	4,19
Fumo em Folha	4,27	4,90	5,39	8,24	10,24	13,31
Mandioca	4,46	3,59	6,68	5,54	3,31	2,06 ✓
Milho	21,61	20,36	20,24	17,56	15,63	<u>16,53</u>
Soja	7,32	6,70	5,53	7,30	5,50	7,29
Tomate	0,43	0,52	0,78	0,47	0,56	0,46
Trigo	1,39	0,53	0,52	0,30	0,06	0,05
Cebola						1,60
<u>Fruticultura</u>	<u>0,92</u>	<u>1,17</u>	<u>1,48</u>	<u>1,58</u>	<u>1,80</u>	<u>2,08</u>
Ameixa	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,02
Banana	0,82	0,98	1,12	1,08	1,38	1,57
Maçã	0,04	0,12	0,24	0,35	0,30	0,42
Nectarina	0,03	0,03	0,03	0,06	0,02	0,02
Pêssego	0,01	0,02	0,04	0,05	0,06	0,03
Uva Vinífera	0,01	0,01	0,04	0,02	0,02	0,02
<u>Pecuária</u>	<u>22,72</u>	<u>25,26</u>	<u>24,57</u>	<u>29,00</u>	<u>33,59</u>	<u>33,63</u>
Carne de Aves (SIF)	2,97	4,68	5,10	6,64	9,16	8,64
Carne bovina	5,33	4,82	4,18	3,90	5,33	3,84
Leite	6,00	6,46	6,21	7,15	6,99	<u>6,92</u>
Carne suína (SIF)	8,42	9,30	9,08	11,31	12,11	14,23
<u>Extrativa Vegetal</u>	<u>23,79</u>	<u>23,41</u>	<u>22,19</u>	<u>17,07</u>	<u>15,93</u>	<u>9,42</u>
Madeira em Tora	20,52	20,17	18,99	13,97	13,02	7,16
Carvão	0,06	0,08	0,08	0,16	0,24	0,28
Lenha	3,21	3,16	3,12	2,94	2,67	1,98
<u>Pescado</u>	<u>2,40</u>	<u>2,09</u>	<u>1,94</u>	<u>2,32</u>	<u>2,94</u>	<u>1,80</u>
Peixes	1,48	1,17	0,96	1,31	1,62	1,11
Crustáceos	0,89	0,89	0,96	1,00	1,31	0,60
Moluscos e Outros	0,03	0,03	0,02	0,01	0,01	0,09
T o t a l	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: dados brutos: FGV, DFA e SAA/EMATER-SC/ACARESC
dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC
Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Evolução do Valor Bruto da Produção de Produtos Agrícolas

- Santa Catarina, 1974-79

<u>P r o d u t o</u>	1974	1975	1976	1977	1978	1979
<u>Lavoura</u>	<u>100</u>	<u>104</u>	<u>104</u>	<u>99</u>	<u>84</u>	<u>111</u>
Arroz	100	159	115	92	99	106
Cana-de-açúcar	100	149	139	137	121	133
Batata-inglesa	100	97	115	81	88	135
Feijão	100	89	83	108	76	113
Fumo em Folha	100	124	132	191	221	328
Mandioca	100	87	157	123	68	48
Milho	100	102	98	80	67	80
Soja	100	93	189	99	69	105
Tomate	100	130	195	109	121	113
Trigo	100	41	40	22	4	4
<u>Fruticultura</u>	<u>100</u>	<u>137</u>	<u>168</u>	<u>169</u>	<u>179</u>	<u>236</u>
Ameixa	100	48	178	324	236	249
Banana	100	129	142	129	154	200
Maçã	100	299	592	797	619	1.002
Nectarina	100	79	102	169	60	56
Pêssego	100	466	684	792	1.009	632
Uva Vinífera	100	125	370	256	209	257
<u>Pecuária</u>	<u>100</u>	<u>120</u>	<u>114</u>	<u>126</u>	<u>136</u>	<u>156</u>
Carne de Aves (SIF)	100	171	180	221	284	306
Carne bovina	100	98	83	73	92	76
Leite	100	117	109	118	107	121
Carne Suína (SIF)	100	120	113	133	132	178
<u>Pescado</u>	<u>100</u>	<u>95</u>	<u>85</u>	<u>96</u>	<u>113</u>	<u>79</u>
Peixes	100	86	68	88	101	79
Crustáceos	100	110	114	111	136	70
Moluscos e Outros	100	116	54	44	26	351
<u>Extrativa Vegetal</u>	<u>100</u>	<u>107</u>	<u>98</u>	<u>71</u>	<u>62</u>	<u>42</u>
Madeira em Tora	100	106	97	67	58	37
Carvão	100	157	157	285	399	536
Lenha	100	107	102	91	77	65
T o t a l	100	108	105	99	92	105

Fonte: dados brutos: FGV, DFA e SAA/EMATER-SC/ACARESC

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

II - PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO AGROPECUÁRIA

1 - Lavoura

1.1 - Alho

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safras 1977/78-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento
1977/78	261	928	3.555
1978/79	528	1.702	3.267
1979/80(1)	1.299	5.574	4.291
1980/81(2)	2.050	8.815	4.300

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: FIBGE

Até o ano de 1976, a cultura do alho não apresentava grande importância econômica para o Estado. A partir da divulgação das características do alho CHONAN, obtido através de trabalho de melhoramento por imigrantes japoneses no município de Curitibanos, novas perspectivas surgiram para o alho catarinense.

A variedade CHONAN, enquadra-se entre os alhos nobres por apresentar características altamente desejáveis

em um documento em posse do agrônomo Milton que a descreveu,

ao cultivo (permitindo seu cultivo fora das épocas tradicionais no Brasil) e possuir excelentes características de mercado (coloração roxa, boa conformação do bulbo, número e uniformidade dos bulbilhos e resistência a debulha).

A dependência de importações para atendimento ao consumo interno, provocou uma campanha a nível nacional, visando o abastecimento através do cultivo de variedades já existentes. O Estado de Santa Catarina, por suas características edafo-climáticas, apresenta condições altamente favoráveis ao cultivo do alho, principalmente para a variedade CHONAN. *Alho Humboldt*,

Na safra 1977/78 foram cultivados no Estado, 261 ha, obtendo-se uma produção total de 928 toneladas. A safra 1978/79, apresentou um acréscimo de 99,60% sobre a área cultivada na safra anterior e 83% na produção obtida. Para a safra 1979/80, preve-se um acréscimo de 149% na área cultivada e 227% na produção, em relação a safra passada.

Até a safra 1978/79, toda a produção do alho Chonan destinou-se ao plantio. No presente ano, com uma produção estimada em 3.433 toneladas dessa variedade, aproximadamente 2.258 t serão destinadas a sementes e o restante deverá ser comercializado para consumo.

Os aumentos de área, produção e rendimento verificados nos últimos anos, devido principalmente ao cultivo da variedade "Chonan", às boas condições de preços tanto para o alho semente, como para o alho comercial daquela variedade; a dependência de importações para atendimento das necessidades nacionais; a campanha de produção de alho para substituição das importações do produto, aliadas às medidas de controle das importações no período de colheita do produto brasileiro, para facilitar a colocação do produto nacional no mercado, além das boas condições edafo-climáticas apresentadas pelo Estado para o cultivo da variedade Chonan, são estímulos suficientes para que a produção de alho no Estado continue a crescer em ritmo acelerado nos próximos anos.

1.2 - Arroz

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	153.593	318.283	2.072
1976/77	148.164	332.950	2.247
1977/78	133.330	279.012	2.093
1978/79			
Irrigado	80.197	239.471	2.986
Sequeiro	75.877	20.323	268
1979/80 (1)			
Irrigado	89.939	303.625	2.376
Sequeiro	67.187	122.415	1.822
1980/81(1)			
Irrigado	93.000	316.200	3.400
Sequeiro	70.000	126.000	1.800

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
 Fonte: FIBGE

Do total da área cultivada com arroz no Estado, cerca de 51% é plantada em sistema irrigado nas regiões do Vale do Itajaí e Litoral Norte e Sul, representando em safras normais, aproximadamente 62% da produção estadual. O restante da área é cultivada com arroz de sequeiro, principalmente no Oeste e Planalto de Canoinhas.

O aumento de 22% na área plantada na safra 1975/76, em relação a safra anterior deveu-se, entre ou-

tros, ao fato de que muitas áreas anteriormente ocupadas pela soja foram usadas para o plantio do arroz de sequeiro, visando a alternância de culturas para o combate a rizoctoniose, que atacou a soja na safra 1974/75, e, ainda, por fatores conjunturais de mercado, com os preços se elevando de Cr\$ 54,50 em 1974, para Cr\$ 87,50 em 1975 (FGV), por saca de 50 quilos.

Com a excelente produção nacional de arroz verificada na safra 1975/76, os preços foram desestimulantes (Cr\$ 82,50/sc de 50 kg), mantendo-se baixos também na safra seguinte (Cr\$ 90,00/sc de 50 kg). Tal fato ocasionou reduções das áreas plantadas nas safras 1976/77 e 1977/78, de 3,5% e 11%, respectivamente (em relação a 1975/76).

Em contrapartida, à diminuição da área plantada com arroz de sequeiro, na safra 1977/78, esperava-se a melhoria do rendimento médio por ha, porém, a longa estiagem veio provocar um decréscimo de 16% na produção total em relação a safra anterior.

Os preços estimulantes recebidos pelos agricultores em 1978 (Cr\$ 160,00/sc de 50 kg), viria a encorajar o plantio da safra 1978/79, ocasionando um aumento de 17% na área plantada. Porém, as condições climáticas desfavoráveis nos meses de janeiro e fevereiro de 1979, novamente vieram prejudicar a cultura, principalmente as áreas plantadas com arroz de sequeiro, com redução de 43% na produção total esperada.

O aumento previsto pela FIBGE/GCEA, para a safra 1979/80, de 12% na área e de 27% na produção, para o arroz irrigado, deve-se principalmente aos altos preços alcançados pelo produto em 1979. Já, para o arroz de sequeiro, a área estimada nesta safra é inferior a da área plantada na passada em 11%, porém a produção deverá ser superior em cerca de 502%, em decorrência das condições climáticas favoráveis à cultura na atual safra, ao contrário do ocorrido nas duas últimas.

Para a safra 1980/81 o plantio de arroz irrigado deverá aumentar em relação a safra 1979/80, em aproximadamente 3,4%, em decorrência das boas perspectivas de preços que se apresentam para o ano de 1980, motivados pela falta generalizada do produto em 1979. Outro fator que deverá influir na intenção do plantio, é o interesse apresentado pelo Governo, no incentivo da produção de alimentos básicos para o consumo interno.

Para o arroz de sequeiro, os estímulos acima mencionados deverão também influir na maior intenção de plantio, aliados às boas perspectivas de produção da safra 1979/80.

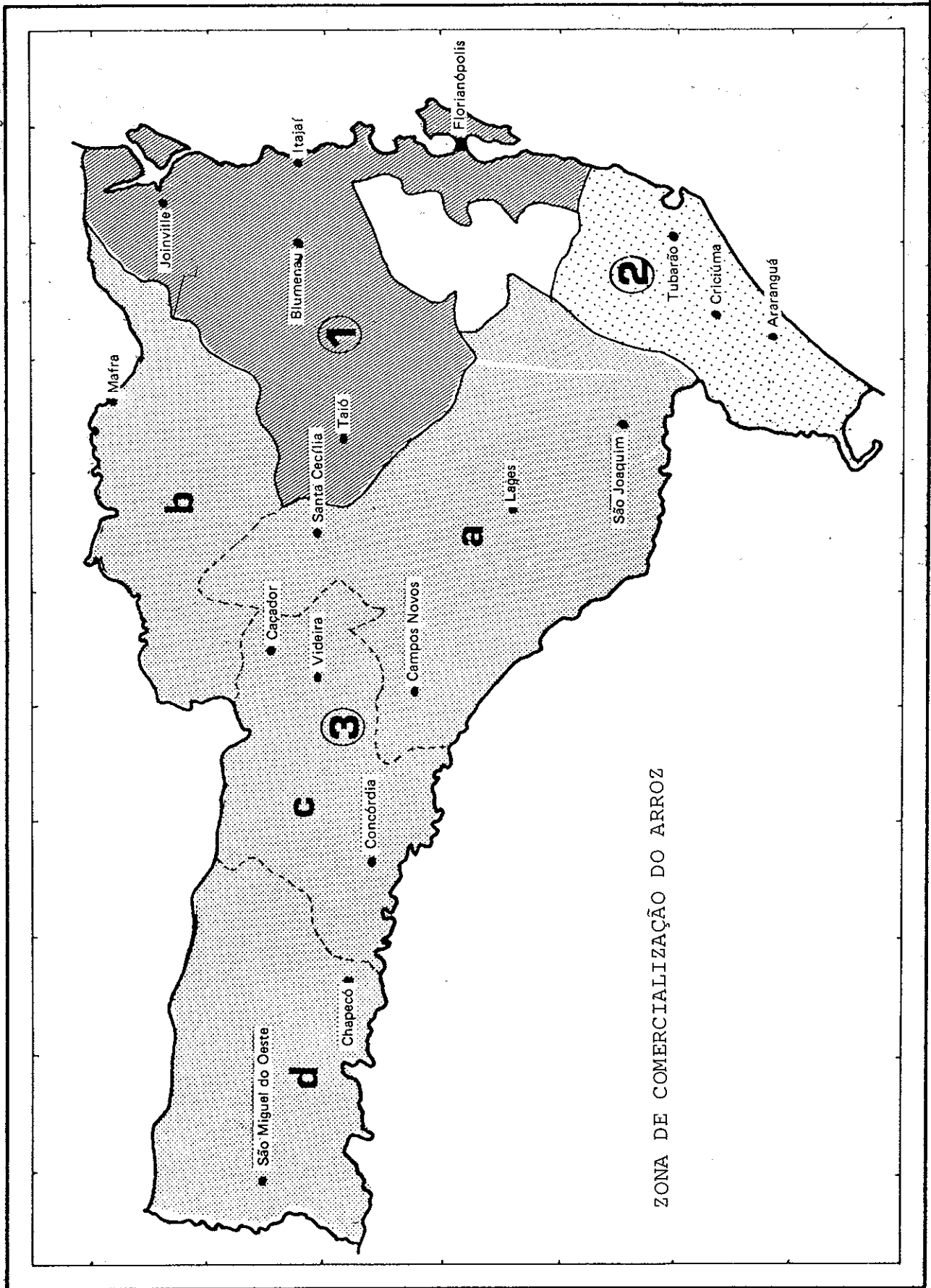
Quanto ao destino da produção, o agricultor retém pequenas quantidades do arroz produzido e vende o restante às cooperativas, engenhos ou intermediários, que submetem o produto ao processo de beneficiamento (secagem, maceração, descascamento e seleção); o armazenam e o comercializam com os atacadistas dos centros de consumo, sejam do Estado ou fora dele (principalmente Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro).

Os agentes compradores dificilmente pagam à vista ao produtor, enquanto que as cooperativas fazem um adiantamento, cujo valor é estipulado com base na cotação do produto no mercado.

Praticamente a totalidade dos engenhos e cooperativas catarinenses, que beneficiam o arroz, vendem grande parte do produto embalado em sacos plásticos de um, dois e cinco quilogramas. Estas embalagens são reunidas em fardos de trinta quilogramas cada, para fins de transporte.

No Estado de Santa Catarina, pode-se distinguir três zonas produtoras de arroz com suas características de comercialização: a zona nº 1, compreendendo as mesorregiões 5 e 7; a zona nº 2, que engloba as mesorregiões 3 e 4; e a zona nº 3, formada pelas Mesorregiões 1, 2 e 8 (Vide mapa anexo).

Na zona nº 1, 20% da produção fica para o con-



ZONA DE COMERCIALIZAÇÃO DO ARROZ

sumo da própria região e os 80% restantes são comercializados nas praças de São Paulo, Rio, Curitiba, Ponta Grossa, Belo Horizonte e Recife.

Na zona nº 2, 20% fica na região, 10% segue para Florianópolis, Blumenau, Itajaí e Joinville e 70% obedece os fluxos para os mesmos centros consumidores da zona nº 1.

Na zona nº 3 identificam-se certas particularidades locais que levam a estabelecer quatro sub-zonas.

a) Campos de Lages (Mesorregião 2). Praticamente toda a produção fica para o consumo local.

b) Norte (Mesorregião 8). Quinze por cento (15%) é retido para consumo e o restante é utilizado para abastecer o sul do Paraná, seguido ainda para os mercados de Curitiba e São Paulo.

c) Rio do Peixe (parte da Mesorregião 1) Cerca de 50% permanece na região.

d) Oeste (parte da Mesorregião 1). Além do volume de arroz que segue para a região do Rio do Peixe, (sub-zona c), parte (arroz em casca) dirige-se para o Paraná e São Paulo.

Na zona de comercialização nº 2 (Mesorregiões 3 e 4), a capacidade de beneficiamento é superior a quantidade produzida na mesma, havendo necessidade de compra de outras regiões do Estado e mesmo de outros Estados, destacando-se o Rio Grande do Sul.

Além da demanda local, o arroz beneficiado na zona de comercialização nº 2 supre parte dos seguintes mercados consumidores: Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Minas Gerais.

Na zona comercial nº 1 (Mesorregião 5 e 7), as cooperativas buscam o produto com caminhões nas unidades produtoras e descontam o frete, Funrural e impurezas, além da quota de capitalização do associado. Já os engenhos, que compram diretamente na propriedade ou através de "puxadores" comissionados, adquirem o produto baseado nas condi-

ções de mercado.

Os engenhos situados na zona comercial nº 1 importam parcela representativa do produto do Rio Grande do Sul, pois o produtor da região prefere entregar sua produção mediante o pagamento à vista, mesmo a um preço pouco compensador, pois a grande maioria possui dívidas de crédito, que vencem imediatamente após a colheita, o que não acontece com o produto comprado do Rio Grande do Sul, que pode ser pago parceladamente até 120 dias.

Na Mesorregião 8 (sub-zona de comercialização "b" da zona 3), a maior parte do arroz produzido passa pelos processos de pré-limpeza, limpeza e secagem, sendo então comercializado em casca, com os engenhos da Mesorregião 7 e do Sul do Paraná, seguindo ainda para os mercados de Curitiba e São Paulo. Nesta Mesorregião é cultivado apenas o arroz de sequeiro e predominam os tipos "4" e "5".

Na Mesorregião 1 (sub-zonas de comercialização "c" e "d" da zona 3), também, é produzido apenas o arroz de sequeiro, de sorte que a produção oscila de um ano para outro, em função da variação do índice pluviométrico, fator que influi decisivamente sobre a produtividade do arroz quando cultivado sem irrigação. Nesta Mesorregião, a venda do produto para as cooperativas vai depender das condições favoráveis dos preços junto ao mercado, de modo que, quando ocorre uma produção abundante, e a cotação do produto está em baixa, aproximadamente 40% dessa produção é vendida para os comerciantes, ficando os 60% restantes às cooperativas existentes na região.

A Mesorregião 2 (sub-zona de comercialização "a" da zona 3) exporta seu pequeno excedente de produção, na forma de arroz em casca, para os engenhos situados na Mesorregião 7.

1.3 - Batata Inglesa

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	17.984	141.065	7.844
1976/77	15.964	128.886	8.073
1977/78	16.555	115.977	7.005
1978/79			
1a. safra	13.329	127.947	9.599
2a. safra	6.574	34.670	5.274
1979/80			
1a. safra ⁽¹⁾	14.935	127.405	8.530
2a. safra ⁽²⁾	6.900	37.950	5.500
1980/81			
1a. safra ⁽²⁾	15.000	129.000	8.600

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: FIBGE

A acentuada variedade de climas do Estado, permite com que a cultura da batata se desenvolva em quatro épocas distintas, conforme demonstrado na página seguinte.

Época de Plantio	Época de Colheita	% da Prod.	Localização da Cultura	Observação
abr/mai	ago/set	10	Áreas livres de geadas	Conhecidas como safra das secas
fev/mar	mai/jun	30	Áreas com Altitudes de 200 à 1.000m	
ago/out	jan/fev	30	Áreas com Altitude de 200 à 1.000m	Conhecidas como safra das
nov/dez	mar/abr	30	Áreas com altitudes superiores à 1.000 m	águas

Obs.: A safra das águas (cerca de 60%), corresponde a 1a. safra, cujo plantio se estende de agosto a dezembro. A safra das secas (cerca de 40%), corresponde a 2a. safra e seu período de plantio estende-se de fevereiro a maio.

O aumento da produtividade de 7% em 1975/76 e cerca de 10% em 1976/77, ambos em relação a 1974/75, foi uma continuidade dos anos anteriores, e basicamente em consequência do aumento do uso de sementes selecionadas e da utilização de fertilizantes.

Os preços recebidos pelos produtores em 1974 e 1975 (Cr\$ 47,00/sc de 50 kg) foram desestimulantes provocando uma redução na área plantada de 25% em 1975/76 e cerca de 33% em 1976/77, ambos em relação a 1974/75.

Em 1976 e 1977, o preço recebido pelo produtor foi de Cr\$ 98,50 e Cr\$ 108,50 por saca de 50 kg, respecti -

vamente. Porém, a retirada de subsídios para os insumos modernos, impediu uma reação positiva mais imediata no aumento da área plantada, ocorrendo na safra 1977/78, um aumento de apenas 4%, em relação a safra 1976/77.

A produção de batata, decaiu em 34% no período compreendido entre as safras de 1974/75 até a safra 1977/78. Em decorrência dos bons preços recebidos na safra 1977/78, verificou-se um aumento em torno de 20% na área cultivada em 1978/79, obtendo-se uma produção de 162.617 toneladas. A excelente produção obtida e a coincidência da 1ª safra com a safra do Paraná, acarretou num excesso de oferta e consequente aviltamento nos preços do tubérculo daquela safra.

Apesar dos baixos preços praticados na safra anterior, quando o produto foi comercializado a nível de produtor, entre Cr\$ 70,00 à Cr\$ 110,00/sc de 50 kg na época de maior concentração da produção, observa-se aumento na área cultivada para a atual safra. Esse aumento é motivado pela permanência dos produtores tradicionais, pela substituição, em parte, da produção de batata semente pela batata consumo na região de São Joaquim e pela reação do mercado que se deu a partir do mês de setembro, tendo os preços atingido até Cr\$ 180,00/sc a nível de produtor. As últimas estimativas indicam para a primeira safra (das águas), uma área cultivada no Estado de 14.935 ha e uma produção prevista em 127.405 toneladas. Apesar do aumento de área, vários fatores negativos incidiram sobre a cultura da batata, devendo as estimativas de produção sofrerem redução. Entre os fatores que contribuíram negativamente para o desempenho da cultura podemos citar:

- geadas atemporâneas no mês de setembro, afetando as lavouras em início de brotação;

- excesso de chuvas durante o mês de outubro e chuvas muito frequentes durante o mês de novembro;

- alta incidência de pragas e doenças devido a elevada umidade relativa do ar durante quase todas as fases da cultura;

- baixos preços recebidos pelo produtor na safra anterior fazendo com que fosse reduzido o uso de insumos a fim de não onerar o custo de produção;

- altos preços dos insumos (semente certificada, fertilizantes e defensivos), contribuindo também para pouca utilização dos mesmos.

A produção de sementes de batata na safra 1978/79, alcançou cerca de 1.304 mil caixas de 30 kg. Problemas de mercado que ocorreram na safra 1978/79, ocasionaram a perda de 57 mil caixas na região de São Joaquim. Para a atual safra espera-se a produção de cerca de 1.100 mil caixas de semente certificadas, o que significa uma redução de 16% na oferta desse insumo ao mercado nacional.

O uso de semente certificada na cultura da batata é reduzido, apesar de ser o Estado de Santa Catarina o maior produtor brasileiro deste insumo. Esse Índice não atinge 30% da área cultivada no Estado. Os fatores principais que influem nesse baixo uso de sementes são principalmente os seguintes:

1) pouca motivação aos produtores para o uso desse insumo;

2) alto custo da semente - certificada, onerando ainda mais o custo de produção;

3) as variedades lisas que constituem cerca de 80% da produção de sementes, não são cultivadas no Estado para consumo. Exceção feita ao refugio do plantio de semente que é comercializado para consumo.

Para a segunda safra (das secas) com plantio de fevereiro a maio de 1980, se os preços continuarem reagindo, pode-se estimar um aumento de área a ser plantada ao redor de 5%.

Para a 1ª safra (das águas) de 1980/81, prevê-se uma estabilidade na área a ser plantada, motivada principalmente pela coincidência na colheita com os Estados do Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente primeiro e segundo produtores da solanácea a nível nacional.

Destacam-se como produtores de batata, as microrregiões do Planalto de Canoinhas, Colonial do Alto Itajaí, Campos de Lages e Carbonífera.

Cerca de 80% da produção destas áreas é enviada aos grandes mercados consumidores de Porto Alegre, Curitiba e São Paulo. O pique da safra ocorre no mês de fevereiro.

A estrutura de comercialização do produto apresenta sérias deficiências.

Aparentemente ocorre um retorno de cerca de 30% do produto que sai do Estado. Isto em virtude das necessidades de atender o consumo e devido ao fato de que não havendo um difundido sistema de limpeza e classificação do produto, esses serviços são feitos, em parte, nos estados vizinhos, principalmente no Paraná. Lá o produto é classificado em batata de "primeira", "segunda" e "refugo". Enquanto a batata de "primeira" é comercializada nas praças de São Paulo e Rio de Janeiro, a "segunda" retorna à Santa Catarina, para atender às necessidades do consumo local.

Não existe um sistema de estocagem da produção e a comercialização é feita com rapidez, havendo uma estocagem precária a nível de produtor, que preserva o produto por um período de no máximo, três meses.

O produto, depois da colheita, passa por uma classificação local, a nível de produtor. Os agentes intermediários recolhem a batata produzida nas diversas unidades de produção, embalando-a em sacos (60 kg) de nylon de malha larga e transportando-a em caminhões. Este intermediário estoca o produto por poucos dias, distribuindo-o então às CEASAs (Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis) e aos grandes atacadistas.

Verifica-se que em 1979, 72% da batata comercializada pela CEASA/SC (tabela nº40) é procedente do próprio Estado, enquanto que o restante 28% tem origem nos Estados do Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul, destacando-se o Paraná com 27% de participação.

Volume de Batata Comercializada pela CEASA/SC, de novembro de 1977 a novembro de 1979

(em quilogramas)

A n o	O r i g e m				Total
	SC	PR	SP	RS	
1977					
nov	335.020	283.168	32.400		650.588
dez	221.305	433.450	16.100	7.250	678.105
<u>Total</u>	<u>556.325</u>	<u>716.618</u>	<u>48.500</u>	<u>7.250</u>	<u>1.328.693</u>
1978					
jan	185.560	453.100			638.660
fev	180.450	246.799	7.800	1.200	436.249
mar	169.217	89.710		350	259.277
abr	376.627	98.347	3.280		478.254
mar	281.019	90.003	7.080		378.102
jun	161.254	184.740	27.310	750	374.054
jul	60.959	266.200	10.600		337.759
ago	230.123	156.310	33.080	720	420.233
set	333.888	32.800	35.220		401.908
out	281.158	39.498	7.500		328.156
nov	292.404	59.400	9.500	500	361.804
dez	251.620	117.420	2.700	4.000	375.740
<u>Total</u>	<u>2.804.279</u>	<u>1.834.327</u>	<u>144.070</u>	<u>7.520</u>	<u>4.790.196</u>
1979					
jan	317.525	136.050			453.575
fev	233.692	110.700	3.000		347.392
mar	277.881	192.570	9.000		479.451
abr	271.136	202.020	22.960		496.116
mai	259.395	161.065	2.950		423.410
jun	239.694	193.170	600		433.464
jul	252.995	161.280	13.560		427.835
ago	408.670	69.580	8.040		486.290
set	448.689	31.830	4.500	15.000	500.019
out	390.488	8.880			399.368
nov	421.710	43.300	2.400		467.410
<u>Total</u>	<u>3.521.875</u>	<u>1.310.445</u>	<u>67.010</u>	<u>15.000</u>	<u>4.914.330</u>

Fonte: CEASA/SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

1.4 - Cana-de-açúcar

Área Plantada, Produção e Rendimento
Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	17.132	853.627	49.826
1976/77	19.664	950.022	48.567
1977/78	20.913	1.043.126	49.975
1978/79	20.124	1.084.780	53.905
1979/80 ⁽¹⁾	22.934	1.255.348	54.737
1980/81 ⁽¹⁾	24.000	1.296.000	54.000

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
Fonte: FIBGE

A cana-de-açúcar para fins industriais é produzida nas microrregiões Colonial de Joinville e Blumenau, Litoral de Itajaí, Florianópolis e Colonial Serrana Catarinense, representando 71% da área plantada com a cultura no Estado. Os restantes 29% são plantados principalmente nas microrregiões Oeste e Carbonífera e se destinam, principalmente, à alimentação animal.

Os preços recebidos pelos produtores nos últimos anos, não têm sido estimulantes, causando sensível diminuição na área plantada. Os preços para o produto posto na usina, no período 1975-78, apresentaram a seguinte evolução: Cr\$ 79,29 em 1975; Cr\$ 115,43 em 1976; Cr\$ 145,15 em 1977; Cr\$ 162,88 em 1978, e Cr\$ 248,00 por tonelada em 1979.

Desde 1976, vem ocorrendo um déficit de 500 a 600 mil toneladas de matéria-prima em função da capacidade de moagem das três usinas existentes no Estado.

A partir da safra 1977/78, a cultura vem se recuperando, em termos de área plantada, fundamentada principalmente, na ampliação das áreas próprias das usinas.

A melhoria de rendimento médio, verificado nos últimos anos, tem sido causada principalmente pela introdução de melhores variedades e tecnologia para o cultivo.

O aumento de área de 4,6% previsto para a cultura na safra 1980/81 deverá ocorrer principalmente pela incorporação de novas áreas pelas usinas, áreas estas até então inaproveitadas para o cultivo da cana, por serem terras que necessitam de grandes trabalhos de drenagem.

Toda a produção de açúcar cristal refinado granulado no Estado é exportada para os mercados do Egito, Irã, Indonésia, Iraque, Chile, Venezuela, Inglaterra e Nigéria, enquanto que o açúcar elaborado sob a forma de "granulado americano superior" é comercializado principalmente nos mercados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Segundo as indústrias produtoras no Estado, em 1978, foram exportadas para o mercado internacional cerca de 184.635 toneladas, representando um montante de 42.319 mil dólares.

1.5 - Cebola

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	5.934	42.899	7.229
1976/77	6.846	49.794	7.273
1977/78	5.724	47.129	8.234
1978/79	10.736	94.017	8.757
1979/80 (1)	12.541	97.192	7.750
1980/81 (1)	13.300	116.468	8.757

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
 Fonte: FIBGE

Santa Catarina situa-se entre os quatro estados maiores produtores de cebola do País. Atualmente, cerca de 80% da produção estadual, concentra-se nas microrregiões Colonial do Alto Vale do Itajaí e Colonial Serrana Catarinense.

A área cultivada com cebola, registrou aumentos sucessivos desde a safra 1972/73 até a safra 1976/77.

Esses sucessivos aumentos se verificaram, principalmente, por ser a cultura desenvolvida em áreas de minifúndios, obrigando aos produtores aumentarem a área cultivada com essa olerícola, objetivando maior renda. Além desse aspecto, os preços médios recebidos pelos produtores (Cr\$0,40/kg em 1974, Cr\$ 0,70/kg em 1975, Cr\$ 1,00/kg em 1976 e Cr\$ 1,20/kg em 1977), a cada ano, davam sempre esperanças de melhoras no ano seguinte.

Na safra 1977/78, houve redução de aproximadamente 16% da área cultivada, em relação a safra anterior. As causas dessa redução, foram os baixos preços recebidos pela produção comercializada em 1977 e principalmente a pouca disponibilidade de sementes no mercado, trazendo como consequência, aumento exagerado nos preços da semente. Nessa mesma safra, verificou-se um aumento em torno de 13% no rendimento médio, sendo motivado pela introdução de novas variedades (em pequena escala) e de melhoria da tecnologia empregada (diminuição do espaçamento).

A baixa produção brasileira na safra 1977/78, fez com que os preços se elevassem a nível de produtor e, conseqüentemente provocasse expansão na área cultivada na safra 1978/79. Além da área cultivada ter aumentado em 87,6%, as condições climáticas foram altamente favoráveis, contribuindo para um acréscimo de 99,5% na produção e 6,4% no rendimento médio em relação a safra anterior.

A falta de semente no Estado na safra 1977/78, estimulou os produtores de cebola a produzirem sementes da variedade "Crioula", tendo sido demonstrado a possibilidade técnica e econômica desta prática, através da produção de 1.200 kg de semente na safra passada.

Na safra 1979/80, a área cultivada no Estado, segundo a FIBGE/GCEA, foi estimada em 12.541 ha. Em decorrência de fatores negativos (qualidade da semente e clima), a produção deverá ser bastante prejudicada. Segundo a mesma fonte, a produção deverá atingir a 97.192 toneladas com rendimento médio em torno de 7.750 kg/ha. Além da quebra prevista na produção, o índice de perdas do produto armazenado deverá ser elevado.

Verifica-se com bastante frequência, o aparecimento de bulbos com início de podridão na base da haste, principalmente nas lavouras desenvolvidas em áreas de baixada (várzea), em decorrência do excesso de umidade. Além desse problema, constata-se alta incidência de esporos de "Botrytis" (causador da podridão cinza) que deverá causar

grandes prejuízos nos bulbos armazenados.

Esse problema poderia ser minimizado se fosse colocado em prática o processo de cura artificial através de secagem em estufa de fumo. Esse método foi desenvolvido pelo serviço de extensão rural na safra passada, apresentando um índice de perdas por deterioração em 13,93% após 90 dias de armazenagem, enquanto no método tradicional (cura e armazenagem em paiol estaleirado), o índice alcançou 30,8%.

As previsões da CESM indicam uma área cultivada de 38 ha da variedade "Crioula" para produção de semente. A produção estimada inicialmente, situava-se em 5,5 toneladas, contudo, devido a adversidades climáticas, ocorreram muitos problemas de ataque de pragas e doenças, falta de polinização e principalmente distúrbios fisiológicos que levaram um grande percentual de plantas, a emitirem bulbos aéreos no local das inflorescências. Em decorrência dos problemas citados, a produção esperada de sementes situa-se em torno de 3 toneladas.

Se as condições de preços (Cr\$ 9,00 à 12,00/kg a nível de produtor), continuarem favoráveis até o final da colheita da safra 1979/80, e se o fornecimento de sementes de cebola de boa qualidade for normalizado, se prevê para a safra 1980/81, que a área a ser plantada deverá atingir 13.300 ha, para um rendimento médio de 8.757 kg/ha.

Da safra 1979/80, cerca de 30% da produção já havia sido colhida até dezembro. Entretanto, a qualidade do produto não foi das melhores, principalmente se for destinado à armazenagem por períodos prolongados, em decorrência do excesso de chuvas durante o período de desenvolvimento da cultura. Mesmo assim os preços pagos a nível de produtor durante o mês de dezembro foi considerado satisfatório, ocasionado fundamentalmente pela escassez do produto no mercado nacional.

Tendo em vista os bons preços praticados, a cebola foi escoada sem um beneficiamento adequado, ocasionando percentuais de perdas mais elevados durante o transporte e manipulação da mesma até o consumidor. Se perdurarem as condi-

ções de mercado favoráveis, a comercialização do produto para o mercado interno catarinense e para os mercados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná, deverá seguir o seguinte fluxo mensal:

M ê s	% da Produção	Equivalente em Volume deduzindo-se as Perdas (t)
dez	10	9.000
jan	25	20.613
fev	30	23.280
mar	25	18.187
abr	10	6.790

Sendo um produto altamente perecível, o produtor é obrigado a comercializar sua produção logo após a colheita, a fim de reduzir ao mínimo as perdas decorrentes da podridão e brotação.

Conseqüentemente, existe épocas com excesso de oferta do produto, refletindo logicamente nos preços, que caem e, em outras épocas, o produto inexistente no mercado, elevando-se os preços e havendo inclusive, a necessidade de importação de outros estados.

A comercialização ocorre normalmente no período de dezembro a abril, sendo que 65% da produção é comercializada de dezembro a fevereiro e o restante 35% em março a abril, sem nenhum critério, ficando os produtores à mercê dos intermediários, ocorrendo na sua maior parte, a nível de propriedade, com os preços variando de uma para outra propriedade.

Volume de Cebola Comercializada na CEASA/SC

Novembro de 1977 a novembro de 1979

(em quilogramas)

Mês	Origem						Total
	SC	PR	SP	RS	PE	Norte	
<u>1977</u>							
nov	52.217	187.045	16.800				286.062
dez	299.820	21.481	16.380				337.681
<u>Total</u>	<u>352.037</u>	<u>208.526</u>	<u>63.180</u>				<u>623.743</u>
<u>1978</u>							
jan	62.343	14.020	6.965				83.328
fev	61.572	17.945	930				80.447
mar	16.945	12.970					29.915
abr	15.535	60.964	19.525				96.024
mai	33.730	58.475	28.890				121.095
jun	9.028	89.031	27.740				125.799
jul	12.915	55.863	14.900				83.678
ago	2.895	86.642	22.690				112.227
set	5.889	65.545	21.605				93.039
out	28.149	91.555	38.305		3.000		161.009
nov	45.560	87.400	17.375				150.335
dez	104.250	18.700	3.400				126.350
<u>Total</u>	<u>398.811</u>	<u>659.110</u>	<u>202.325</u>		<u>3.000</u>		<u>1.263.246</u>
<u>1979</u>							
jan	132.853	3.050					135.903
fev	91.130						91.130
mar	137.152	11.600					148.752
abr	133.227	2.840	2.600				138.667
mai	84.087	300	300				84.687
jun	105.751	28.820	1.420				135.991
jul	26.650	72.400	30.580	47.720	20.000	12.000	209.350
ago	20.737	72.720	67.330		14.000		174.787
set	10.005	11.640	82.564				104.209
out	9.218	133.220	38.300				180.738
nov	36.460	121.080	31.280				188.820
<u>Total</u>	<u>787.270</u>	<u>457.670</u>	<u>254.374</u>	<u>47.720</u>	<u>34.000</u>	<u>12.000</u>	<u>1.593.034</u>

Fonte: CEASA/SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

1.6 - Feijão

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safra 1976/77 - 1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1976/77			
safra	126.356	91.631	725
safrinha	62.524	42.846	685
1977/78			
safra	161.557	112.622	697
safrinha	35.549	10.370	292
1978/79			
safra	161.551	143.609	888
safrinha	66.226	45.794	691
1979/80			
safra (1)	187.986	104.897	558
Safrinha (2)	76.000	53.200	700
1980/81			
Safra (2)	195.000	175.500	900

(1) Estimativa: FIBGE/GCEA

(2) Estimativa: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: FIBGE

A cultura do feijão em Santa Catarina é realizada em duas safras. A primeira safra (das águas), é cultivada em todo o Estado, representando cerca de 60 a 70% da área anual cultivada, concentrando-se nas regiões do Oeste, Planalto de Canoinhas e Campos de Curitibanos. A

safrinha (safra das secas), representa de 30 a 40% da área anual do Estado, sendo cultivada predominantemente na região Oeste. É uma cultura, desenvolvida em lavouras coloniais, largamente consorciada com milho.

Nas safras 1975/76, 1976/77 e 1977/78, ocorreram frustrações causadas por problemas climáticos, que proporcionaram quebra de rendimento médio em 28% com relação a safra 1974/75.

A diminuição da área plantada em 1975/76, em cerca de 15% com relação a safra 1974/75, deveu-se principalmente a redução de preços praticados em 1975 (Cr\$ 114,60 em 1974 e Cr\$ 98,40/sc de 60 kg, segundo a FGV).

A partir de 1976, o Governo passou a incentivar o plantio, através do estabelecimento de preços mínimos mais estimulantes, provocando na safra 1976/77, um aumento de área plantada em 20%, e na safra 1977/78 em cerca de 24%, em relação a safra 1975/76.

Na safra 1978/79, os bons preços conseguidos pelos produtores, continuaram a estimular o plantio (15,6% de área plantada em relação a safra anterior), tendo o rendimento médio aumentado, apesar da estiagem dos meses de janeiro e fevereiro de 1979 ter afetado a produção em aproximadamente 13% da produção prevista para a safra das águas e o excesso de chuvas ter prejudicado a colheita da safra das secas.

Para a safra 1979/80 (das águas), as previsões indicam uma área plantada de 187.986 ha com a produção inicial prevista em 171.522 toneladas. As fortes chuvas ocorridas no mês de outubro e na primeira quinzena de novembro prejudicaram grandemente a cultura, fazendo baixar as previsões para 104.897 toneladas.

Se os preços de mercado continuarem estimulantes e se as condições climáticas se comportarem normalmente, os agricultores deverão tentar melhorar seus ganhos (prejudicado na safra das águas por fatores climáticos desfavoráveis), com incremento da área de plantio na safra das

secas (início de plantio em meados de fevereiro de 1980).

Ao persistirem durante o ano de 1980 os bons preços ofertados em 1979 para o produto, e se a política governamental de prioridade à produção de alimentos básicos, contemplar novamente o feijão com preços mínimos considerados satisfatórios, acredita-se em um aumento de área de plantio, até superior ao ora previsto (3,7% superior ao da safra das águas do ano anterior), em função principalmente de que a cultura do feijão por ser de ciclo curto, proporciona aos agricultores receitas no período da entre-safra (dez/fev, caso da cultura das águas).

Em safras normais, cerca de 60% da produção estadual, permaneceu no Estado, para consumo humano e reserva de sementes, com os restantes 40% sendo comercializados principalmente com os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

As Microrregiões 13 (parte da Mesorregião 2) e 15 (parte da Mesorregião 1), somadas à Mesorregião 8, produzem cerca de 76% de feijão (safra das águas) catarinense, enquanto que a Microrregião 15 produz sozinha, aproximadamente, 75% do feijão da safra das secas.

Dada a expressiva quantidade de produtores no Estado e o baixo nível de renda dos mesmos, a venda do produto é feita em grande parte, na própria propriedade, através de operações com os comerciantes e os chamados caminhoneiros, passando entre o produtor e o consumidor, por cinco ou até seis intermediários. Em outros casos, a produção está comprometida com os comerciantes atacadistas, que seguram o produto mediante adiantamentos efetuados antes da colheita. Estima-se que a parcela de feijão comercializado através das cooperativas catarinenses situa-se entre 20 a 25% do total da produção estadual.

1.7 - Fumo Em Folha

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	75.760	91.304	1.205
1976/77	80.533	119.846	1.488
1977/78	90.527	130.299	1.439
1978/79	112.326	189.103	1.684
1979/80 (1)	80.000	144.000	1.800
1980/81 (1)	90.000	162.000	1.800

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
Fonte: FIBGE

É uma cultura típica de pequena propriedade, com área média cultivada ao redor de 1,75 ha por produtor, em virtude da exigência de grande volume de mão-de-obra. A cultura do fumo é quase que totalmente integrada às indústrias, que prestam a assistência técnica e fornecem os insumos necessários, assegurando a compra da produção.

A relativa segurança de mercado tem contribuído para que essa atividade venha crescendo de importância na agricultura catarinense.

A área de cultivo tem aumentado significativamente desde a safra 1974/75 (49.000 ha), até a safra 1978/79 (112.326 ha), proporcionando nesse período, um aumento de cerca de 129%. No mesmo período, a produção registrou um aumento também de aproximadamente 140%.

Face a problemas surgidos com a comercialização da produção no ano de 1979 (maior rigor na classificação por parte das indústrias e falta de mercado para o produto dos fumicultores não integrados), a área de plantio para a safra 1979/80, deverá sofrer redução. Segundo estimativas da Fundação IBGE (GCEA), a área deverá situar-se em apenas 80.000 ha, proporcionando um declínio de aproximadamente 29% em relação a safra anterior. Em consequência da diminuição da área cultivada, estima-se uma produção ao redor de 144.000 toneladas.

Se os problemas surgidos na comercialização da safra 1978/79 forem amenizados ou eliminados, a propensão da cultura é novamente voltar a crescer, tendendo, nas próximas safras, a no mínimo igualar-se a área plantada em 1978/79, uma vez que, a infra-estrutura de produção já se encontra estabelecida (estufas, galpões, etc.), para propiciar sem grandes investimentos o retorno àquela produção. Para a safra 1980/81, estima-se que a área plantada deva se situar ao redor de 90.000 ha.

A comercialização do fumo ocorre no período compreendido entre dezembro e junho, segundo o documento "Estudos Básicos" - CEPA/SC⁽¹⁾. Os produtores possuem em suas propriedades, estufas ou galpões, sendo que antes de serem recolhidas pelos caminhões, as folhas passam por um processo de secagem, além de uma pré-classificação.

O produto é então levado de caminhão das unidades produtoras até os depósitos e/ou unidades de beneficiamento das empresas. Na recepção destas unidades, o fumo é novamente classificado e o produtor recebe o pagamento de acordo com a qualidade do produto.

Na Mesorregião 1 (Colonial do Oeste Catarinense e Rio do Peixe), onde predomina o cultivo de fumo de galpão, não existem unidades de beneficiamento, sendo que o produto recolhido pelos caminhões é colocado em depósitos ou levado diretamente às fábricas existentes no Rio Grande do Sul.

(1) CEPA/SC. Estudos básicos para o planejamento do desenvolvimento agrícola e rural. Florianópolis, 1978. v. 4

Parte da produção da Mesorregião 8 (Planalto de Canoinhas) é enviada à indústria existente no município de Rio Negro, no Paraná, enquanto que outra parcela é absorvida pelas unidades localizadas na Mesorregião 7.

Na Mesorregião 7 (Colonial de Joinville, de Blumenau, do Alto Itajaí, Itajaí Norte e Litoral de Itajaí), encontra-se a maior capacidade de estocagem e beneficiamento de fumo, no Estado, pois é nela que existe a grande concentração de depósitos e unidades de beneficiamento do produto. Nesta Mesorregião, a Microrregião Homogênea 5, formada por 16 municípios, produz cerca de 22% do total da produção estadual.

As Mesorregiões 3 (Carbonífera e Colonial do Sul Catarinense) e a 4 (Litoral de Laguna e Sul Catarinense), são responsáveis pelos fumos de melhor qualidade produzidos em Santa Catarina. A Mesorregião 3 produz aproximadamente 29% do tabaco colhido no Estado.

As firmas que compram esta matéria-prima e que possuem unidades de beneficiamento em Santa Catarina, fazem a classificação, seleção, destala, ressecagem, enfardação e expurgo. Os fardos são então remetidos às fábricas de cigarros existentes no País, que podem ser da própria empresa ou de terceiros. Parte do produto é exportado para outros países na forma de "fumo em folha", diretamente através dos portos catarinenses ou então, o produto é transportado inicialmente à matriz, que geralmente está localizada no Rio Grande do Sul, para depois ser exportado.

Seu cultivo tem maior importância nas regiões do Vale do Itajaí e Sul do Estado, onde é transformada em fécula, tapioca, e farinha industrial e comestível.

A área cultivada e a produção declinaram a partir de 1975 até a safra 1978/79, com redução de cerca de 49% na área e 50% na produção em relação a safra 1973/74, evidenciando um desestímulo permanente para a cultura. Este desestímulo ocorreu basicamente em função dos baixos preços mínimos estabelecidos pelo Governo e também pelos baixos preços ofertados pelo mercado comprador.

O principal problema da cultura, esteve afeto a comercialização, cujo maior reflexo foi sentido em 1978, quando órgãos governamentais tiveram de intervir no mercado, adquirindo o produto (farinha), que estava sem perspectiva de colocação. As compras oficiais não estimularam os agricultores para a safra 1978/79, uma vez que os preços mínimos estipulados para o produto industrializado (Cr\$ 2,73 o quilo de farinha) não foram considerados satisfatórios.

No ano de 1979, após o período mais crítico do inverno, os preços da raiz atingiram níveis mais elevados, tendo chegado ao final do ano (entressafra) a ser ofertado para entrega do produto em março/abril valores entre Cr\$ 1.500,00 a Cr\$ 2.000,00 a tonelada da raiz.

O aumento dos preços da raiz no final da safra, estimulou o plantio de novas áreas, porém, a falta de manivas foi fator limitante para uma maior expansão da cultura.

As perspectivas de preços da raiz de mandioca para a próxima safra, indicam tendência de alta, com ofertas de compra entre Cr\$ 1.500,00 a 2.000,00/t.

Se os preços efetivamente se confirmarem durante a colheita, aliado ao fomento que deverá ser iniciado por parte das usinas de álcool de mandioca que estão programadas para se instalarem no Estado (em Laguna, Içara e Rio do Sul), o aumento da área a ser plantada na safra 1980/81 poderá suplantará ao crescimento de 10% (110.000 ha).

Segundo a CACEX, em 1978 foram exportados para o mercado internacional 17.982 toneladas de fumo e resíduos, para um montante de 41.025 mil dólares.

Em 1979, segundo a mesma fonte, de janeiro a junho, foram exportados 18.451 toneladas, representando 45.736 mil dólares.

1.8 - Mandioca

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	80.846	1.303.973	16.129
1976/77	82.962	1.239.687	14.943
1977/78	77.528	1.208.159	15.584
1978/79	70.240	1.071.862	15.260
1979/80 ⁽¹⁾	99.815	1.626.078	16.290
1980/81 ⁽¹⁾	110.000	1.793.000	16.300

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
Fonte: FIBGE

Ainda com relação a comercialização, conforme menção de "Estudos Básicos" - CEPA/SC⁽¹⁾, 60% da produção das Mesorregiões 3 (Microrregiões Carbonífera e Colonial Sul Catarinense) e 4 (Microrregião Colonial de Laguna e Litoral Sul Catarinense), destina-se a fabricação de farinha, que é processada por cerca de 2.000 engenhos existentes na região. O restante destina-se ao fabrico de fécula, de raspa e ao consumo "in natura".

A mandioca da citada região é beneficiada, principalmente para a produção de farinha industrial e comestível. A farinha industrial é utilizada na composição de rações, sendo exportada para países da Europa, e outros estados brasileiros, enquanto que a comestível destina-se ao mercado interno.

A produção de raspa da região é comercializada, em sua maior parte, dentro do próprio Estado, junto aos moinhos de trigo. Pequena parcela é vendida para os mercados de Curitiba e São Paulo. O pique da industrialização da "farinha industrial", ocorre nos meses de maio e junho, enquanto que a "farinha comestível" é beneficiada durante o ano todo. O pique da comercialização da farinha, por sua vez, dá-se no período de jul/agosto (microrregião de Florianópolis).

Cerca de 23% do total produzido na Mesorregião 5, é consumido "in natura", nas propriedades. Pequena parte é comercializada na Capital para alimentação humana e outra na alimentação do gado leiteiro, enquanto que 64 % da produção de raízes destina-se ao fabrico de farinha.

Aproximadamente 1.800 produtores transformam sua produção própria em farinha e, posteriormente, alugam suas instalações a outros produtores das proximidades. Na região existe uma feclaria.

(1) CEPA/SC. Estudos básicos para o planejamento do desenvolvimento agrícola e rural. Florianópolis, 1978. v. 4

Na Mesorregião 7 (Microrregiões Colonial de Joinville, Litoral de Itajaí, Colonial de Blumenau, Colonial de Itajaí Norte e Colonial do Alto Itajaí), aproximadamente 50% da produção é utilizada "in natura" na alimentação humana e animal, sendo o restante transformado em farinha, fécula e raspa, destacando-se a produção de fécula que absorve 40% da raiz produzida na região.

Parte da fécula produzida é consumida no mercado interno e parte é exportada para os Estados Unidos e Canadá.

Das 64 fecularias existentes, a maior parte é constituída de pequenas indústrias e estas, vendem metade de sua produção a firmas exportadoras que, por sua vez, exportam 70% e comercializam os 30% restantes no mercado interno.

Na região, alguns agricultores possuem instalações próprias para a transformação de sua produção em farinha, enquanto que outros, valem-se de engenhos próximos, pagando o serviço em espécie; 70% da farinha é comercializada na região e o restante nos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Os compradores da raiz de mandioca na região são os donos de engenhos e fecularias.

Cabe salientar que, o maior problema enfrentado pelos produtores de mandioca no Estado, é a instabilidade do mercado que, ciclicamente apresenta dois anos favoráveis e três desfavoráveis em sua comercialização.

1.9 - Milho

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	1.005.274	2.453.077	2.440
1976/77	1.063.584	2.674.175	2.514
1977/78	1.005.633	1.587.902	1.579
1978/79	1.078.025	1.708.649	1.585
1979/80 ⁽¹⁾	1.150.744	2.876.860	2.500
1980/81 ⁽¹⁾	1.190.000	3.094.000	2.600

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
Fonte: FIBGE

É o principal produto da agricultura catari-nense, sendo cultivado por cerca de 165.000 agricultores. Sua produção está concentrada nas regiões do Oeste e Vale do Rio do Peixe, com aproximadamente 80% do volume da produção estadual.

No período 1975-77, a área plantada cresceu em 12%, tendo a produção aumentado em cerca de 26%. Este crescimento deveu-se, principalmente, à demanda pela suino-cultura e avicultura, além das condições climáticas terem sido favoráveis, e os recursos para financiamento terem apresentado comportamento normal.

Na safra 1977/78, a área de plantio diminuiu em 5,4% em relação a safra anterior, em decorrência principalmente dos baixos preços mínimos estipulados para a safra.

A produção caiu em cerca de 41% em relação a safra 1976/77, em decorrência da prolongada estiagem que ocorreu no Estado.

Na safra 1978/79, os bons preços ofertados pelo mercado, motivados pela falta do produto no final de 1978 (em função da frustração da safra anterior em todo o Sul do País), aliado ao preço mínimo considerado satisfatório, provocou um aumento de 7,2% na área de plantio, em relação a safra 1977/78. A produção esperada que era de 2.727.590 toneladas, caiu para 1.708.649 toneladas, em função da estiagem ocorrida em jan/fev de 1979.

Para a safra 1979/80, com os bons preços praticados no mercado no último ano, somado ao preço mínimo considerado estimulante, e à necessidade do produto, sentida pelos suinocultores e avicultores, a estimativa de plantio prevê um aumento de área plantada ao redor de 6,7%, com uma produção (se as condições climáticas se apresentarem normais) de 2.876.860 toneladas (68% maior que a safra 1978/79).

O crescimento da área plantada com milho nos últimos anos, aliado a necessidade do produto para a alimentação do plantel de suínos e aves, bem como a eleição da agricultura como meta prioritária do Governo, leva a estimar um incremento na área de plantio ao redor de 3,4% para a safra 1980/81, para uma produção de 3.094.000 toneladas.

Tendo em vista a exploração industrial de aves e suínos no Estado, o consumo interno do milho é representativo, com pequena parcela sendo exportada para o mercado interestadual, havendo também importação do produto do Paraná, principalmente pelos criadores de suínos e aves do Vale do Rio do Peixe e Oeste Catarinense.

"Segundo pesquisa levada a efeito nas regiões de concentração de produção de milho⁽¹⁾, 63% da produção do

(1) CEPA/SC. Fluxos e margens de comercialização de milho e soja no estado de Santa Catarina. Florianópolis, 1977.

cereal permanece na unidade produtora, sendo os 37% restantes comercializados. Da parcela comercializada, 90% é vendida dentro da própria região produtora (Microrregiões 13, 14, 15 e 16), compreendendo a Mesorregião 1, parte da 2 e 8.

Da parcela vendida, os produtores de milho entregam 66,22% da produção a intermediários e agroindústrias; 22,93% a cooperativas e 10,85% a agricultores.

Da produção comercializada, 11,76% sai da unidade produtora na forma de espigas; 61,54% a granel e 26,70% ensacado.

Segundo o Relatório Estatístico das Exportações do GREMOS/CIBRAZEM/MA, Santa Catarina exportou em 1977 para o mercado internacional através do Porto de Paranaguá (PR), 45.766 toneladas de milho em grão. De acordo com as informações da CFP, o Estado em 1978, importou do exterior 159.992 toneladas e de outros estados brasileiros, 49.171 toneladas. Para 1979 e início de 1980, as previsões da importação são da ordem de 370.000 toneladas, dos quais 149.000 toneladas já haviam sido adquiridas pelas diversas entidades catarinenses até 28/12/1979, através da Bolsa de Cereais de São Paulo.

1.10 - Soja

Área Plantada, Produção e Rendimento , Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	341.103	434.985	1.275
1976/77	350.642	476.365	1.359
1977/78	408.785	354.681	868
1978/79	504.570	433.863	860
1979/80 ⁽¹⁾	530.000	636.000	1.200
1980/81 ⁽¹⁾	550.000	715.000	1.300

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
Fonte: FIBGE

É cultivada no Estado, por cerca de 65 mil produtores rurais, com a produção concentrada nas regiões do Oeste, Vale do Rio do Peixe, Campos de Curitiba e Planalto de Canoinhas, responsáveis por aproximadamente 90% da produção estadual.

A área plantada na safra 1974/75, de 361.435 ha, aumentou em torno de 13% até a safra 1977/78, quando atingiu 408.785 ha.

O expressivo aumento de área ocorrido até 1974 (com taxa anual geométrica de crescimento no período de 1954 a 1974 de 29%), provocado pela conjuntura favorável do mercado internacional. A estabilização de preços em 1975 (diminuição do preço real, Cr\$ 1,06/kg em 1974 e Cr\$1,17

/kg em 1975) causou uma redução de 6% na área plantada na safra 1975/76. Em 1976, o preço de Cr\$ 1,51/kg deu novas esperanças, com repercussão na área cultivada na safra 1976/77. Com a elevação dos preços para Cr\$ 2,45/kg no ano de 1977, os produtores na safra seguinte, ampliaram a área em 17% (em relação a safra 1976/77), porém, a longa estiagem que ocorreu em 1978 provocou quebra de 36% no rendimento médio, com a produção caindo em 26%, em relação a safra anterior.

Na safra 1978/79, a área plantada foi de 504.570 ha (23,4% a mais que na safra 1977/78), no entanto, o rendimento médio (1.305 kg/ha), bem como a produção esperada (658.000 t), foram reduzidos em 34% e 37%, respectivamente, em virtude de estiagem ocorrida em jan/fev de 1979.

Para a safra 1979/80 prevê-se uma área de plantio da ordem de 530.000 ha (5% maior que a da safra anterior). Apesar de duas frustrações consecutivas sofridas pela cultura, bons preços alcançados pelo produto no mercado nacional e internacional, bem como, a utilização de áreas anteriormente ocupadas com arroz de sequeiro, foram os motivos da expansão prevista para a cultura. Se as condições climáticas forem favoráveis a produção deverá atingir cerca de 636.000 toneladas, o que representará um acréscimo de 46,6% na produção, em relação a safra 1978/79.

Se as cotações do produto para 1980 continuarem favoráveis, aliado a necessidade das indústrias catarinenses (capacidade de esmagamento 1.413.000 t/ano), e a tendência de aumento de área de plantio verificada nos últimos anos, prevê-se um aumento de área a ser plantada de no mínimo 3,8%.

Antes de 1970, o cultivo da soja no Estado era insignificante. Alguns agricultores faziam o cultivo visando a alimentação de suínos, ministrando o produto na forma de grãos tostados. A partir de então, a lavoura teve expansão em virtude das condições favoráveis em termos de preço e mercado.

A soja, cultivada inicialmente com a finalidade de ser comercializada junto com o milho, constituindo a base para a composição de rações destinadas ao rebanho suíno e ao parque avícola, aos poucos, foi dividindo sua destinação com as indústrias produtoras de óleo, que foram sendo instaladas no Estado, ficando os subprodutos, resultantes do esmagamento da oleaginosa, para a alimentação animal.

Atualmente, a capacidade nominal de esmagamento instalada de soja em Santa Catarina é da ordem de 1.413.000 t/ano para uma produção, na safra 1979/80, estimada em 636.000 toneladas, obrigando as indústrias a importar a matéria-prima dos vizinhos estados do Rio Grande do Sul e Paraná.

Entretanto, apesar da efetivação das importações, as indústrias ainda vem operando com capacidade ociosa. Paralelamente às importações de soja em grão, estão sendo levadas a efeito exportações do mesmo produto, para os Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, bem como, para o exterior.

Segundo informações da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, em 1978, Santa Catarina exportou para o mercado internacional, 81.000 toneladas de farelo de soja e 13.350 toneladas de óleo de soja, somando um montante de 24.355 mil dólares (Cr\$ 412.653 mil). Segundo a mesma fonte, de janeiro a junho de 1979, foram vendidas para o exterior 88.000 toneladas de farelo de soja, resultando numa receita de 18.844 mil dólares.

A nível de região produtora (Microrregião 13, 14, 15 e 16), aproximadamente 77% da produção é adquirida principalmente pelas indústrias e intermediários, 22% pelas cooperativas e apenas 1% por outros agricultores.

Considerando a área estudada (Microrregião 13, 14, 15 e 16), observa-se que cerca de 6% da produção total de soja é consumida na própria unidade produtora, sendo o restante 94%, comercializado.

Das unidades de produção de soja, aproximadamente 94% são exploradas pelos proprietários; 3% por arrendatários e 3% por outras formas.

1.11 - Tomate

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safra 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	943	25.217	26.741
1976/77	926	22.917	24.748
1977/78	997	28.029	28.113
1978/79	1.100	30.081	27.346
1979/80 ⁽¹⁾	1.327	40.442	30.477
1980/81 ⁽¹⁾	1.390	43.090	31.000

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
Fonte: FIBGE

A produção de tomate no Estado, concentra-se nas Microrregiões Carbonífera, Campos de Lages, Campos de Curitiba, Colonial Serrana Catarinense, Alto Vale do Itajaí e Colonial de Joinville.

O tomate é produzido em Santa Catarina durante todo o ano, sendo que a produção da região serrana é concentrada nos meses de janeiro a março e nos meses de julho a agosto, a do Litoral.

A sensível oscilação de preços, a alta perecibilidade da produção e a inexistência de uma política de garantia de preços, tornam inseguro o sucesso econômico dessa cultura, visto que a comercialização deve ser efetuada imediatamente após a colheita.

Na safra 1975/76 em relação a anterior, a área plantada aumentou em 27%, o rendimento em 12% e a produção em cerca de 43%; passando de 17.590 para 25.217 toneladas.

Em 1977, quando foram retirados os subsídios aos insumos modernos, a safra 1976/77, com ligeira redução, se manteve em relação a 1975/76, com 2% a menos na área plantada, menos 9% na produção e 7,5% no rendimento por hectare.

Os preços obtidos em 1977 provocaram um aumento na safra 1977/78 de 7,6% na área plantada, 13,6% no rendimento e 22,2% na produção, aumentando de 22.917 toneladas (1976/77) para 28.029 toneladas.

Na safra 1978/79, se comparada com a safra anterior, verificou-se um aumento de área de 10,3%, 22,3% na produção, enquanto o rendimento médio foi reduzido em 2,7%.

Os preços praticados junto aos produtores em 1979, considerados estimulantes, variando de Cr\$ 8,00 (ago) e Cr\$ 7,00 (out) por quilo do produto. Conciliando às novas alternativas de mercado (Mercado do Produtor do Vale do Canoas em Urubici); possibilitou um aumento de área em torno de 227 ha (21%) para a safra 1979/80, prevendo uma produção de 40.442 toneladas (34%), podendo atingir na safra

1980/81 a área plantada de 1.390 ha e uma produção de 43.090 toneladas.

Quanto a comercialização do produto, observa-se que no período de agosto a novembro, ocorre uma sensível escassez no mercado interno, aumentando o consumo de tomate oriundo de outros estados, principalmente Paraná e São Paulo. O aumento da oferta desta solanácea no mercado interno, inicia a partir de dezembro, com a produção oriunda do Sul do Estado, Litoral de Florianópolis e Colonial Serrana Catarinane. A partir de fevereiro começa a safra do Vale do Rio Canoas, que é comercializada através do Mercado do Produtor.

O consumo para 1980 está previsto em 19.200 toneladas, cerca de 47% da produção prevista, que somadas às perdas de comercialização em torno de 4.000 toneladas, atingem a 23.200 toneladas, resultando num excedente da ordem de 17.242 toneladas, que é comercializado principalmente nos mercados do Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Volume de Tomate Comercializado na CEASA/SC
- Santa Catarina, nov de 1977 a nov de 1979

(em quilogramas)

A n o	O r i g e m						Total
	SC	PR	SP	RS	MG	RJ	
<u>1977</u>							
nov	54.361	102.307	94.556	4.830			256.054
dez	119.162	55.168	6.279	30.719			211.328
<u>Total</u>	<u>173.523</u>	<u>157.475</u>	<u>100.835</u>	<u>35.549</u>			<u>467.382</u>
<u>1978</u>							
jan	168.319	45.094	20.220	5.874			239.507
fev	170.353	37.263	13.572	338			221.526
mar	157.483	1.540	579				159.602
abr	346.160	503	966	1.353			348.982
mai	270.406	1.280	1.263	3.333			276.282
jun	210.137	5.869	12.553				228.559
jul	226.124	3.319	1.650	968			232.061
ago	192.556	50.170	6.625	500			249.851
set	165.915	39.700	15.200				220.815
out	109.680	63.560	45.800	375			219.415
nov	206.436	27.218	7.050	5.450			246.154
dez	215.957	30.540	29.020				275.517
<u>Total</u>	<u>2.439.526</u>	<u>306.056</u>	<u>154.498</u>	<u>18.191</u>			<u>2.918.271</u>
<u>1979</u>							
jan	412.063	2.400					414.463
fev	258.978		3.550	24.350			286.878
mar	248.765	31.975	6.000				286.740
abr	233.059	18.275	5.375	200			256.909
mai	167.600	32.450	18.850				218.900
jun	213.601	37.250	1.750				252.601
jul	307.975	3.550	2.375				313.900
ago	231.237	50.350	4.250				285.837
set	261.052	176.405	20.800		8.425	18.225	484.907
out	51.340	184.625	74.775				310.740
nov	90.025	138.790	25.750				254.565
<u>Total</u>	<u>2.475.695</u>	<u>676.070</u>	<u>163.475</u>	<u>24.550</u>	<u>8.425</u>	<u>18.225</u>	<u>3.366.440</u>

Fonte: CEASA/SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

1.12 - Trigo

Área Plantada, Produção e Rendimento, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	40.851	33.572	822
1976/77	37.522	20.328	542
1977/78	11.620	4.279	368
1978/79	4.587	3.791	826
1979/80 ⁽¹⁾	34.749	15.760	454
1980/81 ⁽¹⁾	25.000	20.650	826

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
Fonte: FIBGE

A produção se concentra nas regiões do Oeste , Vale do Rio do Peixe, Campos de Curitibanos, Planalto Catarinense e Campos de Lages.

O desinteresse pelo cultivo do trigo, face as sucessivas frustrações de safra (decorrentes de adversidade climáticas), da inexistência de variedades de melhor adaptação ao meio e também face ao próprio preço do produto, levou a uma diminuição da área plantada no período 1976-79 da ordem de 88,8%. Em decorrência da redução da área plantada, a produção caiu em cerca de 88,7% no mesmo período.

Na safra 1978/79, que apresentou uma pequena área de plantio, as condições climáticas favoráveis ocorridas durante o ciclo da cultura, proporcionaram um rendimento médio superior em 124% ao da safra anterior.

O rendimento satisfatório obtido na safra 1978/79, e as frustrações das culturas de verão nos dois últimos anos, fizeram com que a área cultivada na última safra voltasse a crescer cerca de 658% em relação a safra anterior. A ocorrência de geadas em setembro, bem como, o excesso de chuvas em outubro e novembro de 1979, prejudicaram grandemente a cultura, fazendo com que a produção esperada de 39.674 toneladas caísse (final de 1979) para 15.760 toneladas com o produto colhido apresentando baixo peso hectolítrico (entre 60 a 70, quando o normal seria de 78).

Para a safra 1980/81, a previsão é de uma redução na área de plantio do trigo, em função principalmente da frustração da safra 1979/80 e também das ótimas perspectivas das safras de soja, arroz e milho (com reflexos positivos na produção de suínos e aves), que deverão proporcionar aos produtores recomposição de seu capital de giro.

A comercialização da produção do trigo é feita sob controle oficial, através da Comissão do Trigo Nacional (CTRIN), por intermédio das agências do Banco do Brasil S.A. A venda é feita à vista, ocorrendo alguma demora até as cooperativas formarem um lote e providenciar os documentos necessários.

A produção catarinense é pouco expressiva, ficando abaixo das necessidades internas. O déficit (158.040t) é eliminado pela entrada do produto vindo das zonas produtoras e de importações de outros países. A demanda estadual situa-se em 173.800 toneladas.

A Mesorregião 1 e a microrregião 13 (parte da mesorregião 2) são responsáveis pela produção de cerca de 85% do total do trigo colhido no Estado.

As cooperativas prestam os serviços de recebimento da produção, limpeza, secagem e armazenamento.

2. Frutas

2.1 - Banana

Área Plantada e Produção, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)
1975/76	13.842	141.308
1976/77	14.998	164.308
1977/78	17.134	190.072
1978/79	18.366	226.269
1979/80 ⁽¹⁾	19.428	239.353
1980/81 ⁽¹⁾	21.100	261.640

(1) Previsão: FIBGE (1979/80) e SAA-MA/CEPA-SC (1980/81)
 Fonte: FIBGE

A produção concentra-se principalmente nas Microrregiões Colonial de Joinville (nos municípios de Jaraguá do Sul, Corupá e Guaramirim), com aproximadamente 50% da área plantada; Colonial do Sul Catarinense e Carbonífera com 40% da área, ficando os restantes 10% distribuídos pelo litoral.

A área plantada cresceu no período 1976-'79 em 33% com a produção aumentando em 60%. Esse crescimento foi motivado principalmente pela boa aceitação do produto catarinense no mercado do Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. O rendimento médio tem variado de ano para ano de conformidade com o comportamento das condições climáticas em cada safra.

Segundo a tendência normal do aumento de plantio verificada nos últimos anos, a área plantada com banana no Estado deverá alcançar 19.428 ha na safra 1979/80 e 21.100 ha na safra 1980/81, com produções previstas de 239.353 toneladas e 261.640 toneladas, respectivamente.

2.2 - Maçã

Área Plantada e Produção, safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)
1975/76	3.816	8.400
1976/77	5.287	12.355
1977/78	6.337	10.854
1978/79	7.154	21.410
1979/80 ⁽¹⁾	8.154	26.000
1980/81 ⁽¹⁾	9.154	40.000

(1) Previsão

Fonte: SAA/EMATER-SC/ACARESC-PROFIT

Esta cultura é explorada nas regiões do Planalto Catarinense e Vale do Rio do Peixe, onde a altitude, solos e clima, viabilizam o sucesso da exploração.

A pesquisa vem sendo desenvolvida, nas bases físicas de Videira, São Joaquim e Caçador, visando prioritariamente o melhoramento, introdução e adaptação de variedades, fertilidade, sistemas de plantio, tratamentos culturais, fitossanidade e conservação dos frutos.

O crescimento da cultura fez com que diversos viveiros fossem organizados para a produção de mudas, tendo sido plantadas em 1978, cerca de 1.133.800 mudas.

A área plantada com macieiras, evoluiu no período de 1975 a 1978, aproximadamente 31% ao ano, passando de 2.668 ha plantados em 1975 para 6.337 ha em 1978, atingindo na safra 1978/79, 7.154 ha.

O rendimento, calculado sobre os pomares já produtivos, em relação a safra 1976/77, aumentou em 17% na safra 1975/76, estabilizando na safra de 1976/77.

Na safra 1977/78, o rendimento caiu em 39% em relação a safra 1974/75, redução esta em decorrência da falta de horas de frio no inverno e prolongada estiagem na época da formação e maturação dos frutos. Na safra 1978/79, a produção aumentou pela entrada em produção de novas áreas plantadas nos anos anteriores, alcançando 21.410 toneladas.

A produção cresceu em 328%, no período 1975 a 1979, porém, o aumento de preços a nível de produtor, considerados não estimulantes, aliado ao aumento dos custos de produção, ocasionaram a partir de 1978, uma estabilidade de aumento de plantio de novas áreas, ao redor de 1.000 ha por ano.

Se as condições de crédito forem mais favoráveis (com períodos de carência mais elásticos e taxas de juros menores) proporcionando aos produtores melhores possibilidades no reembolso do investimento, estima-se que para a safra 1979/80 a área plantada com maçã deva alcan-

çar 8.154 ha (14% maior que na safra 1978/79), com produção prevista em 26.000 toneladas, podendo atingir na safra 1980/81, 9.154 ha para uma produção de 40.000 toneladas.

2.3 - Frutas de Caroço (Pêssego, Nectarina e Ameixa)

Estas culturas são exploradas nas regiões do Planalto Catarinense e principalmente no Vale do Rio do Peixe.

A área plantada com estas frutíferas (frutas de caroço), cresceu até a safra 1975/76, estacionando a partir daí, face as sucessivas frustrações ocasionadas por adversidades climáticas (geadas na floração), que reduziram drasticamente os volumes das produções esperadas.

Para a safra 1980/81, prevê-se que as áreas plantadas, não devam sofrer alterações, porém se as condições climáticas se apresentarem favoráveis em 1980, espera-se uma produção de 4.000 toneladas de pêssego, 4.000 toneladas de nectarina e 1.500 toneladas de ameixa.

Pêssego

Área Plantada e Produção, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)
1975/76	533	2.850
1976/77	648	1.836
1977/78	733	2.550
1978/79	733	1.052
1979/80 (1)	733	1.000
1980/81 (1)	733	4.000

(1) Previsão

Fonte: SAA/EMATER-SC/ACARESC-PROFIT

Nectarina

Área Plantada e Produção, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)
1975/76	816	2.190
1976/77	607(*)	2.083
1977/78	607	726
1978/79	607	655
1979/80 (1)	607	1.000
1980/81 (1)	607	4.000

(1) Previsão

(*) Redução de área plantada devido a erradicação de alguns pomares

Fonte: SAA/EMATER-SC/ACARESC-PROFIT

Ameixa

Área Plantada e Produção, Safras 1975/76-1980/81

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção (t)
1975/76	450	350
1976/77	303 (*)	1.012
1977/78	316	371
1978/79	316	341
1979/80 (1)	316	1.000
1980/81 (1)	316	1.500

(1) Previsão

(*) Redução da área plantada devido a erradicação de alguns pomares

Fonte: SAA/EMATER-SC/ACARESC-PROFIT

2.4 - Uva Vinífera

S a f r a	Área Plantada (ha)	Produção Comercializada (t)
1975/76	377	2.450
1976/77	433	1.805
1977/78	517	1.557
1978/79	600	1.700
1979/80 (1)	605	3.000
1980/81 (1)	614	4.000

(1) Previsão

Fonte: SAA-EMATER-SC/ACARESC-PROFIT

A produção de uva vinífera comercializada em Santa Catarina, considerando na análise somente aquela abrangida pelo PROFIT, está concentrada na região Colonial do Rio do Peixe, com aproximadamente 90% da produção da área do projeto.

A área explorada apresentou uma taxa de crescimento anual nas safras 1975/76-1978/79 de 17% na área e 1% na produção

~~O maior problema enfrentado pelos produtores de uva vinífera é a ocorrência de fatores climáticos adversos (excesso e/ou falta de chuvas, bem como, incidência de geadas).~~

A safra 1976/77, apresentou um produto de qualidade apenas razoável, devido ao excesso de chuvas na fase de maturação da cultura, ocasionando sensível baixa na graduação glucométrica por ocasião da colheita.

A safra 1977/78, apesar de apresentar volume inferior ao da safra anterior (-14%), devido ao longo período de seca ocorrido na região produtora, produziu frutos de excelente qualidade. A graduação glucométrica das viníferas por ocasião da colheita foi elevada. A perda de peso do fruto foi compensada pela alta concentração de açúcares, proporcionando ótimas características à vinificação da safra.

A safra 1978/79, sofreu mais uma vez as consequências da prolongada seca, chegando em algumas parreiras a não completar-se a maturação, onde murcharam os cachos ainda verdes, antes de findar-se o ciclo de produção.

Em locais em que a maturação foi normal, o fruto produzido apresentou alta concentração de açúcares, originando vinhos de melhor qualidade. Para a safra 1979/80, a ocorrência de fatores climáticos adversos (excesso de chuva no mês de outubro, quando da formação de cachos e presença de geadas) propiciou condições favoráveis a doenças, resultando em perdas de produção. As previsões do PROFIT eram de 35.000 toneladas (vinífera e americana). Entretanto, a ocorrência de geadas na época de formação dos cachos, reduziu a produção em 57%, estimando-se que a safra será de apenas 15.000 toneladas.

Segundo a mesma fonte, as previsões para a safra 1980/81, se as condições climáticas forem favoráveis, são de 38.000 toneladas (34.000 toneladas de uva americana e 4.000 toneladas de uva vinífera).

A comercialização de frutas através das cooperativas ainda tem uma grande dependência da ação dos distribuidores. Este encaminhamento onera os custos de comercialização, pois, além dos custos operacionais de processamento da própria cooperativa, ainda incidem sobre a produção, as taxas de comercialização cobradas pelos distribuidores, que são da ordem de 14 a 16%.

No que se refere aos preços, as cotações das frutas de clima temperado, no mercado interno, sofrem variações periódicas, acompanhando a relação safra/preço baixo e entressafra/preço elevado, em que, para a maçã, os preços mais altos ocorrem de outubro a janeiro, enquanto que os mais baixos de fevereiro a julho.

Na comercialização da maçã, a safra argentina coincide, praticamente, com a safra catarinense, provocando uma queda muito grande no preço do produto, a nível nacional, prejudicando os produtores locais. A maçã argentina, que não sofre nenhuma taxa alfandegária, é importada a baixos custos, neste período, concorrendo em igualdade de condições com a maçã produzida no Brasil.

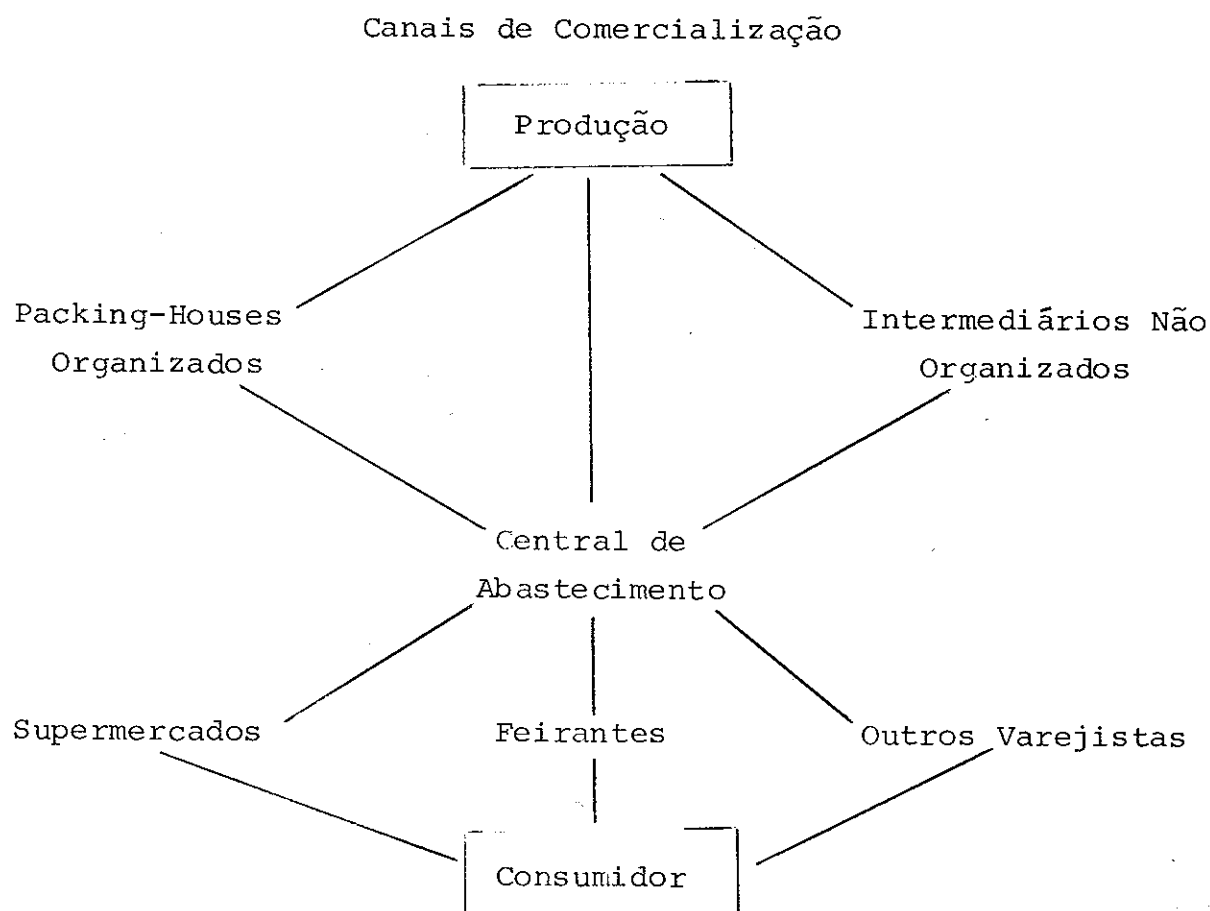
Em função da reduzida capacidade de estocagem, as frutas catarinenses são comercializadas, obrigatoriamente, num curto período de tempo, e o produtor em função da grande oferta por ocasião das safras, vê-se na contingência de vender sua produção a preços pouco compensadores.

Em se tratando de frutas de caroço (pêssego, ameixa, nectarina) o fornecimento da produção nacional compreende o período de outubro-fevereiro, quando, as variedades mais precoces (de início de safra) e as mais tardias (de fim de safra) alcançam cotações maiores. Os preços mais baixos ocorrem no pique da oferta e, além disso, no final de dezembro e início de janeiro.

Existe ainda, variação de preços relacionada com "variedades", em função de sua maior ou menor aceitação no mercado, bem como, relacionada com o "tipo de produtor", em função da qualidade geral de sua produção, decorrente das

condições que o mesmo tem de manipulação da produção, como a seleção, classificação e acondicionamento que valorizam a apresentação geral do produto.

A fruta produzida no Estado, que alcança os grandes centros consumidores "in natura", obedece o esquema básico de distribuição apresentado a seguir.



As formas de comercialização de frutas, correntes no Estado, estão representadas no esquema que segue, onde cabem as seguintes considerações:

1) Entrega a Intermediários - a produção é vendida pelo produtor a comerciantes "volantes", à granel, é assim comercializada, sem tratamentos, preservação ou classificação. Atende a mercados regionais, cuja expansão é limitada.

2) Venda por Conta Própria - a produção é vendida pelo próprio produtor diretamente ao consumidor, à granel, sem tratamentos, preservação ou classificação. Atende a mercado regional próximo à zona de produção, de absorção limitada.

3) Entrega a Cooperativas - A produção é selecionada, classificada e embalada ou pelo produtor ou pela cooperativa. A comercialização é feita em grandes centros consumidores, diretamente pela cooperativa ou através de empresas especializadas, em consignação.

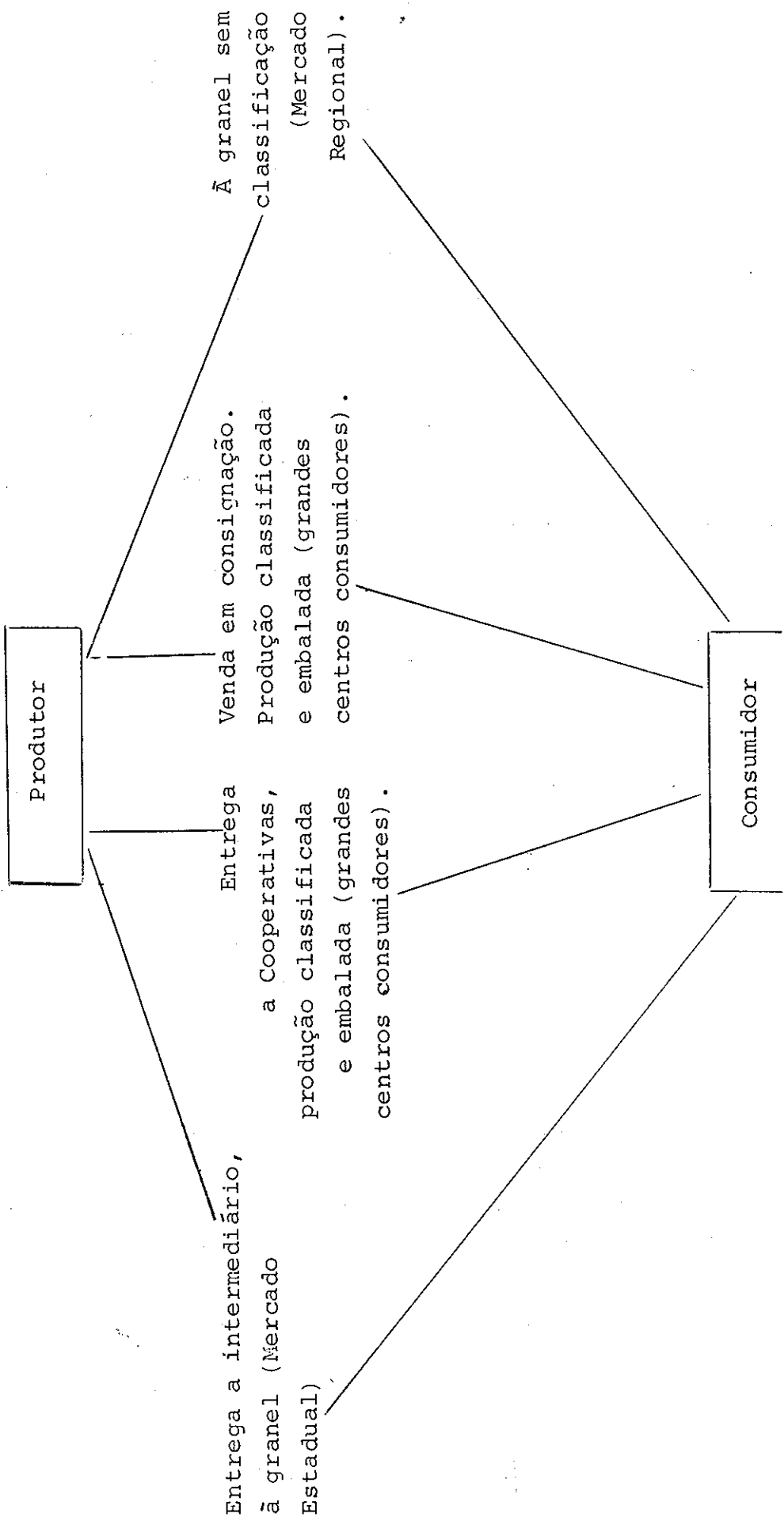
4) Venda em consignação - A produção é entregue pelo produtor ou cooperativas, classificada e embalada, a empresas de comercialização. A empresa deduz taxa de prestação de serviço que pode elevar-se a 15% sobre o valor da produção comercializada.

Dentro dessa esquemática de distribuição, somente a produção manipulada dentro de certas condições (seleção, classificação e armazenagem) tem condições de alcançar os grandes centros consumidores, sem ficar restrito a mercados regionais de baixa absorção. Por outro lado, somente com infra-estrutura na região de produção, relativas à manipulação em pós-colheita, é que o produtor poderá vir a beneficiar-se do programa governamental constituído pelo Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento (SINAC). As unidades do SINAC (Centrais de Abastecimento) tem como funções principais o recebimento, conservação intermediária e distribuição dos produtos hortigranjeiros nos grandes centros consumidores, devendo a quase totalidade da comercialização ser efetuada através dos mesmos. Essa ação permite, inclusive, contato mais direto dos produtores, suas cooperativas e/ou consignatários, com o mercado. Essa ação permitirá uma desvinculação dos aspectos negativos de intermediação excessiva, desde que o produtor tenha condições de manipular, armazenar e transportar adequadamente sua produção.

A organização de infra-estrutura de pós-colheita, junto à zona de produção, permite, por outro lado, que venham a ser implantadas legislações normalizando a comercialização de hortigranjeiros, modificando o sistema atualmente utilizado, visando padronizar a seleção, classificação, acondicionamento e embalagem.

Segue o esquema que caracteriza a forma e o fluxo de comercialização das frutas de clima temperado.

Formas de Comercialização



3. Pecuária

3.1 - Aves

O Brasil está classificado atualmente como sexto maior produtor mundial de frangos de corte, depois dos Estados Unidos, Japão, Espanha, França e Reino Unido. Como produtor de aves, o Brasil ocupa o décimo lugar depois dos Estados Unidos, Rússia, Japão, Alemanha Ocidental, Reino Unido, França, Itália, Espanha e México. Entretanto, o Brasil é ainda quase que totalmente dependente da importação de material genético avícola.

Apesar do progresso verificado nos diversos segmentos da produção avícola, os trabalhos para obtenção de linhagens nacionais ficaram estagnados e nas mãos de uns poucos avicultores pioneiros. A obtenção por outros países de aves "híbridas", altamente especializadas na produção de carne e ovos, fez com que a seleção de aves de raças puras fosse abandonada. Não se justificaria tentar melhorar a produção de uma raça pura nacional, quando podia-se importar facilmente "híbridos" comerciais com produtividade bem mais elevada. Nessa ocasião teve início a fase comercial da avicultura catarinense. Por outro lado, a importação de "pacotes genéticos" sob a forma de caixas de pintos, desestimulou por completo o melhoramento avícola nacional.

Com a entrada dos chamados grandes capitais nas diferentes atividades avícolas na década de 70, teve início o período atual denominado "avicultura industrial", que carac-

terizou acentuadamente a expansão do setor na economia brasileira. A formação de firmas integradoras possibilitou a diminuição relativa dos custos de produção, programação mais racional da produção de insumos e produtos avícolas e criou condições de atender, a curto prazo, eventuais demandas extraordinárias do mercado de aves e ovos. A economia de escala passou a vigorar nas atividades avícolas criando organizações integradoras de produção e comercialização, principalmente em Santa Catarina.

A produção de frangos e perus concentra-se nas regiões do Oeste e Vale do Rio do Peixe. A participação do setor público é pouca ou quase nenhuma, exceto nos financiamentos concedidos através do crédito rural e através dos Programas de Desenvolvimento, financiando investimentos agroindustriais e custeio para fábrica de rações.

A atividade de produção de aves de corte representa quase que a totalidade da produção avícola do Estado, onde cerca de 96% dos produtores estão integrados às indústrias, que fornecem todos os insumos e assistência técnica necessária.

A atividade avícola no Estado, tem evoluído acentuadamente. O abate sob Inspeção Federal em 1978 foi de 99 milhões de cabeças, atingindo em 1979, 116 milhões de aves abatidas. O número de matrizes alojadas em 1979, girou em torno de 1.600 mil cabeças e o plantel de postura comercial em 500 mil cabeças de aves alojadas. O efetivo de matrizes de corte nas Microrregiões Colonial do Oeste Catarinense, Colonial do Rio do Peixe, Colonial de Blumenau e Carbonífera, cresceu de 1976 para 1979 em 64%. A produção de aves (1979) teve a participação de doze agroindústrias, onde o número de integrados cresceu 78% no período 1975-79, registrando um acréscimo de 133%, no número de aves abatidas no mesmo período. A produção média em 1979 foi de 71.067 cabeças por

produtor assistido (Tabela nº 43). Cabe salientar ainda, que no período 1975-79 a produção de carne de aves passou de 69.561 toneladas (1975) para 162.275 toneladas (1979), acusando um crescimento anual de 24%, no período.

Para 1980 e 1981, tendo em vista a elevação do preço da carne bovina, aumentando o consumo interno de outras carnes (suína e pescado), principalmente de aves, acrescido a fácil colocação do produto catarinense no mercado internacional, conciliado com a intensificação do serviço de Inspeção Federal junto às indústrias, se prevê para 1980 um abate total (SIF) de 140 milhões de cabeças (21% a mais se comparado com o ano anterior, enquanto que para 1981, poderá atingir 160 milhões de cabeças, para uma produção de 224.000 toneladas (tab. nº 44).

A comercialização de carne de aves no Estado, pelas indústrias sob Inspeção, aumentou no triênio 1977-79 em 25%. Para o mercado interestadual cresceu em 23%, enquanto a internacional aumentou em 148%, verificando-se incremento na comercialização total de carnes (SIF) no período, de 45% (Tab. nº 45).

Do total de carnes de aves exportadas por Santa Catarina para outros estados, destacaram-se os mercados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia, participando com 32%, 30%, 13% e 5%, respectivamente (Tabela nº46).

Tabela nº 43

Evolução do Sistema Integrado - Santa Catarina, 1975-79

A n o	Nº de indústrias que fomentam Produção de Frangos	Integrados			Abate		
		Nº	Índice	Nº Médio por Indústria	Nº de Cabeças	Índice	Nº Médio por Integrado
1975	9	915	100	102	49.686.513	100	54.302
1976	9	953	104	106	62.000.000	125	65.057
1977	10	1.155	126	116	81.557.494	164	70.612
1978	13	1.383	151	106	98.984.266	199	71.572
1979	12	1.631	178	136	115.911.011	233	71.067

Fonte: DFA-SC/SERPA
Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 44

Abate de Aves - Santa Catarina, 1975-79 (SIF)

A n o	Total Abatido (Nº cabeças)	Produção (t)	Índice
1975	49.686.513	69.561	100
1976	62.000.000	84.150	121
1977	81.557.494	111.733	161
1978	98.984.266	139.047	200
1979	115.911.011	162.275	233
1980 (1)	140.000.000	196.000	219
1981 (1)	160.000.000	224.000	322

(1) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: DFA-SC/SERPA

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 45

Comercialização de Carne de Aves - Santa Catarina, 1977-79

(em toneladas)

A n o	Estadual	Interestadual	Internacional	Total
1977	15.557,79	76.569,90	19.606,00	111.733,69
1978	17.425,97	89.645,98	31.975,30	139.047,25
1979(1)	19.473,00	94.119,50	48.682,50	162.275,00

(1) Estimativa: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: ABEF e SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 46

Comercialização Interestadual de Carne de Aves - Santa Catarina, 1977-79

(em toneladas)

Estado	Rio de Janeiro	São Paulo	Minas Gerais	Bahia	D. Federal	Outros	Total
1977	25.571,12	24.311,36	9.305,92	4.918,38	2.401,12	10.061,88	76.569,90
1978	29.941,82	26.348,46	11.038,40	5.790,84	2.290,99	14.235,49	89.645,98
1979 (1)	30.250,00	28.113,00	12.414,00	4.998,00	2.700,00	15.644,00	94.119,00

(1) Estimativa

Fonte: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 47

Efetivo de Matrizes de Corte por Microrregião - Santa Catarina, 1976-79

Microrregião	1976		1977		1978		1979	
	Nº Matrizes	Participação %	Nº Matrizes	Participação %	Nº Matrizes	Participação %	Nº Matrizes	Participação %
Colonial Rio do Peixe	485.321	49,70	421.309	39,58	601.322	43,85	730.680	45,64
Colonial Oeste	331.200	33,91	433.197	40,70	530.064	38,66	580.280	36,25
Colonial de Blumenau	-	-	50.000	4,70	50.000	3,65	100.000	6,25
Carbonífera	160.000	16,39	160.000	15,03	190.000	13,86	190.000	21,87
Total	976.521	100,00	1.064.506	100,00	1.371.386	100,00	1.600.960	100,00

Fonte: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 48

Volume e Valor das Exportações de Aves Para o Mercado Internacional - Santa Catarina, 1977-79

Ano	Volume (t)	Índice	Valor (US\$ FOB)
1975	2.845,8	100	2.696.275
1976	14.949,9	525	14.761.576
1977	19.606,0	689	18.732.733
1978	31.975,3	1.124	29.457.050
1979 (1)	48.682,5	1.771	

(1) Estimativa: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: ABEF

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

3.2 - Bovinos de Corte e Leite

A bovinocultura está presente em aproximadamente 200 mil propriedades rurais, tendo significativa participação na renda familiar, sendo explorada em pequena escala em todo o Estado. Os maiores rebanhos para corte, concentram-se no Planalto de Lages e Norte do Estado, enquanto a exploração leiteira, localiza-se principalmente nas áreas do Alto e Médio Vale do Itajaí, Litoral Norte, Grande Florianópolis, Tubarão e Lages.

Nos últimos nove anos (Tabela nº 49) o rebanho bovino catarinense, se manteve estável, apresentando uma taxa de crescimento anual no período 1971-79 de 2,3%, em consequência de fatores climáticos adversos e principalmente pelo acentuado abate de matrizes. Em 1979 o rebanho estadual apresentou um aumento no seu efetivo na ordem de 1,2% em relação a 1978, ano de crise para este segmento da economia.

Aliada aos aspectos econômicos, a bovinocultura tem uma importância social, pois 97% dos produtores possuem menos de 50 cabeças e detém cerca de 65% do rebanho estadual. Este rebanho participa na formação da renda familiar do pequeno produtor, seja através da produção de leite, principalmente, seja com a venda de alguns animais para o abate.

Segundo a SAA/CODESA, em 1979, o rebanho bovino catarinense apresentou um efetivo aproximado de 2.217.459 cabeças, com um abate em torno de 266.000 bovinos.

A produção de carne bovina em Santa Catarina é sazonal concentrando 75% da venda de bovinos para o abate nos meses de dezembro a junho, enquanto os 25% restantes são abatidos de julho a novembro.

Nas áreas onde foi implantada a Federalização da Inspeção de carnes, ocorrem problemas de comercialização do produto, principalmente nos pequenos abatedouros, hoje impedidos de funcionar. A concentração da comercialização em um reduzido número de frigoríficos, prejudica não só a comercialização dos animais, mas também o abastecimento de carne nas pequenas comunidades.

Em 1979, a produção de carne bovina foi de 58.520 toneladas.

Para 1980, tendo em vista a diminuição da demanda de carne bovina e a elevação de preços, acrescido pela menor oferta em números relativos do rebanho (recomposição do rebanho), as previsões indicam um abate de aproximadamente 56.000 toneladas, ocasionando num déficit para o Estado de cerca de 17.000 toneladas. (Tabela nº 50).

A bovinocultura de leite apresentou uma produtividade média de 1.095 l/vaca/ano, considerada baixa, se comparada com outros estados produtores. Em 1978, a produção de leite estadual foi de 385.558 mil litros, contra 415.660 mil verificadas no ano anterior, crescimento este negativo de 7,81% , ocasionado principalmente por problemas de geadas e estiagem, com reflexos na produtividade do rebanho, e inclusive, culminou com o envio de matrizes para o abate.

Em 1979, as previsões de produção de leite foram de 391.118 mil litros, representando um acréscimo em relação a 1978 de 1%.

Para 1980, se as condições climáticas continuarem favoráveis e levando em consideração que está havendo um aumento do consumo de leite, portanto, condições de mercado satisfatórias, as previsões indicam uma produção da ordem de 484.000 mil litros, podendo ocorrer inclusive um superávit de aproximadamente 18.000 mil litros (tabela nº 51).

Aparentemente a produção total de leite no Estado apresentou um crescimento reduzido, porém , quanto ao volume fornecido às indústrias, constata-se um crescimento bastante significativo no período 1974-78. A estacionalidade da produção se constitui num dos mais sérios problemas, que desafia os produtores e setores ligados a atividade, já que a demanda de leite "in natura" é constante e a produção é sazonal.

Sendo a oferta de leite sazonal, verifica-se no Estado, uma sobra na safra de aproximadamente 20 milhões de litros, enquanto na entressafra ocorre um déficit superior a 30 milhões de litros, obrigando as indústrias de laticínios, a operarem com toda sua capacidade na safra e com cerca de 30% de ociosidade na entre-safra, dificultando desta forma o aumento e ampliação das indústrias, e de-

sistimulando o crescimento do rebanho de leite.

A produção leiteira no Estado além do entrave relacionado com a estacionalidade da produção, apresenta ainda uma estrutura de produção pulverizada, encarecendo a coleta e dificultando o controle de qualidade e assistência técnica, à nível de produtor. Por outro lado, o baixo nível de produção vaca/ano, como consequência de um desempenho insatisfatório das matrizes em termos produtivos e de natalidade, conjugado ao tamanho inadequado da exploração, o baixo nível de capitalização das empresas leiteiras e o baixo nível de tecnologia e capacitação por parte da empresa e do produtor, somados, tem dificultado a expansão e o desenvolvimento do setor leiteiro do Estado.

Do leite recebido pelas indústrias, 66% é comercializado empacotado para o consumo "in natura" e 34% é industrializado principalmente na forma de queijo e manteiga. Do total de leite produzido no Estado, 68% destina-se ao consumo humano, deste volume 35,3% segue para as indústrias e os demais 64,7% são consumidos ou transformados em derivados à nível de propriedade.

Tabela nº 49

Composição do Rebanho Bovino Catarinense por Classe Animal - 1971-79

(em cabeças)

A n o	Touros	%	Vacas	%	Novilhos	%	Novilhas	%	Bois	%	Terneiros	%	Total
1971	56.166	3,04	596.415	32,37	269.147	14,56	369.802	24,91	260.437	14,09	296.429	16,04	1.848.378
1972	64.355	3,06	678.710	32,24	312.971	14,87	426.696	20,27	279.349	13,27	343.133	16,30	2.105.214
1973	64.846	3,09	683.397	32,54	317.774	15,13	416.730	19,84	277.892	13,23	399.600	16,17	2.100.239
1974	66.857	3,09	708.248	32,74	315.739	14,60	425.113	19,65	286.230	13,23	360.996	16,69	2.163.183
1975	74.586	3,34	721.274	32,26	395.288	17,68	454.406	20,32	241.511	10,80	348.782	15,60	2.235.847
1976	75.533	3,29	738.420	32,16	387.926	16,89	451.085	19,64	242.991	10,58	400.262	17,43	2.296.220
1977	67.878	3,08	709.183	32,17	387.828	17,60	450.772	20,45	223.118	10,12	365.435	16,58	2.204.213
1978	66.678	3,04	704.216	32,13	383.978	17,52	451.717	20,61	217.927	9,94	366.912	16,74	2.191.457
1979	67.498	3,04	714.370	32,23	386.432	17,43	408.759	20,23	214.890	9,69	385.510	17,38	2.217.459

Fonte: SAA/CODESA e DFA-SC

Tabela nº 50

Produção de Carne Bovina - Santa Catarina, 1974-80

A n o	Produção Estadual em Carcaças (t)
1974	51.578
1975	54.107
1976	54.497
1977	53.341
1978	54.480
1979	58.520
1980 ⁽¹⁾	56.000

(1) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC
 Fonte: SAA/EMATER-SC/ACARESC

Tabela nº 51

Rebanho, Produção Total e Leite Industrializado- Santa Catarina, 1974-80

A n o	Nº de Vacas	Produção de leite (1000 litros)	Leite Industrializado (1000 litros)
1974	693.455	379.666	53.972
1975	721.274	394.898	40.529
1976	747.673	409.350	73.245
1977	759.197	415.660	88.150
1978	704.216	385.558	93.219
1979 (1)	714.370	391.118	
1980 (1)		484.000	

(1) Previsão

Fonte: SAA-MA/CEPA-SC, SAA-MA/EMATER-SC/ACARESC, SAA/CODESA e
 DFA-SC/SERPA

3.3 - Suínos

Em Santa Catarina, a Mesorregião 1 (Oeste Catarinense e Vale do Rio do Peixe) detém cerca de 77,75% do rebanho suíno do Estado.

Trata-se de uma região onde o binômio suíno/milho, vem sendo desenvolvido há mais de quatro décadas, onde as pequenas propriedades, com mão-de-obra predominante familiar, têm na suinocultura sua principal fonte de renda. Nestas Microrregiões se concentra a assistência técnica à suinocultura do Estado, programas de apoio à pesquisa, sistemas integrados e frigoríficos.

As Mesorregiões 3 e 7, têm mantido seus rebanhos praticamente estáveis, adquirindo suínos vivos da mesorregião 1 e do Rio Grande do Sul, em pequena escala, para suprir o déficit da região e abastecer as indústrias frigoríficas ali localizadas.

Na Mesorregião 1, predominam as raças Landrace, Large White e Duroc, utilizadas geralmente em cruzamentos para obtenção de animais para abate. Nas demais regiões verificam-se núcleos distintos, destacando-se o Vale do Itajaí e Sul do Estado, onde existe considerável número de animais das raças acima citadas, geralmente fruto de programas ligados às indústrias frigoríficas ou da implantação na produção de reprodutores.

O rebanho suíno registrado pela Coordenação de Defesa Sanitária Animal - CODESA - da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento em 1977 foi de 3.242.832 cabeças e está presente em 130.698 propriedades rurais. (Tabela nº52).

A produção de suínos no Estado pode ser avaliada principalmente por duas fontes de informações: o abate sob Inspeção Federal e o registro efetuado pela Secretaria da Fazenda sobre o comércio interestadual de suínos vivos.

As informações destas fontes, acrescidas das estimativas efetuadas para auto-consumo das propriedades produtoras, além do abate não inspecionado, nos dá uma visão bastante aproximada da real produção catarinense. O abate de suínos SIF, cresceu no Estado 72%, no período 1975-79; o comércio de suínos vivos decresceu 26%, principalmente em virtude dos surtos de PSA no mesmo período; o auto-consumo aumentou em 6%; o abate não SIF aumentou 20% e o abate total aumentou 33% em igual período.

As previsões de abate para 1980, considerando que os preços continuem estimulantes, que o consumo da carne suína deverá aumentar, tendo em vista o aumento de preços da carne bovina, e que não ocorra falta de matéria-prima junto ao mercado produtor (milho e soja), deverá atingir a uma produção de 3.500.000 suínos.

Para 1981, confirmando as condições favoráveis de mercado e clima, bem como, preços a nível de produtor estimulantes, as previsões de abate são de 3.600.000, 3% a mais que o ano anterior (Tabela nº 54).

A evolução do Registro Genealógico dos plantéis catarinenses no período 1970-78, indica ser o Estado o maior produtor de material genético do País, acusando um crescimento anual no período de 49%, representando em 1978, 53,54 % dos suínos inscritos no PIG BOOK brasileiro (Tabela nº 55).

O patrimônio genético de Santa Catarina é o maior inscrito no PIG BOOK brasileiro, sendo a produção de reprodutores efetuada por 152 granjas produtoras, cujo plantel de fêmeas está distribuído em 5.759 Landrace, 4.222 Large White, 3.445 Duroc e 90 Hampshire, somando um total de 13.516 fêmeas de altas linhagens.

As previsões de Registros Genealógicos pela Federação das Associações de Suinocultores para 1979 é de aproximadamente 50.000 registros, confirmando a liderança catarinense no fornecimento de reprodutores suínos de linhagens mais produtivas para o País.

A Mesorregião 1, é a que mais vende animais vivos para outros estados, notadamente para o Rio Grande do Sul, enviando também em menor número para os estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Paraná. Esta região fornece ainda, suínos para as indústrias instaladas na região do Vale do Itajaí e Sul do Estado.

Por outro lado, adquire animais para abate na região do Vale do Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul e em menor número na região Sudoeste do Estado do Paraná.

A Mesorregião 8, embora possua apenas 3,93% do rebanho suíno do Estado, conta com uma indústria frigorífica localizada no município de Canoinhas e vem desenvolvendo gradativamente a suinocultura na área.

As indústrias localizadas na região Sul do Estado, adquirem suínos vivos também do Rio Grande do Sul. Já os frigoríficos da região Norte de Santa Catarina adquirem parte dos animais por eles abatidos do Paraná.

Tabela nº 52

Rebanho Suínos por Região Administrativa da CODESA- (em cabeças)
Santa Catarina, 1977

Região	R e b a n h o							% Partici- cipação
	Nº Pro- priedades	Matrizes	Cachaços	Leitões Mamando	Recria	Termi- nação	Total	
Lages	5.936	15.392	4.091	43.177	36.921	16.881	116.462	3,6
Tubarão	15.300	21.792	2.792	51.974	61.888	46.794	185.232	5,7
Joaçaba	22.715	103.516	20.672	241.000	177.760	225.917	769.865	23,7
Chapecó	45.423	230.786	40.392	516.669	442.246	554.086	1.784.179	55,0
Fpolis.	4.183	4.668	872	8.458	11.909	8.827	34.734	1,1
Blumenau	29.301	24.475	7.214	55.703	76.250	64.362	228.004	7,0
Mafra	7.840	17.851	5.285	36.833	40.847	23.540	124.356	3,9
Total	130.698	418.480	81.310	954.814	847.821	940.407	3.242.832	100,0

Fonte: SAA/CODESA

Distribuição do Rebanho Suíno Por Mesorregião - Santa Catarina, 1977

Mesorregião	Rebanho (cab)	Participação da Mesorregião no Estado
1	2.520.959	77,75
2	112.537	3,47
3	164.508	5,07
4	14.204	0,43
5	14.527	0,45
6	30.652	0,95
7	257.855	7,95
8	127.590	3,93
Total	3.242.832	100,00

Fonte: SAA/CODESA

Tabela nº 54

Suínos Abatidos - Santa Catarina, 1975-79

A n o	Produção Registrada		Produção Estimada		Total
	Abate (SIF)	Comércio Suíno Vivo	Auto Consumo	Abate Não SIF	
1975	1.335.400	700.000	369.000	118.000	2.522.400
1976	1.552.318	700.000	375.000	124.000	2.751.318
1977	1.499.592	633.162	380.000	130.000	2.642.754
1978	1.999.346	480.000	386.000	136.000	3.001.346
1979	2.297.505	520.000	392.000	142.000	3.351.505
1980 ⁽¹⁾	2.400.000	550.000	400.000	150.000	3.500.000
1981 ⁽¹⁾	2.500.000	500.000	405.000	195.000	3.600.000

(1) Previsão: CEPA/SC (através do ENDEF/FIBGE e DFA-SC/SERPA)

Fonte: DFA-SC/SERPA e Secretaria da Fazenda

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Reprodutores Catarinenses Inscritos no PIG BOOK Brasileiro,
1970-78

Estado	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
SC	1.756	2.535	6.938	10.205	15.294	25.997	37.741	42.136	43.043
RS	4.861	4.174	5.694	6.558	7.033	10.054	12.169	14.157	20.050
PR	1.303	2.168	3.538	1.878	2.610	2.566	5.998	10.229	10.934
SP	1.264	1.141	1.687	3.651	4.138	4.300	4.375	4.073	5.349
MG	-	-	223	1.016	1.722	2.341	1.867	938	971
Outros	470	1.514	151	40	104	153	115	12	44
Total	9.654	11.352	18.186	23.348	30.891	45.411	62.265	71.905	80.391
Partic. SC (%)	19,18	22,33	38,15	43,71	49,51	57,25	60,61	58,60	53,54

Fonte: Relatório PBB, Arquivos ACCS

Tabela nº 56

Exportação de Reprodutores Suínos - Santa Catarina, 1975-79

A n o	Nº de Reprodutores exportados	Valor Total (Cr\$)	Valor Médio (Cr\$)
1975	1.827	2.165.400	1.185,22
1976	3.563	4.177.408	1.172,44
1977	5.600	8.691.200	1.552,00
1978	4.550	9.766.029	2.146,38
1979(1)	9.000	35.100.000	3.900,00

(1) Estimativa

Fonte: ACCS

4 - Pescado

Com uma extensão de 531 km, a faixa litorânea catarinense se constitui numa fonte marítima de possibilidades comprovadas para o desenvolvimento da pesca.

O litoral catarinense caracteriza-se pela diversificação das espécies que se prestam à comercialização, tais como sardinha, anchova, camarão, cação, tainha, pescadinha, corvina e outras consideradas importantes para constarem da pauta de comercialização.

A pesca em Santa Catarina, como ocorre nas demais regiões produtoras do Brasil, está fundamentada em exploração de forma artesanal e industrial. A atividade pesqueira tem sido dirigida no sentido meramente extrativo, sem a preocupação de preservação das espécies, contribuindo para o decréscimo da captura, ocorrendo inclusive em determinadas áreas, rendimentos decrescentes.

A falta de recursos humanos especializados, com conhecimentos mais detalhados sobre as espécies existentes em águas catarinenses, acompanhada pela não conscientização sobre a necessidade de uma escolarização mais específica e aprofundada no setor, através de treinamento desse pessoal nas diferentes funções, reflete o atual processo produtivo da pesca artesanal, na qual são explorados, para fins comerciais, com mais frequência, os crustáceos principalmente, camarão e siri, representando um alto valor relativo e um pequeno volume capturado.

A pesca industrial, por sua vez, está calcada na exploração principalmente da sardinha, constatando-se um acentuado volume de produção e um pequeno valor relativo, ocasionado pelo baixo preço alcançado pelo produto.

A pesca industrial caracteriza-se por barcos que operam com redes "traineiras", "arrastos de portas" e "combinados".

Quanto aos recursos humanos existentes na fro-

ta pesqueira industrial, são suficientes em quantidade, porém, deve-se levar em consideração que a frota passa por um processo de renovação constante, tanto no que tange aos recursos humanos nela atuantes, quanto aos recursos materiais empregados.

No primeiro caso, pela substituição normal de pescadores e no segundo, pela renovação da frota com barcos mais sofisticados e melhor aparelhados, o que requer pessoal adequadamente qualificado.

Uma das recomendações técnicas à frota, para que obtenha melhores rendimentos, é equipar suas embarcações com instrumentos modernos, tais como rádio, goniômetro, sonar, power-block e outros.

Entretanto, na atualidade a frota não dispõe de recursos humanos preparados para operar com tais equipamentos, daí haver necessidade premente de se qualificar o pessoal que nela atua.

Outro fator de urgente correção é a melhoria da qualidade do pescado desembarcado, havendo necessidade de se transmitir ao pessoal embarcado as técnicas de manuseio desse pescado a bordo, isto é, acondicionamento nas urnas; proporções e tipos de gelo adequados; evitar o pisoteio, etc., contribuindo para a obtenção de maiores rendimentos, através da redução das quebras e, dispondo como resultado final, de um produto de alta qualidade.

Tabela nº 57

Produção Total de Pescado Capturado, Industrializado e Consumo, Santa Catarina, 1972-79

Ano	Produção Pesqueira Total (t)	Produção Industrializada (t)	Consumo (t)
1972	64.698	33.328	11.496
1973	118.213	47.003	11.832
1974	126.818	71.027	12.178
1975	86.053	49.437	12.534
1976	57.906	42.191	12.901
1977	84.490	58.032	13.278
1978	97.204	73.312	13.663
1979(*)	66.619	-	-

(*) Até setembro

Fonte: dados brutos: SUDEPE/PDP e DFA-SC/SERPA
dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

4.1- Características do Produto para Comercialização

- Pescado Refrigerado

Compreende o pescado inteiro ou não conservado através do gelo e comercializado sob essas condições.

- Pescado Congelado

Estão enquadrados nesta categoria o pescado inteiro, descabeçado e eviscerado em postas, filés com ou sem a pele (individuais ou em blocos), camarão nũ descabeçado, camarão descabeçado individual ou em bloco, carne de sirí congelada em bloco, etc.

- Pescado Salgado

É o pescado proveniente da salga úmida (em tanques) e salga seca (em pilha). No comércio esses produtos podem se apresentar na forma espalmada, que são os peixes magros provenientes da salga e os prensados, como a sardinha que é vendida a granel ou envolta à vácuo em embalagem de polietileno. Existe ainda a sardinha em salmoura, acondicionada em latas, e os cações que se apresentam em mantas ou pedaços já pesados e envoltos em polietileno.

- Conservas de Pescado

As conservas mais comuns são as de sardinha, tendo como líquido de cobertura o óleo de soja e o molho de tomate, em latas de 130 e 140 gramas. Também se produzem sofisticações desses produtos, aos quais são adicionados cebola, limão, pimentão, mostarda, maionese, etc.

- Farinha de Pescado

Trata-se de produto destinado à elaboração de rações, principalmente, sendo embalado em sacos de papelão de 25 quilos de capacidade.

- Óleo de Pescado

Esse produto é vendido diretamente a outras indústrias para seu aproveitamento, principalmente, na produção de tintas.

4.2- Caracterização dos Sistemas de Comercialização

- Intermediação

. Da Matéria-Prima

A intermediação existe em qualquer sistema de produção, entretanto, exercerá maior ou menor influência nesse sistema, pois está na dependência de sua amplitude e do seu fortalecimento.

No setor pesqueiro, como nos demais setores da economia, o intermediário se faz presente. No entanto, sua influência é pouco significativa junto à pesca industrial, onde as indústrias pesqueiras atuam diretamente através de barcos próprios ou de terceiros na captura das espécies.

Entretanto, na pesca artesanal, a intermediação exerce forte influência no processo produtivo, truncando o sistema de comercialização das espécies capturadas, onde o pescador percebe, por sua produção, importâncias irrisórias em dinheiro, ocorrendo disparidades de preços de comunidade para comunidade, ao mesmo tempo em que esse pescador assume o compromisso de entregar todo o produto capturado para seu comprador, recebendo em troca suprimentos para a manutenção e conservação dos instrumentos de pesca, bem como alimentação, remédios para sua família, ficando na dependência total do intermediário.

Está faltando, portanto, a presença de um órgão que receba todo o produto capturado pelo pescador artesanal e que promova sua comercialização, contribuindo assim para o desenvolvimento do setor, e eliminando ao mesmo tempo a presença do intermediário, criando inclusive, uma uniformização de preços.

. Da Distribuição do Pescado

Na pesca industrial, o processo de distribuição do produto é feito através das indústrias produtoras ao mercado comprador e deste, às redes ou cadeias de distribuição. Começando um novo processo distributivo, que são os entrepostos de revenda, tais como os mercados públicos, peixarias, super-mercados, restaurantes, etc., atingindo finalmente, o consumidor final.

Na pesca artesanal, os produtos pesqueiros são comercializados em sua maioria "in natura", saindo da praia através do intermediário, sendo levado até as redes de distribuição, que são os entrepostos e as peixarias, e destes até os revendedores ambulantes, conforme identificação do documento "Estudo Preliminar da Pesca Artesanal para o Município de Florianópolis", elaborado pela Coordenadoria Regional da SUDEPE em Santa Catarina - 1977.

- Entrepostos de Vendas

Pertencem aos intermediários que usam caminhões isotérmicos ou caminhonetas, com ou sem carroceria isotérmica, como transporte, na compra direta do pescado aos produtores e/ou de outros intermediários.

Na entressafra, na falta do produto, o intermediário adquire o produto principalmente do Rio Grande do Sul, visando suprir as peixarias, feirantes, etc., para quem revendem o produto.

Na safra, quando há excedente do produto capturado, ocorre a venda do produto através dos armadores para as indústrias pesqueiras sendo parte comercializada principalmente junto aos centros de São Paulo e Rio de Janeiro.

. Peixarias

As peixarias normalmente funcionam junto aos mercados públicos, em sua maioria pertencentes às próprias prefeituras, e as quais estão arrendadas para terceiros.

Essas peixarias adquirem o produto de intermede - diários, de entrepostos ou diretamente de pescadores.

. Feiras Livres

É comum, nas cidades onde há feiras-livres, a comercialização do pescado "in natura", variando as espécies com a época da captura.

Os feirantes adquirem o produto junto aos entrepostos ou peixarias, e geralmente aquelas situadas nos mercados municipais.

. Venda Ambulante

São os vendedores que compram o produto diretamente nas praias, entrepostos e pescarias, e revendem nas ruas, geralmente em áreas afastadas do perímetro urbano.

4.3-Informações de Mercado

O serviço de informações de preços de mercado de produtos pesqueiros no Estado é realizado através do PDP/ Florianópolis, que mantém nos Municípios de Itajaí e Florianópolis, trabalhos de coleta de preços diários a nível de

produtos desembarcados, os quais são enviados, via Telex , através da Base de Operações do PDP de Florianópolis para o DECOP/PDP de Brasília. Posteriormente, esses preços são condensados a nível de estados produtores e distribuídos para o público interessado.

Existe ainda no Estado, atuando junto a Secretaria da Agricultura e Abastecimento, o Serviço de Informações do Mercado Agrícola-SIMA/SC, que faz coleta de preços a nível de atacado para os produtos agrícolas e de pescado. Esses preços são levantados diretamente nos postos de venda (mercados públicos, peixarias, etc), sendo condensados e publicados diariamente pelo próprio SIMA, sob forma de "Boletim Informativo" e distribuídos aos órgãos de comunicação existentes no Estado.

Em 1978, segundo o Serviço de Inspeção de Produto Animal - SERPA/SC (ex-GEIPOA), as exportações catarinenses de produtos pesqueiros para o mercado internacional foram de 1.991,2 toneladas, principalmente nas formas de produtos em conserva, congelados e eviscerados.

A Argentina absorveu 71,87% do total exportado, seguida pela China, 14,06%, Zaire 10,03%, Paraguai com 3,24% e finalmente o Japão com 0,8%.

Tabela nº 58
 Exportação Catarinense de Produtos Pesqueiros para o Mercado
 Internacional, 1978

Produto	(Volume em kg)					
	Países Importadores					Total
	Zaire	Argentina	Paraguai	China	Japão	
Peixe em conserva	199.750	2.100	24.500	280.000	-	506.371
Peixe congelado e eviscerado	-	1.411.453	40.000	-	-	1.451.453
Camarão congelado descascado	-	4.578	-	-	-	4.578
Camarão congelado	-	5.658	-	-	4	5.662
Camarão congelado sem cabeça	-	-	-	-	15.960	15.960
Peixe congelado	-	5.341	-	-	-	5.341
Camarão congelado cozido	-	1.880	-	-	-	1.880
Total	199.750	1.431.010	64.500	280.000	15.964	1.991.226

Fonte: DFA-SC/SERPA

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Quanto ao mercado interestadual em 1972, foi exportado um volume de 21.117 toneladas, onde os produtos resfriados apresentaram um índice de participação de 45,98%, seguido dos salgados 25,7%, congelados 19,96%, enlatados 1,58%, além do item "outros" que engloba a farinha de peixe, óleo e pasta, com 6,77%.

Em 1973, as exportações continuaram com índices de crescimento crescentes, com um volume total exportado de 45.365 toneladas, verificando-se um aumento em relação ao ano anterior de 114,83%.

Em 1974, o volume exportado de produtos processados no Estado continuou crescendo, constatando-se a maior alta no período considerado, onde o mercado interestadual consumiu 65.972,5 toneladas, verificando-se um aumento percentual

em relação a 1973 de 45,42%, com os produtos resfriados participando em 60,69% seguidos pelos salgados, 15,28%, congelados 12,44% e enlatados 2,22%.

A partir de 1975, constatou-se uma queda no volume total vendido para outros estados, baixando em 37,6% em relação ao ano de 1974, com um volume exportado de 41.157,3 toneladas.

Em 1976, as exportações continuaram caindo, atingindo 32.450,6 toneladas. Supõem-se que o fator que ocasionou a queda nas exportações (1975 e 1976) foi a falta de matéria-prima, visto que as indústrias estão estruturadas principalmente à exploração dos produtos resfriados, na qual servem de suporte quase que com exclusividade as sardinhas, com pequenas opções para outras espécies. Em consequência quando há uma redução no volume de sardinhas capturadas, ocorre uma diminuição na produção das indústrias.

Entretanto, a partir de 1977, a exportação catarinense para o mercado interestadual, começou a recuperar-se, apresentando taxa de crescimento crescente em relação ao ano anterior de 42,6%, com uma produção de 46.284,6 toneladas, na qual os produtos resfriados participaram com 61% do total exportado.

Finalmente, em 1978, foram exportados 62.236,2 toneladas, onde os produtos resfriados aumentaram sua participação, contribuindo com 67%, seguidos pelos congelados, 21% e enlatados, 3%.

Os principais mercados compradores, por ordem de volume adquirido foram: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Guanabara, Minas Gerais, Pará, Bahia e Ceará.

Tabela nº 59

Exportação Catarinense de Pescado para o Mercado Interestadual,
1972-78

(em toneladas)

Ano	Resfriado	Congelado	Salgado	Enlatado	Outros	Total
1972	9.709,6	4.214,9	5.429,9	334,1	1.428,5	21.117,0
1973	20.228,8	7.273,6	11.761,8	1.717,8	4.783,0	45.365,0
1974	40.039,8	8.209,3	10.084,1	1.467,3	6.172,0	65.972,2
1975	24.042,7	6.134,3	6.755,4	1.518,7	2.706,2	41.157,3
1976	18.324,2	7.054,1	4.084,7	2.330,6	657,1	32.450,7
1977	28.072,8	8.171,2	6.718,5	1.761,6	1.560,5	46.284,6
1978	41.701,5	12.807,7	234,3	1.667,3	5.825,4	62.236,2

Fonte: DFA-SC/SERPA

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

III - INFORMAÇÕES BÁSICAS

Alho

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-'81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	495	100	1.451	100	718	100
. 1947/48	561	113	1.656	114	929	129
. 1948/49	550	111	1.636	113	900	125
. 1949/50	620	125	1.366	94	847	118
. 1950/51	648	131	1.781	123	1.154	161
. 1951/52	656	133	2.020	139	1.325	185
. 1952/53	682	138	2.254	155	1.537	214
. 1953/54	769	155	2.126	147	1.635	228
. 1954/55	793	160	1.965	135	1.558	217
. 1955/56	756	153	2.066	142	1.562	218
. 1956/57	788	159	1.896	131	1.494	208
. 1957/58	800	162	1.948	134	1.558	217
. 1958/59	847	171	1.943	344	1.646	229
. 1959/60	878	177	1.998	138	1.754	224
. 1960/61	938	189	1.887	130	1.770	247
. 1961/62	1.003	203	2.034	140	2.040	284
. 1962/63	1.085	219	2.273	157	2.466	343
. 1963/64	1.075	217	2.023	139	2.175	303
. 1964/65	1.065	215	2.016	139	2.147	299
. 1965/66	975	197	2.298	158	2.241	312
. 1966/67	900	182	2.270	156	2.043	285
. 1967/68	877	177	2.177	150	1.909	266
. 1968/69	867	175	2.144	148	1.859	259
. 1969/70	859	174	2.192	151	1.883	262
. 1970/71	824	166	2.149	148	1.771	247
. 1971/72	832	168	2.155	149	1.793	250
. 1972/73	670	135	1.958	135	1.312	183
. 1977/78	261	53	3.555	245	928	129
. 1978/79	521	105	3.267	225	1.702	237
. 1979/80 ⁽¹⁾	1.299	262	4.291	296	5.574	776
. 1980/81 ⁽²⁾	2.050	414	4.300	296	8.815	1.228

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Arroz

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, período 1947/81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	31.184	100	2.549	100	79.500	100
. 1947/48	31.765	102	2.561	100	81.349	102
. 1948/49	29.409	94	2.470	97	72.641	91
. 1949/50	33.473	107	2.455	96	82.190	103
. 1950/51	34.581	111	2.392	94	82.713	104
. 1951/52	33.153	106	2.355	92	78.062	98
. 1952/53	33.937	109	2.507	98	85.071	107
. 1953/54	40.313	129	2.136	84	86.092	108
. 1954/55	41.790	134	2.381	93	99.488	125
. 1955/56	48.951	157	2.659	104	130.179	164
. 1956/57	73.246	235	2.144	84	157.046	198
. 1957/58	59.165	190	2.267	89	134.132	169
. 1958/59	54.707	175	2.829	111	154.754	195
. 1959/60	61.627	198	2.202	86	135.698	171
. 1960/61	56.014	180	2.783	109	155.905	196
. 1961/62	59.644	191	2.294	90	136.824	172
. 1962/63	60.999	196	2.625	103	160.110	201
. 1963/64	66.467	213	2.693	106	179.012	225
. 1964/65	70.009	225	2.549	100	178.450	224
. 1965/66	71.260	229	2.411	95	171.791	216
. 1966/67	78.251	251	2.711	106	212.176	267
. 1967/68	80.316	258	2.652	104	213.016	268
. 1968/69	81.179	260	2.595	102	210.688	265
. 1969/70	86.128	276	2.486	98	214.151	269
. 1970/71	97.222	312	2.138	84	207.815	261
. 1971/72	101.896	327	2.131	84	217.161	273
. 1972/73	107.184	344	2.074	81	222.326	280
. 1973/74	101.576	326	2.278	89	231.400	291
. 1974/75	125.916	407	2.326	91	298.700	376
. 1975/76	153.593	493	2.072	81	318.283	400
. 1976/77	148.164	475	2.247	88	332.950	419
. 1977/78	133.330	428	2.093	82	279.012	351
. 1978/79	117.728	378	2.202	86	259.794	327
. 1979/80 ⁽¹⁾	157.126	504	2.712	106	426.040	536
. 1980/81 ⁽²⁾	163.000	523	2.713	106	442.200	556

(1) - Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

(2) - Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Banana

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safr a	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	4.433	100	6.739	100	29.872	100
. 1947/48	4.558	103	6.891	102	31.408	105
. 1948/49	6.428	145	10.881	161	69.944	234
. 1949/50	7.628	172	10.059	149	76.728	257
. 1950/51	4.427	100	13.747	204	60.856	204
. 1951/52	5.672	128	12.089	179	68.568	230
. 1952/53	6.305	142	10.398	154	65.560	219
. 1953/54	6.536	147	10.990	163	71.832	240
. 1954/55	6.871	155	7.721	115	53.048	178
. 1955/56	6.274	142	11.278	167	70.760	237
. 1956/57	6.912	156	10.926	162	75.520	253
. 1957/58	6.747	152	11.453	170	77.272	259
. 1958/59	7.233	163	11.692	173	84.568	283
. 1959/60	8.086	182	10.980	163	88.784	297
. 1960/61	8.283	187	10.812	160	89.552	300
. 1961/62	8.367	189	10.704	159	89.560	300
. 1962/63	9.455	213	10.279	153	97.184	325
. 1963/64	8.971	202	9.237	137	82.864	277
. 1964/65	8.788	198	9.729	144	85.496	286
. 1965/66	6.286	142	11.985	178	75.336	252
. 1966/67	6.967	157	11.313	168	78.816	264
. 1967/68	6.511	147	13.222	196	88.088	288
. 1968/69	6.792	153	13.286	197	90.240	302
. 1969/70	7.285	164	12.957	192	94.392	316
. 1970/71	7.836	177	14.252	211	111.680	374
. 1971/72	8.508	192	13.946	207	118.656	397
. 1972/73	12.926	292	10.400	154	134.432	450
. 1973/74	13.056	295	13.679	203	178.600	598
. 1974/75	11.690	264	14.046	208	164.200	550
. 1975/76	13.842	312	10.200	151	141.308	473
. 1976/77	14.998	338	10.940	162	164.308	550
. 1977/78	17.134	387	11.093	165	190.072	636
. 1978/79	18.366	414	12.320	183	226.269	757
. 1979/80 ⁽¹⁾	19.428	438	12.320	183	239.353	801
. 1980/81 ⁽²⁾	21.100	476	12.400	184	261.640	875

(1) Previsão: FIBGE/GCEA

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: FIBGE, SUPLAN e SAA/EMATER-SC/ACARESC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Batata Inglesa

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	6.812	100	4.244	100	28.907	100
. 1947/48	7.241	106	4.117	97	29.810	103
. 1948/49	8.607	126	4.073	96	35.060	121
. 1949/50	9.201	135	3.836	90	35.294	122
. 1950/51	9.352	137	3.917	93	36.633	127
. 1951/52	10.271	151	3.687	87	37.870	131
. 1952/53	11.216	165	3.655	86	40.995	142
. 1953/54	12.270	180	3.480	80	41.816	145
. 1954/55	12.327	181	3.306	78	40.758	141
. 1955/56	12.639	186	3.678	87	46.485	161
. 1956/57	13.965	205	3.447	81	48.136	167
. 1957/58	14.048	206	3.656	86	51.537	178
. 1958/59	14.873	218	3.477	82	51.711	179
. 1959/60	16.790	246	3.398	80	57.056	197
. 1960/61	17.971	264	3.376	80	60.668	210
. 1961/62	19.372	284	2.966	70	57.457	199
. 1962/63	19.837	291	3.372	79	66.895	231
. 1963/64	21.390	314	3.410	80	72.950	252
. 1964/65	23.384	343	3.560	84	84.182	291
. 1965/66	23.068	339	5.854	138	135.044	467
. 1966/67	22.241	327	6.503	153	144.639	500
. 1967/68	27.328	401	6.671	157	182.313	631
. 1968/69	27.694	407	6.601	156	182.798	632
. 1969/70	25.625	376	6.697	158	171.610	594
. 1970/71	18.545	272	6.629	156	122.934	425
. 1971/72	18.665	274	6.066	143	113.221	392
. 1972/73	17.317	254	6.790	160	117.582	407
. 1973/74	18.349	269	7.737	182	141.980	491
. 1974/75	24.005	352	7.327	173	175.904	609
. 1975/76	17.984	264	7.844	185	141.065	488
. 1976/77	15.964	234	8.073	190	128.886	446
. 1977/78	16.555	243	7.005	165	115.977	410
. 1978/79	19.903	292	8.170	193	162.617	563
. 1979/80 ⁽¹⁾	14.935	219	8.551	201	127.405	441
. 1980/81 ⁽²⁾	15.000	220	8.600	203	129.000	446

(1) Frevisão: FIBGE/GCEA (nov/79) (refere-se a 1.a safra)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC (refe-se a 1a. safra)

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Cana-de-Açúcar

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	37.653	100	22.804	100	858.651	100
. 1947/48	36.338	97	23.770	104	863.741	101
. 1948/49	39.932	106	24.448	107	976.262	114
. 1949/50	39.573	105	25.596	112	1.012.905	118
. 1950/51	34.081	91	33.687	148	1.148.095	134
. 1951/52	35.100	93	34.175	150	1.199.536	140
. 1952/53	35.829	95	32.713	143	1.172.082	137
. 1953/54	31.570	84	31.473	138	993.607	116
. 1954/55	30.937	82	24.584	108	760.548	89
. 1955/56	29.022	77	28.025	123	813.334	95
. 1956/57	29.867	79	31.554	138	942.431	110
. 1957/58	28.316	75	30.755	135	870.867	101
. 1958/59	32.703	87	33.225	146	1.086.556	127
. 1959/60	32.326	86	33.652	148	1.087.822	127
. 1960/61	28.647	76	31.071	136	890.103	104
. 1961/62	31.693	84	27.702	121	877.944	102
. 1962/63	33.712	90	30.832	135	1.039.394	121
. 1963/64	32.257	86	32.611	143	1.051.925	123
. 1964/65	38.648	103	33.042	145	1.277.004	149
. 1965/66	40.126	107	35.741	157	1.434.150	167
. 1966/67	40.322	107	36.534	160	1.473.142	172
. 1967/68	38.994	104	36.523	160	1.424.175	166
. 1968/69	39.135	104	37.061	163	1.450.377	169
. 1969/70	35.060	93	40.744	179	1.428.484	166
. 1970/71	33.313	88	42.285	185	1.408.640	164
. 1971/72	31.871	85	42.437	186	1.352.509	158
. 1972/73	25.331	67	37.469	164	949.127	111
. 1973/74	17.709	47	48.772	214	863.716	101
. 1974/75	21.010	56	44.716	196	939.485	109
. 1975/76	17.132	45	49.826	218	853.627	99
. 1976/77	19.664	52	48.567	213	950.022	111
. 1977/78	20.913	56	49.975	219	1.043.126	121
. 1978/79	20.124	53	53.905	236	1.084.780	126
. 1979/80 ⁽¹⁾	22.934	61	54.737	240	1.255.348	146
. 1980/81 ⁽²⁾	24.000	64	54.000	237	1.296.000	151

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (dez/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: FIBGE

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Cebola

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	1.106	100	1.976	100	2.185	100
. 1947/48	1.270	115	1.880	95	2.388	109
. 1948/49	1.452	131	2.378	120	3.453	158
. 1949/50	1.614	146	5.274	267	8.513	390
. 1950/51	2.022	183	4.073	206	8.235	377
. 1951/52	2.193	198	3.683	186	8.077	370
. 1952/53	2.292	207	4.330	219	9.925	454
. 1953/54	2.283	206	2.792	141	6.373	292
. 1954/55	2.287	207	3.336	169	7.629	349
. 1955/56	2.476	224	3.533	179	8.748	400
. 1956/57	2.705	245	3.667	186	9.920	454
. 1957/58	2.662	241	3.902	197	10.388	475
. 1958/59	2.745	248	3.906	198	10.722	491
. 1959/60	2.903	262	3.890	197	11.292	517
. 1960/61	3.215	291	3.513	178	11.294	517
. 1961/62	3.317	300	3.446	174	11.432	523
. 1962/63	3.409	308	3.483	176	11.873	543
. 1963/64	3.719	336	3.527	178	13.117	600
. 1964/65	3.941	356	4.793	243	18.888	864
. 1965/66	3.681	333	6.090	308	22.418	1.026
. 1966/67	3.364	304	6.046	306	20.340	931
. 1967/68	3.405	308	6.239	316	21.244	972
. 1968/69	3.220	291	5.866	297	18.888	864
. 1969/70	3.200	289	5.828	295	18.648	853
. 1970/71	3.164	286	5.834	295	18.458	845
. 1971/72	3.138	284	5.777	292	18.129	830
. 1972/73	3.500	316	5.080	257	17.780	814
. 1973/74	5.590	505	7.629	386	42.648	1.952
. 1974/75	5.030	455	7.573	383	38.090	1.743
. 1975/76	5.934	537	7.229	366	42.899	1.963
. 1976/77	6.846	619	7.273	368	49.794	2.279
. 1977/78	5.724	518	8.234	417	47.129	2.157
. 1978/79	10.666	964	8.815	446	94.017	4.303
. 1979/80 ⁽¹⁾	12.541	1.134	7.750	392	97.193	4.448
. 1980/81 ⁽²⁾	13.300	1.203	8.757	443	116.468	5.330

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Feijão

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	44.045	100	1.220	100	53.742	100
. 1947/48	36.178	82	1.241	102	44.880	84
. 1948/49	38.759	88	1.242	102	48.145	90
. 1949/50	38.937	88	1.173	96	45.666	85
. 1950/51	47.441	108	1.006	82	47.721	89
. 1951/52	49.076	111	1.050	86	51.542	96
. 1952/53	52.288	119	1.052	86	55.012	102
. 1953/54	61.788	140	1.063	87	65.685	122
. 1954/55	65.124	148	1.127	92	73.365	137
. 1955/56	68.977	157	1.038	85	71.601	133
. 1956/57	67.830	154	1.052	86	71.323	133
. 1957/58	67.641	154	1.037	85	70.160	131
. 1958/59	70.454	160	1.057	87	74.474	139
. 1959/60	76.927	175	1.023	84	78.713	146
. 1960/61	80.927	184	1.050	86	84.953	158
. 1961/62	85.889	195	1.007	83	86.528	161
. 1962/63	92.074	209	997	82	91.785	171
. 1963/64	91.660	208	1.047	86	95.923	178
. 1964/65	95.874	218	1.068	88	102.364	190
. 1965/66	100.549	228	928	76	93.266	174
. 1966/67	113.162	257	1.058	87	119.781	223
. 1967/68	112.119	255	1.055	82	112.707	210
. 1968/69	111.607	253	935	77	104.383	194
. 1969/70	112.351	255	886	73	99.542	185
. 1970/71	159.023	361	587	48	93.346	174
. 1971/72	155.143	352	677	55	105.031	195
. 1972/73	126.450	287	725	59	91.682	171
. 1973/74	173.466	394	737	60	127.900	238
. 1974/75	185.072	420	915	75	169.258	315
. 1975/76	158.025	359	626	51	98.965	184
. 1976/77	188.880	429	712	58	134.477	250
. 1977/78	195.166	443	630	52	122.992	229
. 1978/79	227.777	517	832	68	189.403	352
. 1979/80 ⁽¹⁾	174.829	397	600	49	104.897	195
. 1980/81 ⁽²⁾	195.000	443	900	74	175.500	327

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79) (refere-se a la. safra)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC (refere-se a la. safra)

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Fumo em Folha

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safra	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	9.624	100	821	100	7.902	100
. 1947/48	11.955	124	647	79	7.732	98
. 1948/49	14.551	151	563	69	8.193	104
. 1949/50	15.355	160	607	74	9.320	118
. 1950/51	17.827	185	586	71	10.445	132
. 1951/52	21.040	219	583	71	12.263	155
. 1952/53	27.344	284	746	91	20.303	258
. 1953/54	30.240	314	749	91	22.646	287
. 1954/55	32.439	337	734	89	23.811	301
. 1955/56	11.952	124	1.000	122	13.146	166
. 1956/57	13.290	138	1.189	145	15.800	200
. 1957/58	16.374	170	1.093	133	17.902	227
. 1958/59	16.487	171	1.191	145	19.643	249
. 1959/60	18.118	188	1.164	142	21.082	267
. 1960/61	20.762	216	1.170	143	24.293	307
. 1961/62	22.162	230	1.108	135	24.556	311
. 1962/63	26.959	280	1.116	136	30.078	381
. 1963/64	26.637	277	1.183	144	31.517	399
. 1964/65	32.291	336	1.169	142	37.751	478
. 1965/66	32.573	338	1.364	166	44.416	562
. 1966/67	31.586	328	1.517	185	47.927	607
. 1967/68	30.524	317	1.531	186	46.743	592
. 1968/69	31.943	332	1.575	192	50.326	637
. 1969/70	32.879	342	1.528	186	50.239	636
. 1970/71	34.905	363	1.549	189	54.067	684
. 1971/72	35.980	374	1.485	181	53.430	676
. 1972/73	34.727	361	1.377	168	47.819	605
. 1973/74	43.151	448	1.635	199	70.600	893
. 1974/75	49.000	509	1.608	196	78.775	997
. 1975/76	75.760	787	1.205	147	91.304	1.155
. 1976/77	80.533	837	1.488	181	119.846	1.517
. 1977/78	90.527	941	1.439	175	130.299	1.649
. 1978/79	110.993	1.153	1.700	207	189.103	2.393
. 1979/80 ⁽¹⁾	80.000	831	1.800	219	144.000	1.822
. 1980/81 ⁽²⁾	90.000	935	1.800	219	162.000	2.050

Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Mandioca

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	83.065	100	15.056	100	1.250.618	100
. 1947/48	80.807	97	14.896	99	1.203.701	96
. 1948/49	86.421	104	15.698	104	1.356.642	108
. 1949/50	80.777	97	16.485	109	1.331.569	106
. 1950/51	84.393	102	16.854	112	1.422.363	114
. 1951/52	91.146	110	16.665	111	1.518.946	121
. 1952/53	95.701	115	16.903	112	1.617.591	129
. 1953/54	97.823	118	16.340	109	1.598.466	128
. 1954/55	105.894	128	16.213	108	1.716.811	137
. 1955/56	95.237	115	16.205	108	1.543.276	123
. 1956/57	95.482	115	16.027	106	1.530.250	122
. 1957/58	104.756	126	16.243	108	1.701.963	136
. 1958/59	99.906	120	16.957	113	1.694.114	135
. 1959/60	106.188	128	16.340	109	1.735.165	139
. 1960/61	113.726	137	16.160	107	1.837.789	147
. 1961/62	121.235	146	15.392	102	1.866.014	149
. 1962/63	124.113	149	16.255	108	2.017.472	161
. 1963/64	131.253	158	16.782	111	2.202.675	176
. 1964/65	138.398	165	16.088	107	2.226.537	178
. 1965/66	129.822	156	18.781	125	2.438.129	195
. 1966/67	119.730	144	21.327	142	2.553.442	204
. 1967/68	130.686	157	21.670	144	2.832.020	226
. 1968/69	138.674	167	21.174	141	2.936.226	235
. 1969/70	142.816	172	21.127	140	3.017.231	241
. 1970/71	155.431	187	19.721	131	3.065.236	245
. 1971/72	152.585	184	18.354	122	2.869.240	229
. 1972/73	161.708	195	14.210	94	2.297.852	184
. 1973/74	142.174	171	14.969	99	2.128.200	170
. 1974/75	85.846	103	16.649	111	1.429.241	114
. 1975/76	80.846	97	16.129	107	1.303.973	104
. 1976/77	82.962	100	14.943	99	1.239.687	99
. 1977/78	77.528	93	15.587	104	1.208.459	97
. 1978/79	67.419	81	15.899	106	1.071.862	86
. 1979/80 ⁽¹⁾	98.478	119	16.612	110	1.626.078	130
. 1980/81 ⁽²⁾	110.000	132	16.300	108	1.793.000	143

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (Dez/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	205.486	100	1.722	100	353.797	100
. 1947/48	199.630	97	1.805	105	360.385	102
. 1948/49	194.890	95	1.651	96	321.690	91
. 1949/50	179.842	88	1.920	111	345.202	98
. 1950/51	200.359	98	1.875	109	375.600	106
. 1951/52	218.169	106	1.825	106	398.062	113
. 1952/53	233.241	114	1.898	110	442.800	125
. 1953/54	246.234	120	1.766	103	434.778	123
. 1954/55	245.516	119	1.863	108	457.404	129
. 1955/56	259.479	126	1.906	111	494.559	140
. 1956/57	262.587	128	1.930	112	506.790	143
. 1957/58	283.532	138	1.934	112	548.287	155
. 1958/59	295.753	144	1.931	112	571.061	161
. 1959/60	319.363	155	1.869	109	596.897	169
. 1960/61	322.608	157	1.907	111	615.218	174
. 1961/62	341.719	166	1.805	105	616.922	174
. 1962/63	374.255	182	1.791	104	670.275	189
. 1963/64	384.938	187	1.778	103	684.434	193
. 1964/65	407.614	198	1.836	107	748.442	212
. 1965/66	427.299	208	1.636	95	699.052	198
. 1966/67	488.007	237	1.839	107	897.667	254
. 1967/68	474.868	231	1.669	97	792.498	224
. 1968/69	537.455	262	1.841	107	989.626	280
. 1969/70	563.604	274	1.919	111	1.081.556	306
. 1970/71	706.077	344	1.740	101	1.228.573	347
. 1971/72	695.593	339	1.770	103	1.231.119	348
. 1972/73	800.142	389	1.950	113	1.560.276	441
. 1973/74	936.320	456	2.369	138	2.218.100	627
. 1974/75	949.580	462	2.240	130	2.127.124	601
. 1975/76	1.005.274	489	2.440	142	2.453.077	693
. 1976/77	1.063.584	518	2.514	146	2.674.175	756
. 1977/78	1.005.633	489	1.579	92	1.587.906	449
. 1978/79	969.472	472	1.762	102	1.708.649	483
. 1979/80 ⁽¹⁾	1.150.744	560	2.500	145	2.876.860	813
. 1980/81 ⁽²⁾	1.190.000	579	2.600	151	3.094.000	875

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Soja

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safra	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	-	-	-	-	-	-
. 1947/48	-	-	-	-	-	-
. 1948/49	-	-	-	-	-	-
. 1949/50	-	-	-	-	-	-
. 1950/51	-	-	-	-	-	-
. 1951/52	40	100	1.275	100	51	100
. 1952/53	47	118	1.277	100	60	118
. 1953/54	2.200	5.500	1.892	148	4.162	8.161
. 1954/55	2.782	6.955	1.463	115	4.069	7.978
. 1955/56	2.026	5.065	1.297	102	2.628	5.153
. 1956/57	2.191	5.478	1.290	101	2.827	5.543
. 1957/58	3.116	7.790	1.285	101	4.003	7.849
. 1958/59	2.214	5.535	1.607	126	3.558	6.976
. 1959/60	2.220	5.550	1.694	133	3.761	7.375
. 1960/61	2.365	5.913	1.679	132	3.970	7.784
. 1961/62	2.468	6.170	1.673	131	4.129	8.096
. 1962/63	2.805	7.013	1.547	121	4.339	8.508
. 1963/64	3.002	7.505	1.577	124	4.733	9.280
. 1964/65	3.412	8.530	1.501	118	5.123	10.045
. 1965/66	5.700	14.250	1.332	104	7.595	14.892
. 1966/67	7.342	18.355	1.251	98	9.187	18.014
. 1967/68	11.507	28.768	1.289	101	14.827	29.073
. 1968/69	32.049	80.123	988	77	31.650	62.059
. 1969/70	65.956	157.390	800	63	52.998	103.918
. 1970/71	101.694	254.235	760	60	77.376	151.718
. 1971/72	115.930	289.825	857	67	99.448	194.996
. 1972/73	202.000	505.000	1.287	101	260.000	509.804
. 1973/74	364.985	912.463	1.183	93	431.850	846.765
. 1974/75	361.475	903.688	1.292	101	467.160	916.000
. 1975/76	341.103	852.758	1.275	100	434.985	852.912
. 1976/77	350.642	876.605	1.359	107	476.365	934.049
. 1977/78	408.704	1.021.760	868	68	354.681	695.453
. 1978/79	474.985	1.187.463	913	72	433.863	850.712
. 1979/80 ⁽¹⁾	530.000	1.325.000	1.200	94	636.000	1.247.059
. 1980/81 ⁽²⁾	550.000	1.375.000	1.300	102	715.000	1.401.961

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tomate

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safra	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	85	100	2.941	100	250	100
. 1947/48	101	119	3.010	102	304	122
. 1948/49	125	147	2.560	87	320	128
. 1949/50	141	166	3.326	113	469	188
. 1950/51	190	224	2.547	87	484	194
. 1951/52	221	260	2.991	102	661	264
. 1952/53	233	274	3.159	107	736	294
. 1953/54	266	313	2.305	78	613	245
. 1954/55	253	298	2.455	83	621	248
. 1955/56	280	329	4.121	140	1.154	462
. 1956/57	339	399	5.050	172	1.712	685
. 1957/58	429	505	5.970	203	2.561	1.024
. 1958/59	525	618	7.048	240	3.700	1.480
. 1959/60	752	885	4.489	153	3.376	1.350
. 1960/61	694	816	5.006	170	3.474	1.390
. 1961/62	824	969	4.381	149	3.610	1.444
. 1962/63	795	935	5.162	176	4.104	1.642
. 1963/64	842	991	5.663	193	4.768	1.907
. 1964/65	749	881	8.618	293	6.455	2.582
. 1965/66	669	787	13.507	459	9.036	3.614
. 1966/67	645	759	18.312	623	11.811	4.724
. 1967/68	657	773	18.414	626	12.098	4.839
. 1968/69	881	1.036	20.624	701	18.170	7.268
. 1969/70	891	1.048	20.200	687	17.998	7.199
. 1970/71	872	1.026	19.273	655	16.775	6.710
. 1971/72	1.184	1.393	20.431	695	24.190	9.676
. 1972/73	841	989	20.892	710	17.570	7.028
. 1973/74	621	731	23.045	784	14.311	5.724
. 1974/75	740	871	23.772	808	17.590	7.036
. 1975/76	943	1.109	26.741	909	25.217	10.086
. 1976/77	926	1.089	24.748	841	22.917	9.167
. 1977/78	997	1.173	28.113	956	28.029	11.212
. 1978/79	799	940	37.648	1.280	30.081	12.032
. 1979/80 ⁽¹⁾	1.327	1.561	30.477	1.036	40.442	16.177
. 1980/81 ⁽²⁾	1.390	1.635	31.000	1.054	43.090	17.236

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Trigo

Área, Rendimento e Produção - Santa Catarina, 1947-81

Safrá	Área Colhida		Rendimento		Produção	
	ha	Índice	kg/ha	Índice	t	Índice
. 1946/47	73.443	100	1.054	100	77.388	100
. 1947/48	88.941	121	955	91	84.908	110
. 1948/49	96.698	132	1.028	98	99.383	128
. 1949/50	101.481	138	1.060	101	107.537	139
. 1950/51	105.875	144	682	65	72.178	98
. 1951/52	135.941	185	975	93	132.548	171
. 1952/53	150.404	205	918	87	138.114	178
. 1953/54	146.438	199	764	72	111.887	145
. 1954/55	139.575	190	1.016	96	141.760	183
. 1955/56	91.453	125	1.000	95	91.471	118
. 1956/57	110.248	150	849	81	93.609	121
. 1957/58	116.790	159	830	79	96.915	125
. 1958/59	113.734	155	962	91	109.433	141
. 1959/60	111.692	152	975	93	108.949	141
. 1960/61	100.445	137	788	75	79.165	102
. 1961/62	104.097	142	1.010	96	105.098	136
. 1962/63	102.874	140	689	65	70.903	92
. 1963/64	102.277	139	933	89	95.457	123
. 1964/65	98.585	134	860	82	84.830	110
. 1965/66	77.993	106	812	77	63.311	82
. 1966/67	77.401	105	874	83	67.685	87
. 1967/68	81.087	110	890	84	72.138	93
. 1968/69	96.668	132	845	80	81.694	106
. 1969/70	119.434	163	772	73	92.203	119
. 1970/71	116.302	158	672	64	78.154	101
. 1971/72	121.500	165	510	48	61.965	80
. 1972/73	71.950	98	768	73	55.250	71
. 1973/74	99.100	135	816	77	80.820	104
. 1974/75	67.776	92	450	43	30.484	39
. 1975/76	40.851	56	822	78	33.572	43
. 1976/77	37.522	51	560	53	20.328	26
. 1977/78	11.620	16	368	35	4.279	6
. 1978/79	4.587	6	826	78	3.791	5
. 1979/80 ⁽¹⁾	30.865	42	511	48	15.760	22
. 1980/81 ⁽²⁾	25.000	34	826	78	20.650	27

(1) Previsão: FIBGE/GCEA (nov/79)

(2) Previsão: SAA-MA/CEPA-SC

Fonte: SUPLAN (1947-72) e FIBGE (1973-79)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Área e Produção de Frutas de Clima Temperado - Santa Catarina, 1970-81

Safr a	U v a		Maçã		Pêssego		Nectarina		Ameixa	
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Área Plantada (t)	Produção (t)
• 1969/70			265	-	65	-	110	-	219	-
• 1970/71			555	-	155	-	311	-	340	-
• 1971/72			797	-	292	-	578	-	395	-
• 1972/73			1.375	-	385	-	711	-	423	-
• 1973/74			1.965	1.528	429	600	721	1.147	427	615
• 1974/75	4.823	59.560	2.668	5.000	521	1.100	757	1.000	427	100
• 1975/76	4.520	56.309	3.816	8.400	533	2.850	816	2.190	450	350
• 1976/77	4.703	61.701	5.287	12.355	648	1.836	607(*)	2.083	303(*)	1.012
• 1977/78	5.147	63.268	6.337	10.854	733	2.550	607	726	316	371
• 1978/79	5.668	65.186	7.154	21.410	733	1.052	607	655	316	341
• 1979/80(1)	5.084	53.613	8.154	26.000	733	1.000	607	1.000	316	1.000
• 1980/81(1)			9.154	40.000	733	4.000	607	4.000	316	1.500

* Redução de área devido a erradicação de alguns pomares.

(1) Previsão

Fonte: FIBGE e SAA/EMATER-SC/ACARESC - PROFIT

Tabela nº 74

Área, Produção e Rendimento dos Principais Produtos Agrícolas - Santa Catarina, safra 1974/75
(A nível de Mesorregião)

Cultura	Arroz			Batata- Inglesa			Cana-de-Açúcar			Cebola			Fumo			Trigo		
	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)
1	27.303	31.267	1.877	6.383	35.063	5.493	4.598	158.294	34.426	394	2.755	6.992	2.908	3.280	1.128	54.109	21.090	389
2	2.847	5.282	1.855	2.096	17.573	8.384	-	-	-	305	1.617	5.302	3.437	4.235	1.232	7.596	6.226	820
3	25.779	58.553	2.271	6.249	47.540	7.607	942	30.393	32.264	488	3.090	6.332	14.945	26.487	1.772	859	363	423
4	11.927	32.752	2.746	323	1.598	4.947	577	17.700	30.675	325	2.928	8.705	4.847	9.348	1.929	93	56	362
5	1.557	4.471	2.872	398	4.090	10.276	2.707	118.240	43.676	21	1.75	8.333	674	1.005	1.491	-	-	-
6	621	1.061	1.709	948	8.778	9.259	4.022	150.428	47.346	745	6.712	9.009	2.604	3.798	1.459	5	3	600
7	40.606	117.020	2.881	4.542	35.255	7.761	8.164	424.430	51.987	2.428	18.349	7.557	16.710	25.989	1.555	261	205	785
8	15.276	22.558	1.470	3.066	26.007	8.482	-	-	-	324	2.464	7.605	2.875	4.633	1.611	4.853	2.541	524
Sta. Catarina	125.916	292.864	2.326	24.005	175.904	7.327	21.010	939.485	44.716	5.030	38.090	7.573	49.000	78.775	1.608	67.776	30.484	452

Cultura	Feijão			Mandioca			Milho			Soja			Tomate		
	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)
1	106.963	110.426	1.032	17.473	365.870	20.939	671.115	1.647.128	2.454	325.067	416.774	1.282	33	683	20.697
2	21.917	13.650	634	850	13.050	15.353	85.795	133.094	1.551	20.760	23.948	1.154	170	4.519	26.582
3	13.414	10.751	801	11.830	161.866	13.682	34.508	78.835	2.248	927	1.545	1.667	168	4.159	24.756
4	5.391	3.622	673	19.271	234.751	12.182	9.660	17.017	1.762	356	575	1.615	5	30	6.000
5	825	732	887	2.180	36.150	16.583	1.188	3.714	3.126	107	161	1.505	95	2.125	22.368
6	2.495	2.238	897	2.077	37.878	18.237	11.545	15.715	1.361	106	131	1.235	62	1.575	25.403
7	8.465	8.462	1.027	23.993	448.846	18.707	60.669	122.122	2.013	2.567	4.814	1.875	164	3.570	21.768
8	26.012	19.317	743	8.172	130.830	16.010	75.100	109.499	1.458	11.585	19.212	1.658	43	930	21.627
Sta. Catarina	185.072	169.232	915	85.846	1.429.241	16.649	949.580	2.127.124	2.240	361.475	467.160	1.292	740	17.591	23.772

(continua)

Fonte: FIEGE
Elaboração: SBA-PA/CEA-SC

Tabela nº 75

Área Colhida, Produção e Rendimento dos Principais Produtos Agrícolas-Santa Catarina, 1975/76
(A nível de Mesorregião)

Cultura	Arroz			Batata-Inglesa			Cana-de-Açúcar			Cebola			Fumo			Feijão		
	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)
1	46.156	77.938	1.688	4.337	26.302	6.065	4.323	126.225	29.198	186	1.253	6.737	10.297	12.369	1.201	85.712	48.689	570
2	4.425	8.899	2.011	2.775	30.095	10.845	-	-	-	140	986	7.043	2.970	4.263	1.435	21.297	13.265	623
3	25.356	36.431	1.437	3.329	23.854	7.166	721	21.065	29.216	497	1.817	3.656	22.604	24.899	1.102	12.755	6.153	462
4	12.494	24.803	1.985	95	528	5.558	438	13.900	31.735	268	1.835	6.847	7.090	7.140	1.007	4.570	2.382	521
5	1.746	5.105	2.923	74	545	7.364	2.015	123.517	63.780	43	249	5.791	749	967	1.291	819	704	879
6	615	1.206	1.960	1.056	9.378	8.880	2.938	174.396	59.359	1.300	10.821	8.324	3.801	5.061	1.331	1.749	1.644	939
7	44.806	135.564	3.026	4.157	33.834	8.139	6.697	389.524	58.164	3.192	23.494	7.360	24.238	29.847	1.231	7.418	6.879	927
8	17.985	28.337	1.575	2.161	16.529	7.648	-	-	-	308	2.414	6.864	4.011	6.758	1.655	23.705	19.052	801
Sa.Catarina	153.593	318.283	2.072	17.984	141.065	7.844	17.132	853.627	49.826	5.934	42.899	7.229	75.760	91.304	1.205	158.025	96.963	876

(continua)

Cultura	Mandioca			Milho			Soja			Tomate			Trigo		
	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)
1	11.573	271.400	23.451	722.850	1.940.864	2.685	300.532	378.942	1.261	37	722	19.513	33.440	27.641	827
2	407	7.470	18.354	90.650	139.378	1.538	25.200	30.522	1.211	325	10.890	33.507	5.230	4.035	772
3	13.211	172.477	13.055	32.940	76.182	2.313	775	1.176	1.517	178	4.580	25.730	140	90	643
4	23.411	280.565	11.984	8.160	14.097	1.728	307	530	1.726	3	18	6.000	165	165	1.000
5	2.976	41.773	14.037	1.532	3.773	2.463	55	69	1.255	105	2.325	22.142	-	-	-
6	2.035	34.744	17.073	12.325	17.617	1.429	55	58	1.055	84	2.201	26.202	-	-	-
7	20.243	389.114	19.222	58.057	125.938	2.169	2.240	3.833	1.711	170	4.039	23.758	20	18	900
8	6.990	106.430	15.260	78.760	135.228	1.717	11.939	19.855	1.663	41	442	10.780	1.856	1.633	875
Sa.Catarina	80.846	1.303.973	16.129	1.005.274	2.453.077	2.440	341.103	434.985	1.275	943	25.217	26.741	40.851	33.572	822

Fonte: FICSE

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 76
 Área Colhida, Produção e Rendimento dos Principais Produtos Agrícolas-Santa Catarina, 1976/77
 (A nível de Mesorregião)

Cultura	Arroz			Batata-Inglesa			Cana-de-Açúcar			Cebola			Fumo			Feijão			
	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	
Mesorregião																			
1	42.175	83.258	1.974	2.910	16.261	5.588	3.505	103.105	29.417	246	1.507	6.126	11.505	13.058	1.135	110.673	82.844	749	
2	4.688	8.912	1.901	2.905	32.720	11.263	-	-	-	60	356	5.933	3.564	5.196	1.458	25.000	15.705	626	
3	25.804	50.789	1.968	2.329	17.094	7.340	2.012	54.403	27.039	466	2.586	5.549	22.898	34.723	1.516	11.465	7.898	689	
4	11.570	26.348	2.277	67	414	6.179	641	19.020	29.672	365	3.018	8.268	6.695	10.204	1.524	4.230	2.608	617	
5	1.988	5.423	2.727	365	2.929	8.024	2.158	126.952	58.829	24	157	6.540	697	1.012	1.451	987	851	862	
6	724	1.293	1.785	1.242	10.365	8.345	2.901	170.127	58.644	1.405	8.082	5.752	2.006	3.493	1.741	1.685	1.681	997	
7	43.712	130.257	2.980	4.224	33.553	7.943	8.447	476.415	56.400	3.953	31.629	8.001	28.695	39.822	1.386	7.137	7.207	1.010	
8	17.503	26.670	1.523	1.922	15.550	8.090	-	-	-	327	2.429	7.520	4.473	12.338	2.758	27.703	15.680	566	
Sta.Catarina	148.164	332.950	2.247	15.964	128.886	8.073	19.664	950.022	48.567	6.846	49.794	7.273	80.533	119.846	1.488	188.880	134.474	711	

(continua)

Cultura	Mandioca			Milho			Soja			Tomate			Trigo		
	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)
Mesorregião															
1	11.021	239.250	21.709	770.413	2.124.965	2.758	308.505	411.300	1.333	60	770	12.833	29.870	15.948	534
2	505	10.050	19.901	101.746	179.485	1.764	27.650	41.007	1.483	273	7.034	25.766	5.110	2.703	529
3	14.948	175.092	11.713	29.992	66.009	2.201	480	699	1.456	192	5.780	30.104	546	482	883
4	22.210	199.000	8.960	7.000	13.017	1.860	260	426	1.511	5	35	7.000	150	60	400
5	3.380	31.460	9.308	1.255	3.224	2.569	5	8	1.600	90	2.585	28.722	-	-	-
6	2.300	43.120	18.748	12.545	18.618	1.484	21	28	1.333	113	2.704	23.929	-	-	-
7	22.883	461.755	20.179	59.113	124.081	2.099	1.241	1.684	1.357	140	3.487	24.907	60	42	700
8	5.715	79.960	13.991	81.520	144.776	1.776	12.480	21.213	1.700	53	522	9.849	1.786	1.093	611
Sta.Cat.	82.962	1.239.687	14.943	1.063.584	2.674.175	2.514	350.642	476.365	1.359	926	22.917	24.748	37.522	20.328	560

Fonte: FIEGE

Elaboração: SMA-AR/CEPA/SC

Tabela nº 77

Área Colhida, Produção e Rendimento dos Principais Produtos Agrícolas-Santa Catarina, 1977/78
(A nível de Mesorregião)

Cultura	Arroz			Batata-Inglesa			Cana-de-açúcar			Cebola			Fumo			Feijão		
	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)
1	32.650	45.342	1.339	3.038	15.171	4.994	3.161	91.360	28.902	219	880	4.018	13.641	14.478	1.061	109.168	74.430	682
2	4.730	3.885	821	3.160	26.287	8.319	-	-	-	126	710	5.635	4.131	5.760	1.394	27.478	13.390	487
3	24.930	55.945	2.244	2.453	15.317	6.244	2.128	62.572	29.404	212	1.654	7.802	20.920	35.544	1.699	10.764	6.140	394
4	10.665	29.475	2.764	76	620	8.158	585	17.220	29.436	234	2.057	8.790	6.950	11.317	1.628	3.810	2.455	630
5	1.914	5.113	2.672	414	3.448	8.329	2.687	140.978	52.466	27	133	4.926	679	929	1.368	1.004	562	577
6	594	1.002	1.687	1.660	15.226	9.172	2.359	123.301	52.268	1.448	11.666	8.057	5.108	6.866	1.344	2.275	1.614	717
7	41.233	129.637	3.144	4.000	26.775	6.694	9.993	607.695	60.812	3.166	28.409	8.973	33.736	46.496	1.378	8.567	7.646	532
8	16.614	8.613	518	1.754	13.133	7.487	-	-	-	292	1.620	5.548	5.362	8.909	1.662	32.080	16.725	521
Total	133.330	279.012	2.093	16.555	115.977	7.005	20.913	1.043.126	49.974	5.724	47.129	8.234	90.527	130.299	1.439	195.166	122.942	4.311

(continua)

(continuação)

Cultura	Mandioca			Milho			Soja			Tomate			Trico		
	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Prod. (t)	Rend. (kg/ha)
1	10.269	264.637	19.928	734.800	1.201.459	1.635	342.985	282.032	822	66	924	14.000	9.647	2.892	341
2	1.710	30.065	17.582	90.966	108.538	1.193	48.570	47.703	982	298	9.218	30.933	790	526	757
3	14.097	166.340	11.780	31.984	72.248	2.259	116	164	1.414	183	5.871	32.081	125	50	456
4	14.570	146.870	10.080	5.260	11.030	2.097	320	529	1.653	5	50	10.000	5	3	600
5	2.132	28.480	13.358	1.305	3.252	2.492	-	-	-	98	3.507	35.786	-	-	-
6	1.980	33.640	16.990	10.752	17.979	1.672	4	7	1.750	95	3.696	38.905	5	4	720
7	25.755	491.187	19.071	60.896	102.294	1.680	1.000	1.272	1.272	190	4.121	21.689	23	15	739
8	7.035	107.240	15.243	69.670	71.106	1.021	15.709	22.974	1.462	62	642	10.355	1.025	789	875
Total	77.548	1.258.459	15.583	1.005.633	1.587.906	1.579	408.704	354.681	868	997	28.029	28.113	11.620	4.279	418

Fonte: FIEGE

Localização: SANTA CATARINA-SC

Tabela nº 78

Abate Anual de Animais sob Inspeção Federal - Santa Catarina, 1978

Mês	S u i ñ o s				B o v i ñ o s				A v e s											
	P o r c o s		L e i t õ e s		B o i s		V a c a s		V i t e l o s		T o t a l		F r a n g o s		G a l i n h a s		P e r u s		T o t a l	
Jan	143.678	302	143.980	7.962	3.268	10	11.240	7.936.906	18.437	135.962	8.091.305									
Fev	128.597	50	128.647	7.317	3.141	-	10.458	7.386.755	33.082	129.478	7.549.315									
Mar	153.176	184	153.360	8.352	3.446	-	11.768	7.519.645	15.178	151.637	7.686.460									
Abr	155.735	171	155.906	7.857	3.180	16	11.053	7.274.467	38.411	124.174	7.437.052									
Mai	161.777	130	161.907	7.436	3.906	59	11.401	7.927.988	38.421	88.435	8.054.844									
Jun	181.593	159	181.752	5.367	3.431	69	8.867	7.677.989	24.472	107.028	7.809.489									
Jul	166.009	799	166.808	5.549	3.257	58	8.864	7.921.186	29.288	178.114	8.128.588									
Ago	199.017	512	199.529	4.924	1.394	75	6.393	8.458.020	39.375	320.232	8.817.987									
Set	186.821	977	187.798	5.247	1.491	64	6.802	8.081.246	30.495	384.286	8.496.027									
Out	175.932	1.038	176.970	5.447	2.160	108	7.715	8.588.754	42.576	393.943	9.025.273									
Nov	181.624	874	182.498	5.810	2.099	68	7.977	8.341.997	31.456	340.287	8.713.740									
Dez	158.471	1.720	160.191	10.765	3.308	36	14.109	9.012.182	31.153	130.851	9.174.186									
Total	1.992.430	6.916	1.999.346	82.033	34.051	563	116.647	96.127.135	372.704	2.484.427	98.984.266									

Fonte: DFA-SC/ SERPA (Relativos Mensais de Abate, 1978)

Tabela nº 79

Abate Anual de Animais Sob Inspeção Federal - Santa Catarina, 1979

Mês	Suínos				Bovinos				Aves			
	Porcos	Leitões	Total	Bois	Vacas	Vitelos	Total	Frangos	Galinhas	Perus	Total	
	(cabeças)											
Janeiro	134.865	509	135.374	10.206	2.934	21	13.161	9.941.285	37.760	174.958	10.154.003	
Fevereiro	124.968	334	125.302	9.561	1.967	15	11.543	8.816.067	30.237	150.162	8.996.466	
Março	179.199	299	179.498	10.839	3.777	06	14.622	9.882.712	44.738	140.854	10.065.305	
Abril	162.543	153	162.696	9.349	3.263	19	12.631	8.468.645	26.487	140.854	8.635.986	
Mai	213.563	158	213.721	8.012	3.241	46	11.299	9.817.234	40.737	181.445	10.039.416	
Junho	200.464	166	200.630	6.190	2.881	57	9.128	9.247.185	43.822	153.037	9.444.104	
Julho	218.463	101	218.564	5.536	1.780	82	7.348	8.889.647	46.689	201.952	9.138.288	
Agosto	231.832	133	231.965	4.906	1.625	25	6.556	9.134.056	75.485	341.314	9.550.857	
Setembro	212.028	232	212.260	5.237	1.461	44	6.742	8.622.326	31.320	393.298	9.046.944	
Outubro	225.767	868	226.635	7.065	1.487	11	8.563	10.214.603	37.596	463.249	10.715.498	
Novembro			206.108				7.898				9.960.707	
Dezembro			184.752				9.165				10.160.417	
Total			2.297.505				118.656				115.911.011	

Fonte: DFA-SC/SERPA (Relatórios Mensais de Abate, 1979)

Tabela nº 80

Sazonalidade da Oferta, Demanda e Déficit de Carne Bovina
- Santa Catarina, 1974-78

A n o	Março a Junho (Safra)			Junho a Outubro (Entressafra)		
	Oferta (t)	Demanda (t)	Déficit (t)	Oferta (t)	Demanda (t)	Déficit (t)
1974	19.143	23.666	4.523	12.762	23.666	10.904
1975	19.783	24.349	4.566	13.189	24.349	11.160
1976	20.317	25.055	4.738	13.545	25.055	11.510
1977	20.695	25.781	5.086	13.797	25.781	11.984
1978	21.167	26.529	5.362	14.111	26.529	12.418

Fonte: SAA/EMATER-SC/ACARESC e SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 81

Número de Produtores e Sazonalidade da Produção de Leite
- Santa Catarina, 1974-78

Ano	Produtores que Vendem Leite				Fornecimento Diário Média/produtor (litro)				Redução no Inverno
	Janeiro	Índice	Junho	Índice	Janeiro	Índice	Junho	Índice	
1974	18.290	100	14.617	100	10,16	100	7,77	100	24
1975	18.332	101	15.082	103	11,56	114	10,61	137	8
1976	19.378	106	16.342	112	11,42	112	9,81	126	14
1977	19.555	107	17.012	116	13,14	129	10,59	136	19
1978	19.711	108	16.506	113	15,17	149	11,40	147	25

Fonte: SAA/EMATER-SC/ACARESC e Indústrias Produtoras
Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 82

Inseminação Artificial de Suínos - Santa Catarina, 1978-79

	1978	1979 ⁽¹⁾
Número de Inseminadores Treinados	21	12
Número de Méd. Veterinários Treinados	10	14
Número de Propriedades Usuárias	150	226
Número de Inseminações Realizadas	5.665	8.823
Taxa de Não Retorno ao Cio (%)	81,5	85,8
Número de Partos	2.532	2.103
Número de leitões nascidos	25.543	21.751

(1) Previsão

Fonte: Central Regional de Inseminação Artificial de Suínos de Concórdia

Tabela nº 83

Produção de Ração e Concentrado - Santa Catarina, 1975-78

Ano	(toneladas)							
	1975	%	1976	%	1977	%	1978	%
Discriminação								
Aves	249.351,7	72,02	287.519,7	69,7	410.752,3	73,0	504.285,9	69,8
Suínos	42.453,2	12,26	108.967,7	26,5	138.568,4	24,5	199.786,7	27,6
Bovinos	47.820,4	13,81	15.769,3	3,8	13.735,6	2,3	17.537,9	2,4
Outros	6.648,5	1,92	9,9	0,03	1.212,7	0,2	36,4	0,0
Total	346.273,8	100	412.266,6	100	564.269,0	100	721.646,9	100

Fonte: DFA/SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 84

Valor da Produção Familiar e "Per Capita" da Pesca Artesanal -
Santa Catarina, 1973-78

Ano	Número de Pescadores Colonizados na Pesca Artesanal	Número de Dependentes Inclusive o chefe (2)	A Preços Correntes			A Preços Constantes de 1970			
			Valor da Pesca Artesanal (em Cr\$ 1000)	Valor médio da Produção (em Cruz.)	Valor médio da Produção "per capita"	Valor da Pesca Artesanal (em Cr\$1000)	Produto Médio Familiar - Liar (em Cruzeiros)	Produto Interno Bruto "per capita" Em dólares	
1973	15.990	79.950	40.427,7	2.528	506	24.928,6	1.560	312	63
1974	13.803	69.015	75.474,3	5.467	1.093	36.164,8	2.620	524	106
1975	15.448	77.240	108.794,0	7.042	1.408	40.820,0	2.642	528	107
1976	17.585	87.925	140.077,4	7.966	1.593	37.203,0	2.116	423	86
1977	17.655(1)	88.275	221.003,0	12.518	2.503	41.125,2	2.330	466	94
1978	19.165	95.825	415.419,0	21.676	4.335	55.744,7	2.909	582	118

(1) Estimativa

(2) Calculado em função do número de dependentes por pescador, na base de cinco por um

Fonte: dados brutos: Federação dos Pescadores do Estado de Santa Catarina, PDP/Ipólis e SAA/ACARPESC

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA/SC

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Pescador Profissional Artesanal, 1973-1978

Colônia	Ano	Pescador Associado					Pescador não Associado	
		1973	1974	1975	1976	1978	1976	1978
Col.Pesc.- Z/1 - Garuva		170	88	150	104	95	150	30
Col.Pesc.-Z/2 - S.F.do Sul		500	380	500	786	933	950	800
Col.Pesc.-Z/3 - Barra do Sul		500	512	264	305	310	350	250
Col.Pesc.-Z/4 - Barra Velha		280	312	230	182	190	18	20
Col.Pesc.-Z/5 - Penha		1.480	1.500	1.500	1.480	1.802	20	60
Col.pesc.-Z/6 - Navegantes		1.500	1.937	2.375	2.422	2.537	50	40
Col.Pesc.-Z/7 - B.Camboriú		696	673	723	636	687	70	15
Col.Pesc.-Z/8 - Porto Belo		674	892	900	1.226	1.065	367	220
Col.Pesc.-Z/9 - Gov.Celso Ramos		1.003	1.074	1.030	1.020	1.096	45	25
Col.Pesc.-Z/10- Arm.da Piedade		500	508	520	449	571	26	35
Col.Pesc.-Z/11-Florianópolis		4.902	2.194	3.294	5.212	5.789	2.000	1.800
Col.Pesc.-Z/12-Garopaba		372	400	486	464	525	290	120
Col.Pesc.-Z/13-Imbituba		615	628	529	470	495	2.500	2.300
Col.Pesc.-Z/14-Laguna		2.300	2.245	2.547	2.719	2.688	4.500	3.500
Col.Pesc.-Z/16-Araranguá		560	460	400	110	382	356	90
Total		15.990	13.803	15.448	17.585	19.165	11.692	9.305

Fonte: Federação dos Pescadores de Santa Catarina

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 86

Preço Recebido Pelo Produtor - Santa Catarina, 1974-79

(Média Aritmética Anual)

Produto	Arroz em Casca Cr\$/kg	Cança-de-Açúcar Cr\$/t	Felção Cr\$/kg	Fumo em Folha Cr\$/kg	Laranja Cr\$/cento	Mandioca Cr\$/t	Milho Cr\$/kg	Soja Cr\$/kg	Tomate Cr\$/kg	Trigo Cr\$/kg	Bovino de Corte Cr\$/kg	Suino de Corte Cr\$/kg	Frango de Corte Cr\$/kg	Leite Cr\$/litro	Mel de Abeiha Cr\$/litro	Banana Cr\$/kg	Batata Cr\$/kg	Cebola Cr\$/kg	Madeira Cr\$/m ³	Carvão Cr\$/m ³	Lenha Cr\$/m ³
• 1974	1,09	45,35	1,91	3,79	10,74	131,29	0,61	1,06	1,87	1,08	6,47	4,50	5,01	0,99	8,80	0,29	0,94		247,00	498,00	17,00
• 1975	1,75	79,29	1,64	5,39	16,74	217,76	0,83	1,17	2,53	1,50	7,72	4,77	5,83	1,42	9,38	0,52	0,94				
• 1976	1,65	115,43	3,68	7,01	28,99	608,00	0,98	1,51	3,74	1,86	9,12	5,85	7,20	1,80	11,64	0,94	1,97				
• 1977	1,80	145,15	5,06	10,99	51,82	715,00	1,05	2,45	3,28	2,43	11,69	10,21	9,50	2,75	16,26	1,05	2,17				
• 1978	3,20	162,88	5,43	16,21	74,35	565,00	2,03	3,20	4,12	3,15	20,20	12,42	13,58	3,74	21,85	1,50	3,64				
• 1979(1)	5,32	248,00	7,55	24,00		654,00	3,30	5,73	5,21	4,80	22,37	22,26	18,45	6,03		2,37	5,72	5,79			

(1) Período de janeiro a novembro

Fonte: FGV (1974-78), SAA/ACARESC e DFA-SC (1979)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Projeção de Taxas de Crescimento Demográfico por Mesorregião
- Santa Catarina, 1975-1995

Mesorregião	1975-1980			1980-1985			1985-1990			1990-1995		
	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana	Total	Rural	Urbana
	1	2,6	2,2	3,5	2,7	2,2	3,9	2,6	2,1	3,7	2,5	2,0
2	2,6	1,2	4,0	2,5	1,2	3,5	2,4	1,1	3,4	2,4	1,0	3,3
3	2,5	1,3	3,8	2,4	1,3	3,4	2,3	1,2	3,1	2,0	1,0	2,8
4	2,2	1,3	3,6	2,0	1,3	3,0	1,8	1,2	2,6	1,6	1,0	2,3
5	4,0	1,3	5,0	3,7	1,3	4,5	3,5	1,2	4,1	3,3	1,0	3,8
6	1,6	1,3	3,0	1,6	1,3	2,8	1,4	1,2	2,2	1,2	1,0	1,7
7	3,8	1,2	5,5	3,5	1,2	4,8	3,2	1,1	4,1	3,0	1,0	3,8
8	1,9	1,2	2,8	1,8	1,2	2,5	1,6	1,1	2,2	1,4	1,0	1,7
Santa Catarina	3,0	1,6	4,5	2,9	1,6	4,1	2,7	1,5	3,7	2,5	1,4	3,4

Fonte: SAA-MA/CEPA-SC (CEPA/SC. Estudos Básicos, Florianópolis, 1978/79. v.2)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 88

Pessoal Ocupado em Santa Catarina, Segundo os Setores, 1970

S e t o r	Pessoal Ocupado	
	Absoluto	Em %
Agrícola	763.501	79,42
Comercial	53.585	5,57
Industrial	120.045	12,48
Serviços	24.340	2,53
T o t a l	961.471	100,00

Fonte: dados brutos: Censo Agropecuário de 1970;

Anuário Estatístico do Brasil, 1976.

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC (Janeiro de 1979)

Estimativa e Projeções das Jornadas de Trabalho Necessárias ao Setor Agrícola de Santa Catarina, 1975-1985

Especificação	1 9 7 5			1 9 8 0		1 9 8 5	
	Coefficiente Técnico (Dias/Homem/ha ou Dias/Homem/animal)	Área de Cultivo (ha) ou Nº de Animais Existentes	Jornadas de Trabalho Necessárias	Área de Cultivo ou Nº de Animais Existentes (Projeção)	Jornadas de Trabalho Necessárias	Área de Cultivo ou nº de animais Existentes (Projeção)	Jornadas de Trabalho Necessárias
Milho	26,50	942.400	24.973.600	1.142.574	30.278.211	1.292.718	34.257.027
Mandioca	35,86	85.046	3.049.749	85.900	3.080.374	86.330	3.095.794
Fumo	90,71	49.000	4.444.790	120.000	10.885.200	170.000	15.420.700
Arroz	20,00	124.975	2.449.500	152.051	3.041.020	159.807	3.196.140
Feijão	29,5	185.065	5.459.417	204.327	6.027.646	225.816	6.661.572
Batata	36,93	24.000	886.320	15.593	575.849	16.798	620.350
Cana-de-açúcar	84,04	15.500	1.302.620	17.113	1.438.176	18.913	1.589.448
Soja	29,62	361.475	10.706.889	379.914	11.253.053	399.393	11.830.021
Alho	336,43	150	50.463	1.500	504.645	1.914	643.927
Cebola	184,08	5.030	925.922	7.055	1.298.684	8.179	1.505.590
Tomate	500,00	740	370.000	848	424.000	971	485.500
Cevada	13,13	5.026	65.991	5.026	65.991	5.026	65.991
Banana	55,00	11.690	642.950	14.223	782.265	15.703	863.665
Gado de Corte	1,50	1.826.756	2.740.134	464.389	6.965.139	538.407	2.740.134
Gado de Leite	15,00	400.511	6.007.665	464.389	6.965.139	538.407	8.075.298
Aves	0,0045(1)	49.686.513 (3)	223.589	145.196.000	653.381	250.000.000	1.124.998
Suínos	10,00 (2)	452.292 (4)	4.522.920	577.316	5.773.160	717.924	7.179.240
Sub-Total			69.762.419		85.786.928		99.355.395
Outras Atividades Agrícolas (20%)			13.952.484		17.157.385		19.871.079
Total			83.714.903		102.944.316		119.226.474

(1) Para cada aviário de 12.000 aves, necessita-se de uma pessoa em tempo integral.

(2) Para cada 30 matrizes, necessita-se uma pessoa em tempo integral.

(3) Aves abatidas em 1975.

(4) Nº de matrizes existentes.

Fonte: Dados brutos: SAA-MA/CEPA-SC e SAA-EMATER-SC/ACARHSC

Dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC (CEPA/SC- Estudos Básicos, Florianópolis, 1978/79, v. 5).

Evolução da Renda Interna do Brasil, Região Sul e Santa Catarina, por Setores de Atividades, 1949-1977

(em Cr\$ 1.000 correntes)

Ano	A g r i c u l t u r a									
	Brasil		Região Sul		Santa Catarina		Relações (em %)			
	Abs. (1)	%	Abs. (2)	%	Abs. (3)	%	(2)/(1)	(3)/(1)	(3)/(2)	
1949	53.612	24,93	11.331	36,80	2.108	40,92	21,14	3,93	18,60	
1959	367.480	19,20	98.848	34,42	14.976	35,50	26,90	4,08	15,15	
1960	503.614	22,47	143.018	33,75	25.979	43,90	28,40	5,16	18,16	
1961	716.296	21,19	206.069	32,20	34.928	40,46	28,77	4,88	16,95	
1962	1.283.729	23,20	365.123	34,75	51.363	39,26	28,44	4,00	14,07	
1963	1.981.086	19,78	547.563	31,45	88.500	38,11	27,64	4,47	16,16	
1964	4.100.186	21,49	1.115.914	30,72	197.272	43,88	27,22	4,81	17,68	
1965	5.833.585	15,91	1.836.251	30,56	285.018	41,88	31,48	4,89	15,52	
1966	6.843.898	13,29	2.240.782	28,43	381.204	34,57	32,74	5,57	17,01	
1967	9.029.567	12,78	3.094.831	28,13	551.653	36,49	34,27	6,11	17,82	
1968	11.539.990	11,75	3.836.334	26,04	705.025	33,95	33,24	6,11	18,38	
1969	14.335.314	11,11	5.296.150	25,94	900.685	28,35	36,94	6,28	17,01	
1970	17.126.636	10,27	6.056.001	23,04	998.000	23,69	35,35	5,83	16,48	
1971	23.973.354	10,68	8.932.167	24,15	1.305.600	23,65	37,26	5,45	14,62	
1972	30.560.091	10,42	11.436.100	23,54	1.745.300	22,85	37,42	5,71	15,26	
1973	44.270.554	11,000	18.126.443	26,17	2.681.700	22,51	40,94	6,06	14,79	
1974	66.657.439	11,34	28.073.579	27,19	4.838.300	24,12	42,12	7,26	17,23	
1975	87.820.907	10,53	36.424.666	25,42	6.239.000	23,12	41,48	7,10	17,13	
1976	137.703.182	10,73	9.740.900	22,07	...	7,07	...	
1977	236.849.473	12,21	13.580.200	21,01	...	5,73	...	

(continua)

Tabela nº 90 a

Evolução da Renda Interna do Brasil, Região Sul e Santa
Catarina, por Setores de Atividades, 1949-1977

(em Cr\$ 1.000 correntes)

RI		I n d ú s t r i a								
Ano	Brasil		Região Sul		Santa Catarina		Relações (em %)			
	Abs. (1)	%	Abs. (2)	%	Abs. (3)	%	(2)/(1)	(3)/(1)	(3)/(2)	
1949	55.940	26,01	5.981	19,42	1.187	23,04	10,69	2,12	19,85	
1959	624.724	32,64	60.035	20,91	11.368	26,94	9,61	1,82	18,94	
1960	564.883	25,20	93.074	21,96	11.259	19,03	16,48	1,99	12,10	
1961	855.079	25,03	143.046	22,35	16.726	19,37	16,73	1,96	11,69	
1962	1.367.641	24,72	200.852	19,12	26.633	20,36	14,69	1,95	13,26	
1963	2.681.708	26,77	346.550	19,91	44.219	19,04	12,92	1,65	12,76	
1964	4.902.285	25,69	727.406	20,03	64.687	14,39	14,84	1,32	8,89	
1965	11.931.549	32,54	1.187.310	19,76	97.189	14,28	9,95	0,81	8,19	
1966	17.275.783	33,54	1.554.116	19,72	231.394	20,99	9,00	1,34	21,32	
1967	22.956.703	32,49	2.040.780	18,55	277.907	18,38	8,89	1,21	13,62	
1968	24.050.813	34,66	2.981.278	20,24	453.252	21,83	8,76	1,33	15,20	
1969	46.185.005	35,75	4.190.805	20,53	600.424	18,90	9,07	1,30	14,33	
1970	60.238.705	36,11	5.576.756	21,26	1.247.600	29,61	9,26	2,07	22,37	
1971	81.223.979	36,19	7.983.692	21,59	1.636.300	29,64	9,83	2,01	20,50	
1972	109.385.514	37,29	11.146.741	22,94	2.318.500	30,35	10,19	2,12	20,80	
1973	153.265.297	38,08	16.745.766	24,18	3.639.000	30,55	10,93	2,37	21,73	
1974	233.587.381	39,74	25.351.939	24,55	5.792.000	28,88	10,85	2,48	22,85	
1975	328.861.859	39,43	35.810.178	24,99	8.069.700	29,90	10,89	2,45	22,53	
1976	492.728.003	39,43	...	24,99	13.247.000	30,01		2,69		
1977	712.149.387		...		19.522.100	30,20		2,74		

(continua)

Tabela nº 90 b

Evolução da Renda Interna do Brasil, Região Sul e Santa Catarina, por Setores de Atividades, 1949-1977

(continuação) (em Cr\$ 1.000 correntes)

Ano	RI		S e r v i ç o s						
	Brasil		Região Sul		Santa Catarina		Relações (em %)		
	Abs. (1)	%	Abs. (2)	%	Abs. (3)	%	(2)/(1)	(3)/(1)	(3)/(2)
1949	105.519	49,06	13.481	43,78	1.857	36,04	12,78	1,76	13,77
1959	921.802	48,16	128.296	44,67	15.846	37,56	13,92	1,72	12,35
1960	1.172.699	52,33	187.682	44,29	21.940	37,07	16,00	1,87	11,69
1961	1.808.514	53,51	290.808	45,45	34.681	40,17	16,08	1,92	11,93
1962	2.881.305	52,08	484.774	46,13	52.827	40,38	16,82	1,83	10,90
1963	5.353.851	53,45	846.872	48,64	99.522	42,85	15,82	1,86	11,75
1964	10.080.162	52,82	1.788.934	49,25	187.601	41,73	17,75	1,86	10,49
1965	18.901.637	51,55	2.985.065	49,68	298.307	43,84	15,79	1,58	9,99
1966	27.393.064	53,17	4.087.636	51,85	489.960	44,44	14,92	1,79	11,99
1967	38.681.253	54,75	5.865.867	53,32	682.048	45,13	15,16	1,76	11,63
1968	52.657.212	53,61	7.915.449	53,72	918.076	44,22	15,03	1,74	11,60
1969	68.666.359	53,14	10.928.475	53,53	1.675.822	52,75	15,92	2,44	15,33
1970	89.463.114	53,62	14.617.145	55,70	1.967.200	46,70	16,34	2,20	13,46
1971	119.225.728	53,13	20.070.416	54,26	2.578.500	46,71	16,83	2,16	12,85
1972	153.420.246	52,29	25.998.046	53,52	3.575.300	46,80	16,95	2,33	13,75
1973	204.908.179	50,92	34.380.720	49,65	5.591.000	46,94	16,78	2,73	16,26
1974	687.510.900	48,92	49.827.850	48,26	9.426.800	47,00	17,33	3,28	18,92
1975	417.302.416	50,04	71.074.267	49,59	12.682.200	46,98	17,03	3,04	17,84
1976	652.968.357		...		21.154.400	47,92		3,24	
1977	990.442.942		...		31.549.500	48,79		3,18	

(continua)

Evolução da Renda Interna do Brasil, Região Sul e Santa Catarina por Setores de Atividades, 1949-1977

(conclusão) (em Cr\$ 1.000, correntes)

Ano	T o t a l								
	Brasil		Região Sul		Santa Catarina		Relações (em %)		
	Abs. (1)	%	Abs. (2)	%	Abs. (3)	%	(2)/(1)	(3)/(1)	(3)/(2)
1949	215.071	100,00	30.793	100,00	5.152	100,00	14,32	2,40	16,73
1959	1.914.006	100,00	287.179	100,00	42.190	100,00	15,00	2,20	14,69
1960	2.241.196	100,00	423.774	100,00	59.179	100,00	18,91	2,64	13,96
1961	3.379.888	100,00	639.923	100,00	86.335	100,00	18,93	2,52	13,49
1962	5.532.675	100,00	1.050.749	100,00	130.823	100,00	18,99	2,36	12,45
1963	10.016.641	100,00	1.740.985	100,00	232.242	100,00	17,38	2,32	13,34
1964	19.082.633	100,00	3.632.254	100,00	449.560	100,00	19,03	2,36	12,38
1965	36.666.771	100,00	6.008.626	100,00	680.514	100,00	16,39	1,86	11,33
1966	51.512.745	100,00	7.882.534	100,00	1.102.557	100,00	15,30	2,14	13,99
1967	70.667.523	100,00	11.001.478	100,00	1.511.609	100,00	15,57	2,14	13,74
1968	98.248.015	100,00	14.733.061	100,00	2.076.354	100,00	15,00	2,11	14,09
1969	129.187.678	100,00	20.415.430	100,00	3.176.931	100,00	15,80	2,46	15,56
1970	166.828.455	100,00	26.247.902	100,00	4.212.800	100,00	15,73	2,53	16,05
1971	224.423.011	100,00	36.986.275	100,00	5.520.400	100,00	16,48	2,46	14,93
1972	293.365.851	100,00	48.580.887	100,00	7.639.100	100,00	16,56	2,60	15,72
1973	402.444.030	100,00	69.252.929	100,00	11.911.700	100,00	17,21	2,96	17,20
1974	587.755.720	100,00	103.253.368	100,00	20.057.100	100,00	17,57	3,41	10,43
1975	833.985.182	100,00	143.309.111	100,00	26.990.900	100,00	17,18	3,24	18,83
1976	1.283.399.542		...		44.142.300	100,00		3,44	
1977	1.939.441.802		...		64.651.800	100,00		3,33	

Fontes: 1) para o Brasil: a) 1949-59-65/77, FGV, Conjuntura Econômica, vol.31,nº7, 1977
b) 1960/64, FGV, Conjuntura Econômica, vol.25, nº 9, 1971

2) para a Região Sul: a) 1949-59-70, FGV, Conjuntura Econômica, vol.31 nº 7,1977
b) 1960/75, SUDESUL, Agregados Econômicos Regionais-Renda Interna, Porto Aelgre, 1977.

3) para Santa Catarina: a) 1979-59, FGV, Conjuntura Econômica, vol.31, nº 7, 1977
b) 1960/68, FGV, Conjuntura Econômica, vol.25, nº 9, 1971
c) 1969
d) 1970/77, dados brutos Fundação ITEP/SC

OBS.: 1) Quanto ao Brasil, o período 1960/64, não sofreu revisão por parte da FGV
a) Quanto a Santa Catarina os dados referentes ao período 1960/69, igualmente não sofreram revisão de parte daquela Instituição

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos v.5, 1979)

Tabela nº 91

Evolução da Renda Interna Real do Brasil, Região Sul e Santa Catarina por Setores de Atividade, 1949-1977

(em Cr\$ 1.000 de 1977)*

Setor/ Unida- de Es- pa- cial	Agricultura								
	Brasil			Região Sul			Santa Catarina		
	Renda Interna Real	Relativo da RI Real		Renda Interna Real	Relativo da RI Real		Renda Interna Real	Relativo da RI Real	
		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção
Perí- do									
1949	82.862.422	100,00	-	17.513.137	100,00	-	3.258.114	100,00	-
1959	116.180.841	140,21	40,21	31.251.344	178,44	78,44	4.734.745	145,32	45,32
1960	119.255.032	143,92	2,65	33.866.446	193,38	8,37	6.151.788	188,81	29,93
1961	121.529.691	146,66	1,91	34.962.504	199,66	3,24	5.926.026	181,88	- 3,67
1962	136.089.155	164,23	11,98	38.706.986	221,02	10,71	5.445.033	167,12	- 8,12
1963	127.008.975	153,28	- 6,67	35.104.693	200,45	- 9,31	5.673.804	174,14	4,20
1964	131.694.803	158,93	3,69	35.842.295	204,66	2,10	6.338.260	194,14	11,71
1965	131.600.456	158,81	- 0,07	41.424.179	236,53	15,57	6.429.751	197,34	1,44
1966	108.831.963	131,34	-17,30	35.633.013	203,46	-13,98	6.061.922	186,06	5,72
1967	115.323.086	139,17	5,96	39.526.310	225,69	10,93	7.045.557	216,25	16,23
1968	125.623.109	151,60	8,93	47.761.125	272,72	20,83	7.674.827	235,56	8,93
1969	128.462.994	155,03	2,26	47.460.369	270,99	- 0,63	8.071.305	247,73	5,16
1970	119.224.755	143,88	- 7,19	42.144.107	240,64	-11,20	8.074.434	247,82	0,03
1971	133.166.805	160,71	11,69	49.616.259	283,31	17,73	8.417.795	258,36	4,25
1972	138.852.701	167,57	4,27	51.958.891	296,68	4,72	8.589.075	263,62	2,03
1973	168.957.393	203,90	21,68	69.179.088	395,01	33,14	9.105.942	279,48	6,02
1974	196.578.584	237,23	16,34	82.791.426	472,74	19,68	11.467.883	351,98	25,94
1975	208.864.166	252,06	6,25	86.628.660	494,65	4,63	12.298.443	377,47	7,24
1976	205.856.815	248,43	- 1,44	...	-	-	12.728.211	390,66	3,49
1977	236.849.473	285,83	15,05	...	-	-	13.580.200	416,81	6,69

(continua)

Tabela nº 91 a

Evolução da Renda Interna Real do Brasil, Região Sul e Santa Catarina por Setores de Atividade, 1949-1977

(continuação)

(em Cr\$ 1.000 de 1977)*

Setor/ Unida- de Es- pa- cial	I n d ú s t r i a								
	Brasil			Região Sul			Santa Catarina		
	Renda Interna Real	Relativo da RI Real		Renda Interna Real	Relativo da RI Real		Renda Interna Real	Relativo da RI Real	
		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção		Base Fi- va 1949=100	Base Móvel Varia- ção		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção
Perío- do									
1949	65.503.513	100,00	-	7.003.513	100,00	-	1.389.930	100,00	-
1959	130.804.858	199,69	99,69	12.570.142	179,48	79,48	2.380.234	171,24	71,24
1960	94.763.127	144,67	-27,55	15.613.823	222,94	24,21	1.888.777	135,89	-20,65
1961	101.880.019	155,53	7,51	17.043.489	243,35	9,15	1.992.851	143,38	5,51
1962	112.092.533	171,12	10,02	16.457.882	234,99	- 3,43	2.182.317	157,00	9,51
1963	120.255.964	183,59	7,28	15.540.359	221,89	5,57	1.982.915	142,66	-9,14
1964	119.822.184	182,92	- 3,61	17.779.337	253,86	14,41	1.581.087	113,75	-20,26
1965	180.718.068	275,89	50,82	17.983.278	256,77	1,15	1.472.048	105,91	- 6,90
1966	197.760.717	301,91	9,43	17.790.400	254,02	- 1,07	2.648.832	190,57	79,94
1967	209.182.222	319,34	5,77	18.585.653	265,51	5,68	2.532.297	182,19	- 4,40
1968	237.937.872	363,24	13,75	20.832.364	297,45	12,03	3.167.202	227,87	25,07
1969	268.391.077	409,73	59,69	24.353.676	347,73	16,90	3.489.194	251,03	10,17
1970	299.614.556	457,40	11,63	27.737.603	396,05	13,89	7.891.208	567,74	126,16
1971	343.918.750	525,04	14,79	33.804.566	482,68	21,87	8.621.180	620,26	9,25
1972	399.327.967	609,63	16,11	40.692.823	581,03	20,38	10.151.050	730,33	17,74
1973	487.623.077	644,42	22,11	53.277.696	760,73	30,92	12.117.882	871,83	19,37
1974	574.634.944	877,26	17,84	62.366.854	890,51	17,05	13.370.268	961,94	10,33
1975	625.331.544	954,65	8,82	68.093.132	972,27	9,18	15.010.603	1.079,95	12,27
1976	686.084.435	1.047,40	9,71	...	-	-	17.894.097	1.287,41	19,21
1977	712.149.387	1.087,19	3,80	...	-	-	19.522.100	1.404,54	9,10

(continua)

Tabela nº 91 b

Evolução da Renda Interna Real do Brasil, Região Sul e Santa Catarina por Setores de Atividade, 1949-1977

(continuação)

(em Cr\$ 1.000 de 1977)*

Setor/ Unida- de Es- pa- cial	Serviços								
	Brasil			Região Sul			Santa Catarina		
	Renda Interna Real	Relativo da RI Real		Renda Interna Real	Relativo da RI Real		Renda Interna Real	Relativo da RI Real	
		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção		Base Fi- va 1949=100	Base Móvel Varia- ção		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção
Perí- do									
1949	135.107.554	100,00	-	17.261.203	100,00	-	2.377.721	100,00	-
1959	224.337.308	166,04	66,04	31.466.537	182,30	82,30	3.856.413	162,19	62,19
1960	216.925.453	160,56	- 3,30	34.717.351	201,13	10,33	4.058.454	170,69	5,23
1961	242.916.588	179,39	11,98	39.060.846	226,29	12,51	4.658.294	195,91	14,78
1962	252.613.098	186,91	3,99	42.501.666	246,23	8,80	4.631.510	194,79	- 0,57
1963	269.796.966	199,69	6,80	42.676.476	247,24	0,41	5.015.219	210,92	8,28
1964	265.484.000	196,50	5,09	47.115.647	272,95	10,40	4.940.899	207,89	- 1,48
1965	329.170.649	243,64	23,90	51.984.692	301,16	10,33	5.194.995	218,49	5,14
1966	347.160.723	256,95	5,46	51.803.868	300,12	- 0,35	6.209.414	261,15	19,53
1967	392.950.415	290,84	13,19	59.589.457	345,22	15,03	6.928.706	291,40	11,58
1968	432.059.175	319,79	9,95	64.947.274	376,26	8,99	7.532.931	316,81	8,72
1969	467.515.636	346,03	8,21	74.406.638	431,06	14,56	11.409.852	479,86	51,46
1970	500.056.532	370,12	6,96	81.702.933	473,33	9,80	13.981.521	588,02	22,53
1971	552.930.912	409,25	10,57	93.080.190	539,24	13,92	14.965.177	629,39	7,03
1972	600.543.494	444,49	8,61	101.718.980	589,29	9,28	16.583.024	697,43	10,81
1973	688.406.009	509,52	14,63	115.504.878	669,16	13,55	18.799.596	790,66	13,37
1974	747.995.837	553,63	8,65	129.633.431	751,01	12,23	22.050.994	927,40	17,29
1975	851.908.804	630,54	13,89	145.095.718	848,59	11,93	24.281.447	1.021,21	10,11
1976	930.733.743	688,88	9,25	...	-	-	28.093.493	1.181,53	15,70
1977	990.442.942	733,08	6,41	...	-	-	31.549.500	1.326,88	12,30

(continua)

Tabela nº 91 C

Evolução da Renda Interna Real do Brasil, Região Sul e Santa Catarina por Setores de Atividade, 1949-1977

(conclusão)

(em Cr\$ 1.000 de 1977)*

Setor/ Unida- de Es- pa- cial	T o t a l								
	Brasil			Região Sul			Santa Catarina		
	Renda Interna Real	Relativo da RI Real		Renda Interna Real	Relativo da RI Real		Renda Interna Real	Relativo da RI Real	
		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção		Base Fi- xa 1949=100	Base Móvel Varia- ção
Perío- do									
1949	283.473.509	-	-	41.777.853	-	-	7.025.765	-	-
1959	471.323.007	166,27	66,27	75.228.023	180,21	81,21	10.971.392	156,16	56,16
1960	430.943.612	152,02	- 8,57	84.197.620	201,54	11,83	12.099.019	172,21	10,28
1961	466.326.298	164,20	8,21	91.066.839	217,98	8,16	12.577.171	179,01	3,95
1962	500.794.786	176,66	7,39	97.666.543	233,17	7,25	12.258.860	174,48	- 2,53
1963	517.061.915	182,40	3,25	93.321.528	223,37	- 4,45	12.671.938	180,36	3,37
1964	517.000.987	182,38	- 0,01	100.737.279	241,13	7,95	12.860.246	183,04	1,49
1965	641.489.173	226,29	0,04	111.392.149	266,63	10,58	13.096.794	186,41	1,84
1966	653.753.403	230,62	1,91	105.227.281	251,87	- 5,53	14.920.168	212,36	13,92
1967	717.455.723	253,09	9,74	117.711.420	281,75	11,86	16.506.560	234,94	10,63
1968	795.600.156	280,66	10,89	133.541.563	319,65	13,45	18.374.960	261,54	11,32
1969	864.369.707	304,92	8,64	146.220.683	350,00	9,49	22.970.351	326,94	25,00
1970	918.895.843	324,15	6,31	151.584.643	362,83	3,67	29.947.163	426,25	30,37
1971	1.030.016.497	363,35	12,09	173.500.925	415,29	14,46	32.004.152	455,52	6,87
1972	1.138.724.162	401,70	10,55	194.370.694	465,25	12,03	35.323.149	502,76	10,37
1973	1.344.986.479	474,47	18,11	237.861.662	569,35	22,37	40.023.420	569,66	13,31
1974	1.519.209.365	535,93	12,95	274.791.711	657,74	15,52	46.889.145	667,39	17,15
1975	1.686.104.514	594,80	10,98	299.817.510	717,65	9,11	51.590.493	734,30	10,02
1976	1.822.674.993	642,98	8,10	...	-	-	58.715.801	835,72	12,81
1977	1.939.441.802	684,17	6,41	...	-	-	64.651.800	920,21	10,11

(*) Inflator: Setor Agrícola (col. 17 da Conj. Econômica)
Setor Indústria (col. 18 da Conj. Econômica)
Setor Serviços (col. 16 da Conj. Econômica)

Fonte: dados brutos: FGV (Conj. Econ. diferentes números)
dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v.5, 1979)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Evolução da Renda Interna "Per Capita" Rural, Urbana e
Total do Brasil da Região Sul e Santa Catarina, 1970-1977

(em Cr\$ de 1977/"per capita"/ano)

Área Geogr/Ano	Setor	Rural (1)	Urbana (2)	Total (3)	Relações %	
					(4) = (2)/(1)	(5) = (3)/(1)
Brasil	1970	2.904,1	15.353,2	9.865,8	5,3	3,4
	1975	4.851,2	23.049,3	15.736,6	4,7	3,2
	1977	4.583,0	24.450,6	15.987,1	5,3	3,5
Região Sul	1970	4.584,3	14.984,9	9.198,0	3,3	2,0
	1975	8.467,5	23.615,5	15.568,3	2,8	1,8
	1977		
S.C.	1970	4.876,7	17.554,3	10.320,5	3,6	2,1
	1975	6.918,2	24.967,9	15.393,7	3,6	2,2
	1977	7.521,6	29.727,3	18.353,9	3,9	2,4

Fonte: dados brutos: FIBGE e FGV

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v.5 1979)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 93

Evolução dos Relativos da Renda Interna Rural Urbana e To
tal e da Renda Interna Rural, Urbana e Total "Per Capita"
do Brasil da Região Sul e Santa Catarina, 1975-1977

(base 1970= 100)

Área Geográfica Ano	Setor	Rural		Urbana		Total	
		Do Valor Total	Do Valor "Per capita"	Do Valor Total	Do Valor "Per capita"	Do Valor Total	Do Valor "Per Capita"
Brasil	1975	175,18	167,05	184,73	150,13	183,49	159,51
	1977	198,66	157,81	212,91	159,25	211,06	162,04
	1975	205,55	184,71	194,80	157,59	197,80	164,42
Reg.Sul	1977
S.C.	1975	177,02	164,87	228,43	180,86	213,64	184,97
	1977	195,47	167,29	296,91	214,85	267,73	212,29

Fonte: dados brutos: FIGBE e FGV

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v.5 1979)

Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Tabela nº 94

Taxa Anual de Crescimento da Renda Interna Total e Agrícola
do Brasil, Região Sul e Santa Catarina, 1949-1977

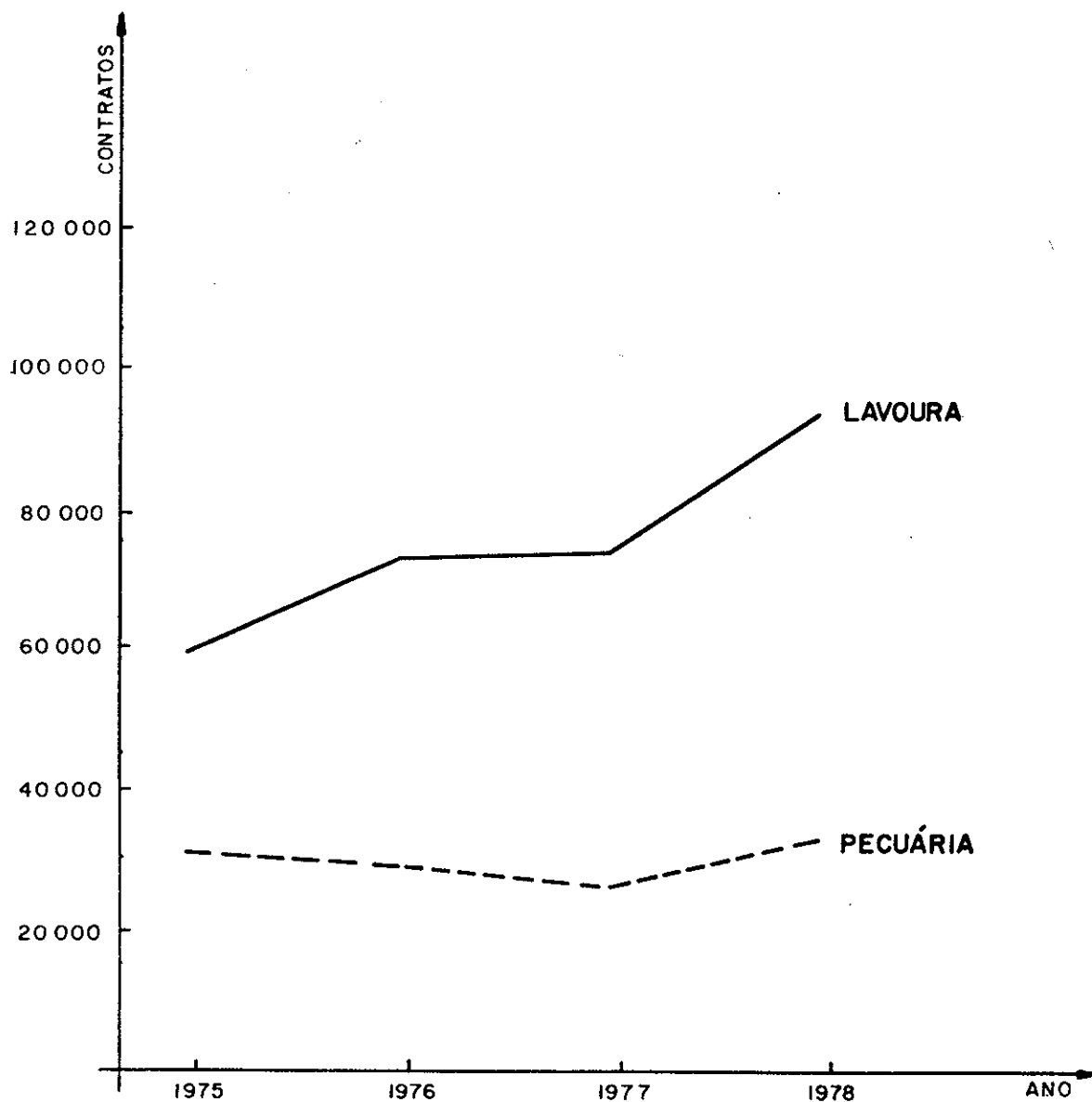
Unid. Espacial/ Setor	Brasil		Região Sul		Santa Catarina	
	Total	Agrícola	Total	Agrícola	Total	Agrícola
1949/60	4,6	3,9	8,9	8,2	6,4	7,8
1949/75	7,1	3,6	7,8	6,3	8,0	5,2
1949/77	7,1	3,8	8,2	5,2
1960/65	0,8	0,2	0,6	4,1	0,2	0,9
1965/70	7,4	1,9	6,3	0,3	17,99	4,66
1970/75	12,9	11,9	14,6	15,5	11,49	8,78
1970/77	11,4	10,3	11,62	7,71
1975/77	7,2	6,5	11,9	5,1

Fonte: dados brutos: FGV

dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC (Estudos Básicos, v. 5
1979)

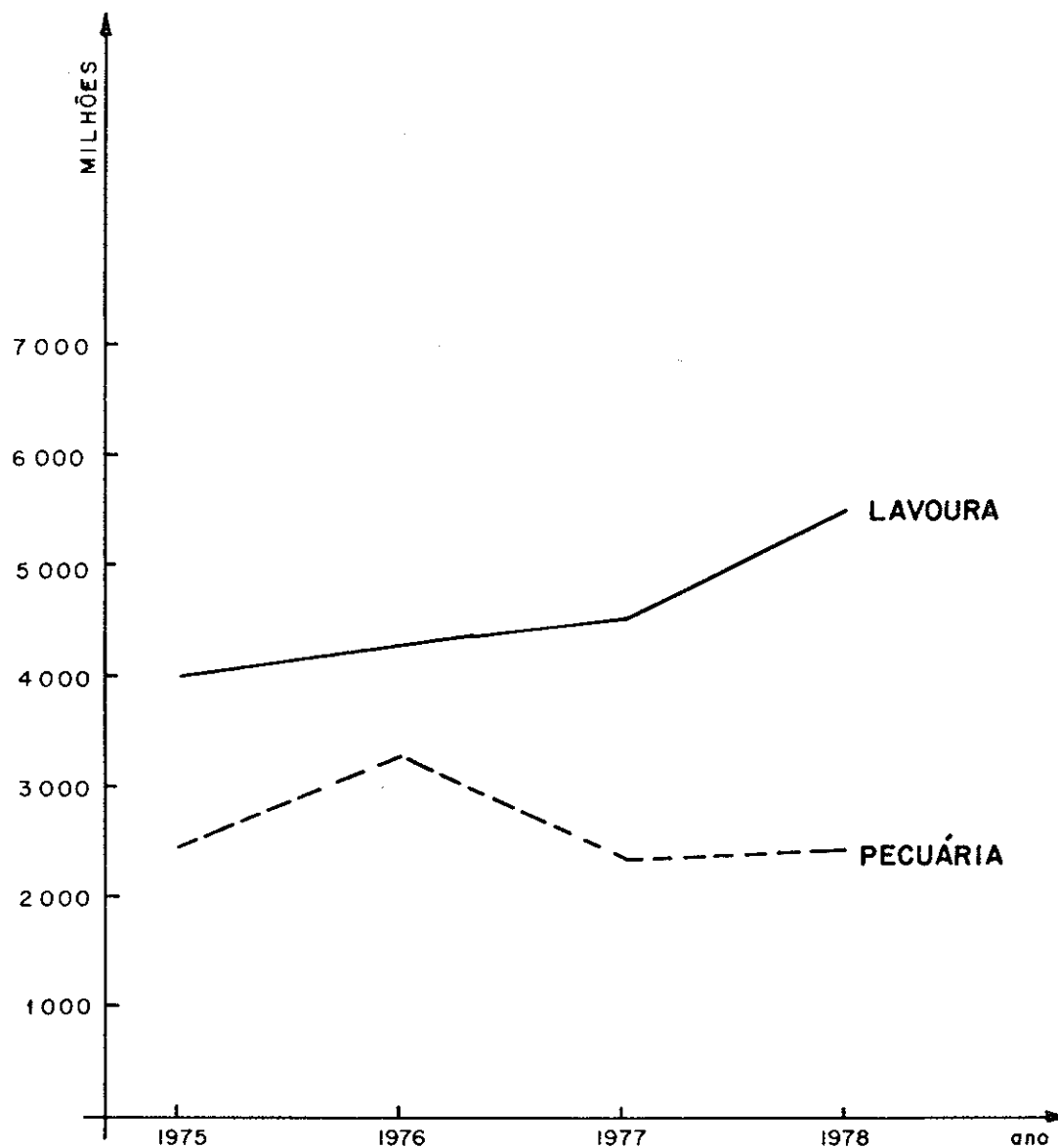
Elaboração: SAA-MA/CEPA-SC

Número de Contratos Concedidos à Produtores e Cooperativas
- Santa Catarina, 1975-78



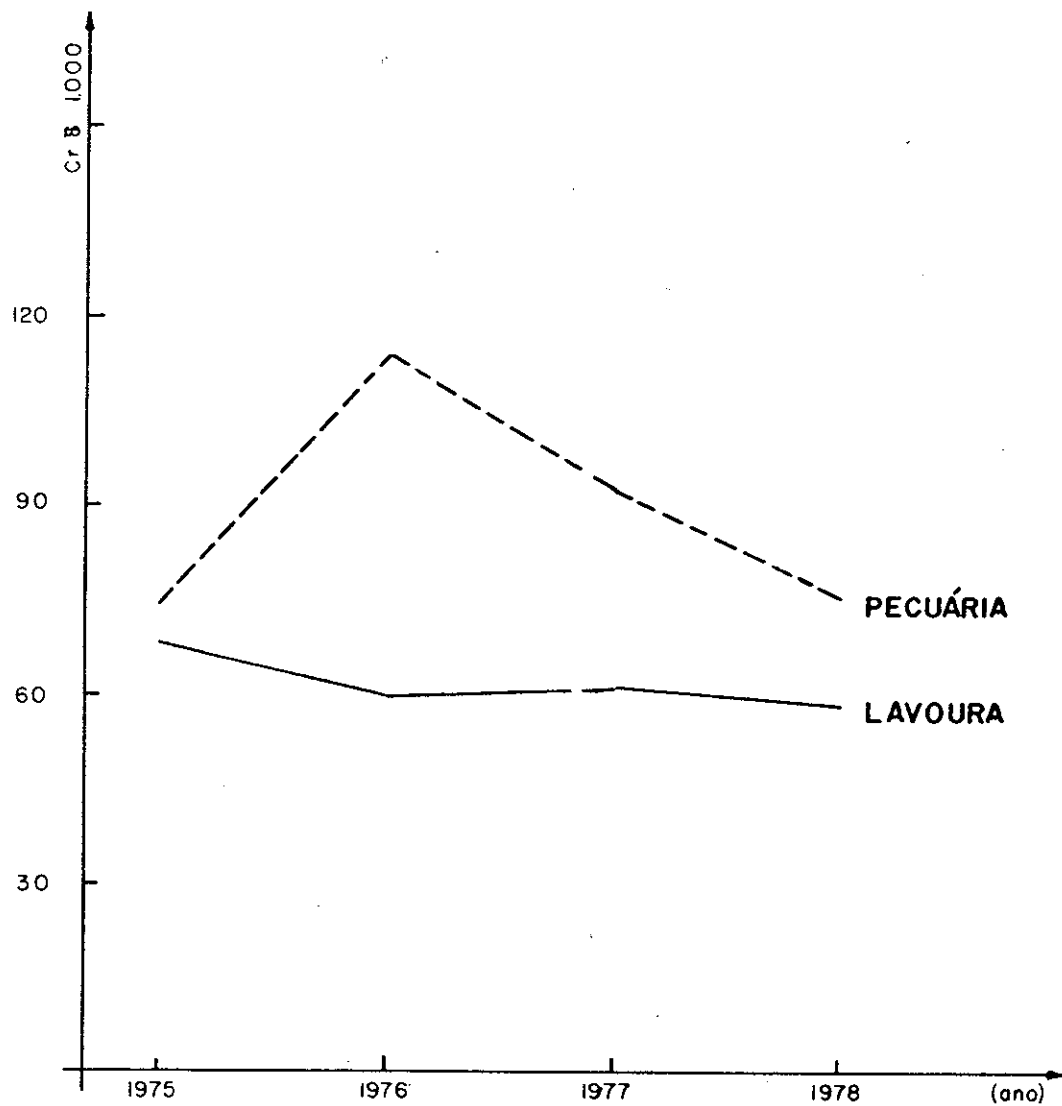
Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC

Valor dos Contratos Concedidos à Produtores e Cooperativas
- Santa Catarina, 1975-78



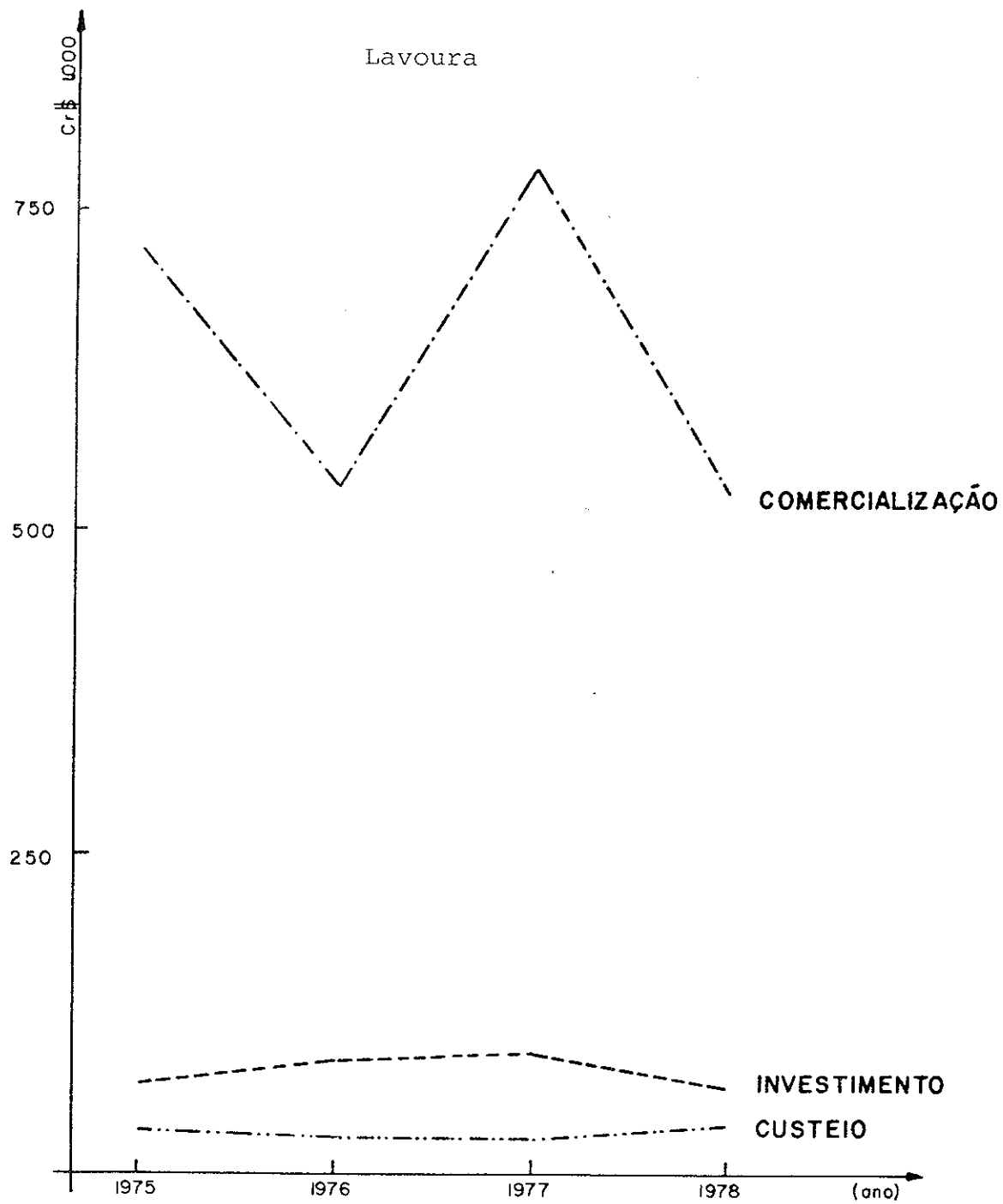
Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC

Valor Médio dos Contratos- Santa Catarina, 1975-79



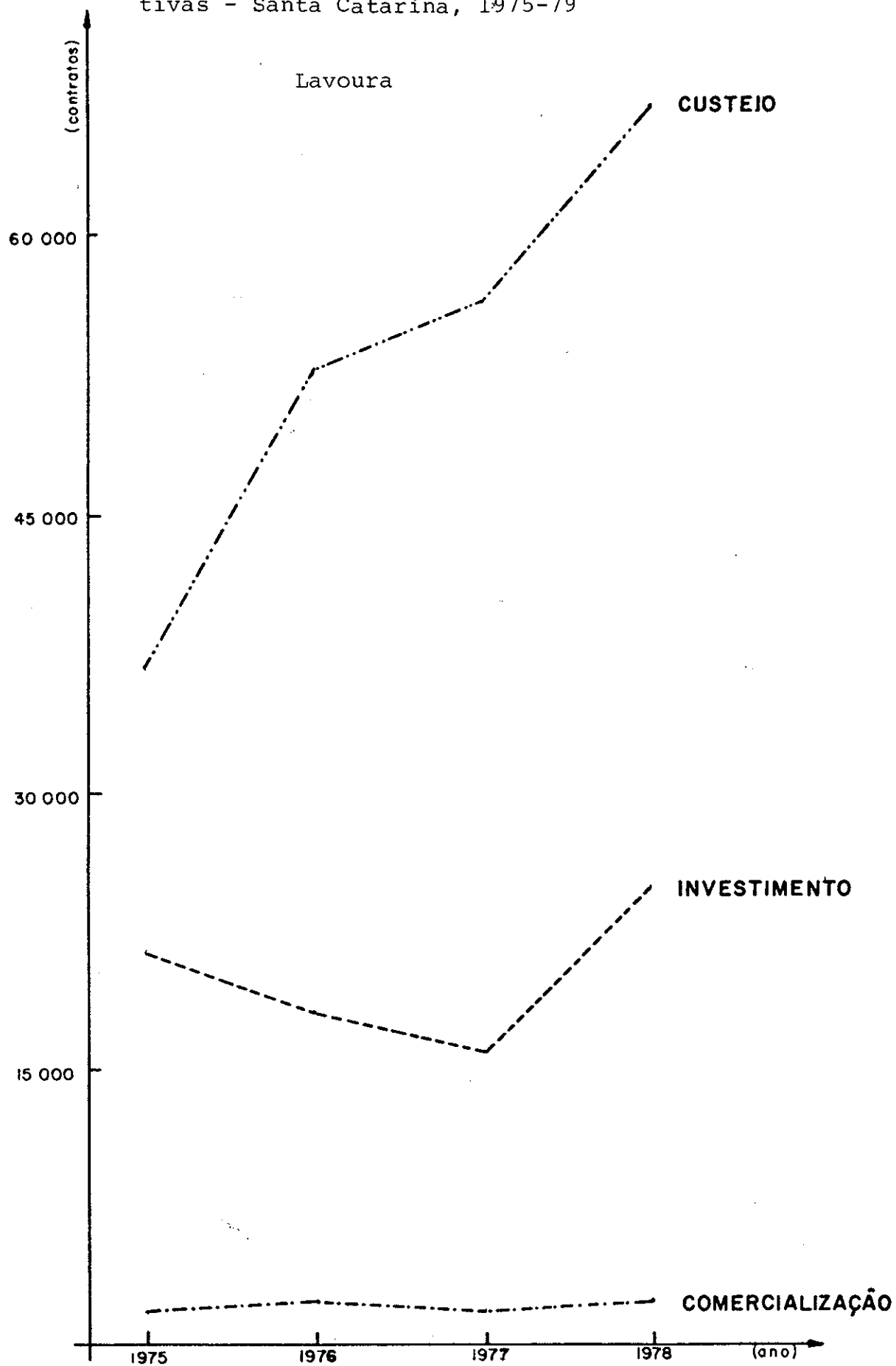
Fonte: dados brutos: BB. BESC, BRDE e BADESC
dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC

Valor Médio dos Contratos - Santa Catarina, 1975-78
(A preços de 1978)



Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC

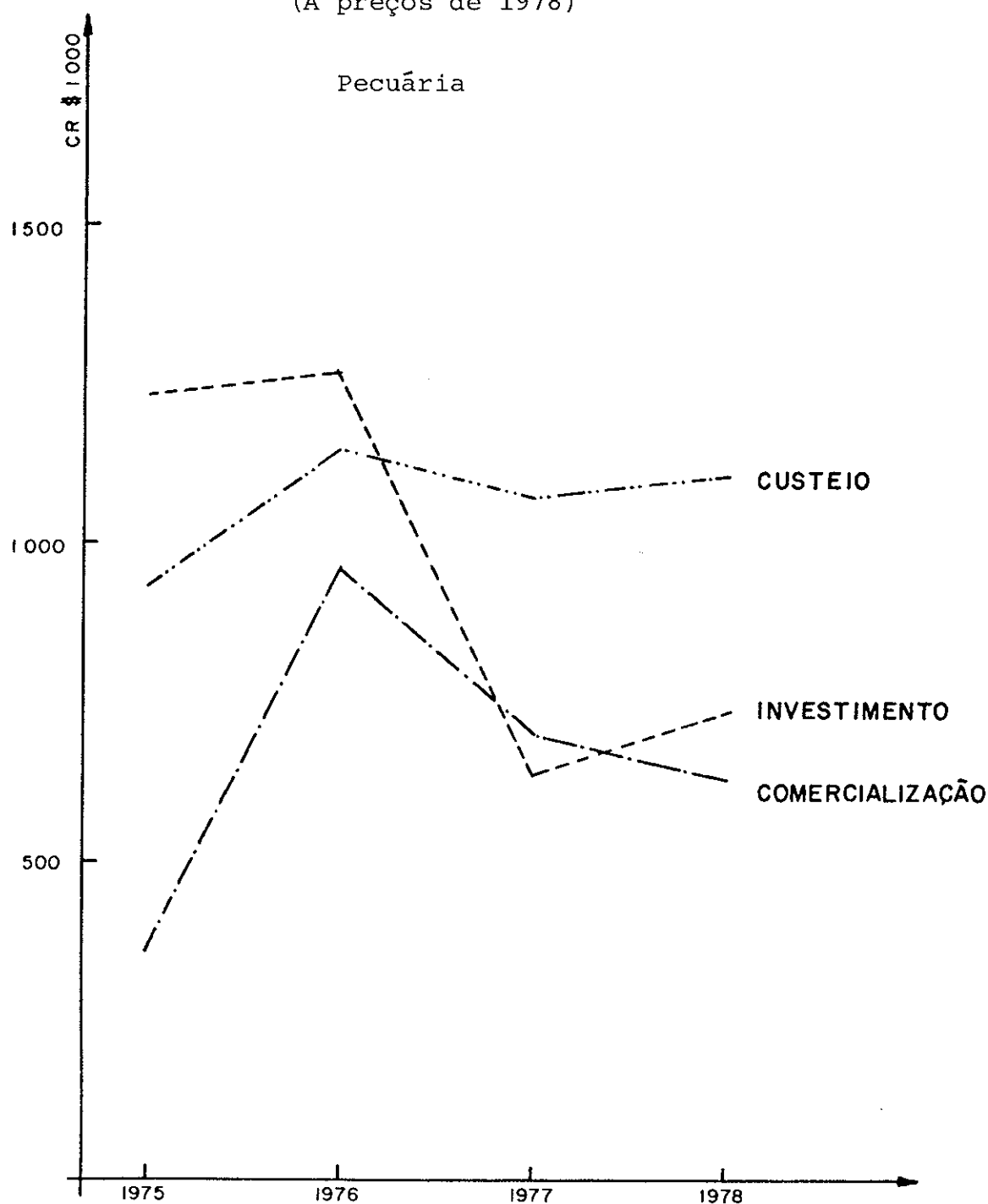
Número de Contratos Concedidos à Produtores e Cooperativas - Santa Catarina, 1975-79



Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC

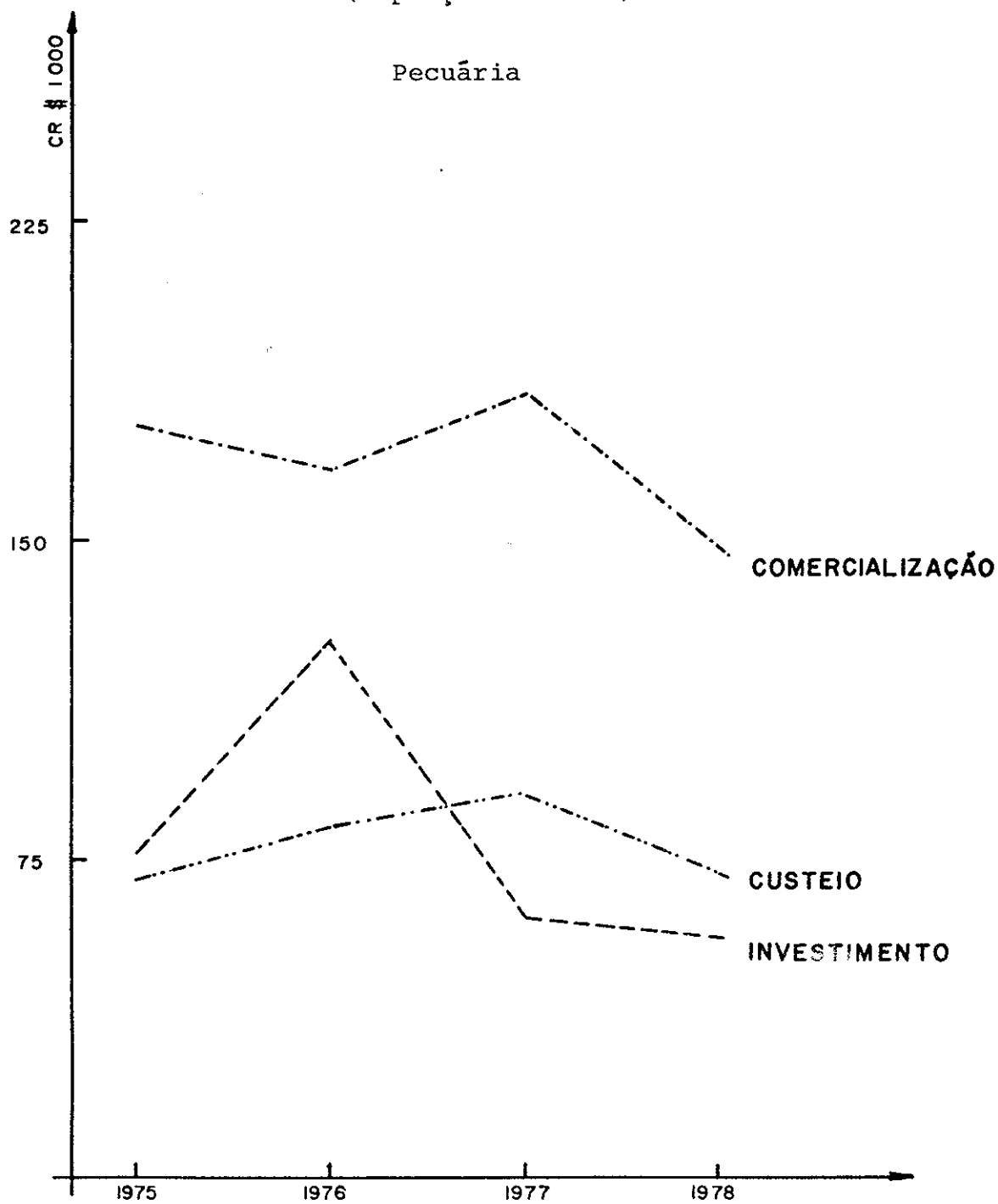
Valor dos Financiamentos Concedidos à Produtores e Cooperativas - Santa Catarina, 1975-79

(A preços de 1978)



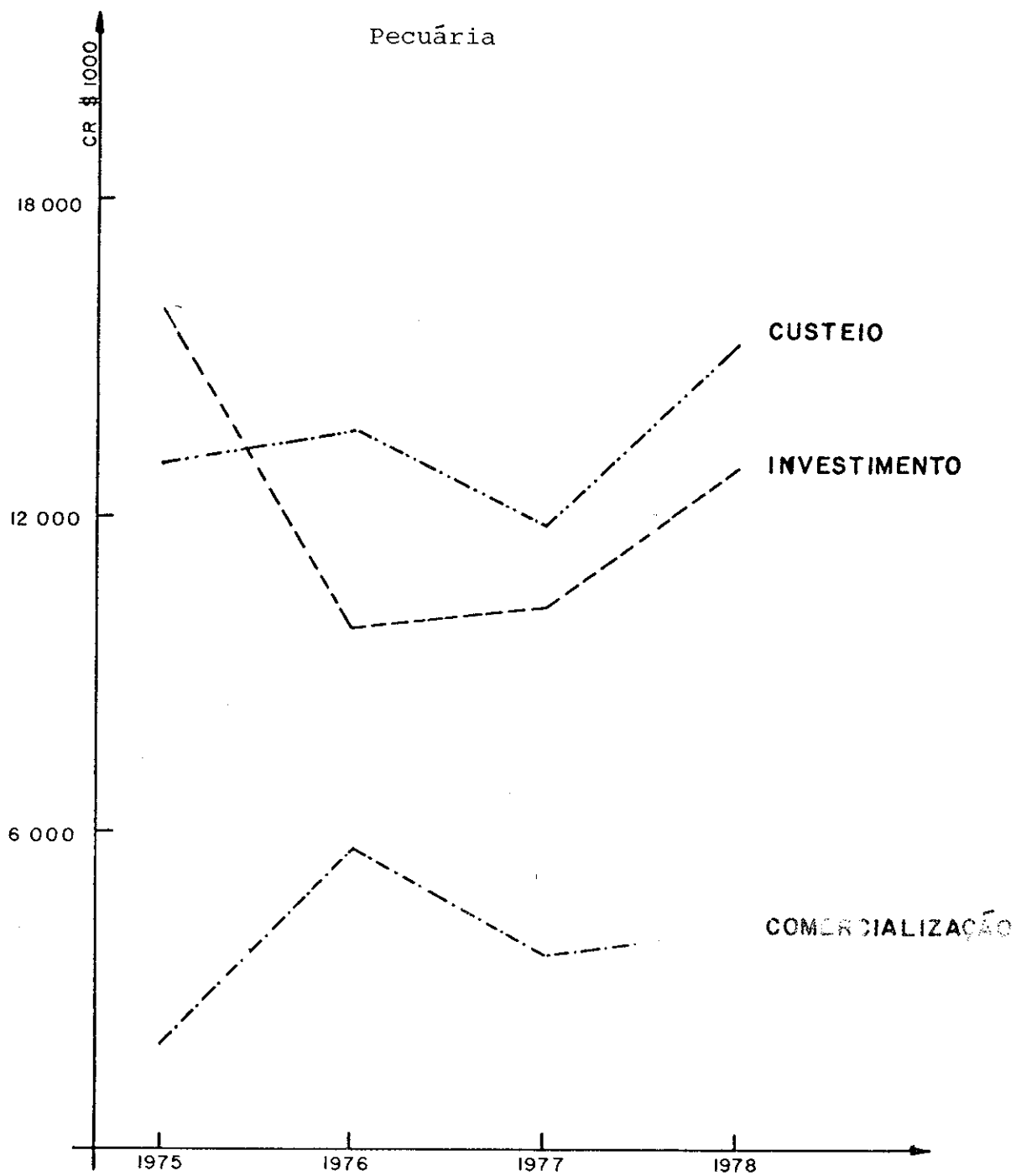
Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados trabalhados: SAA-MA/CEPA-SC

Valor Médio dos Contratos- Santa Catarina, 1975-79
(A preços de 1978)



Fonte: dados Brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC

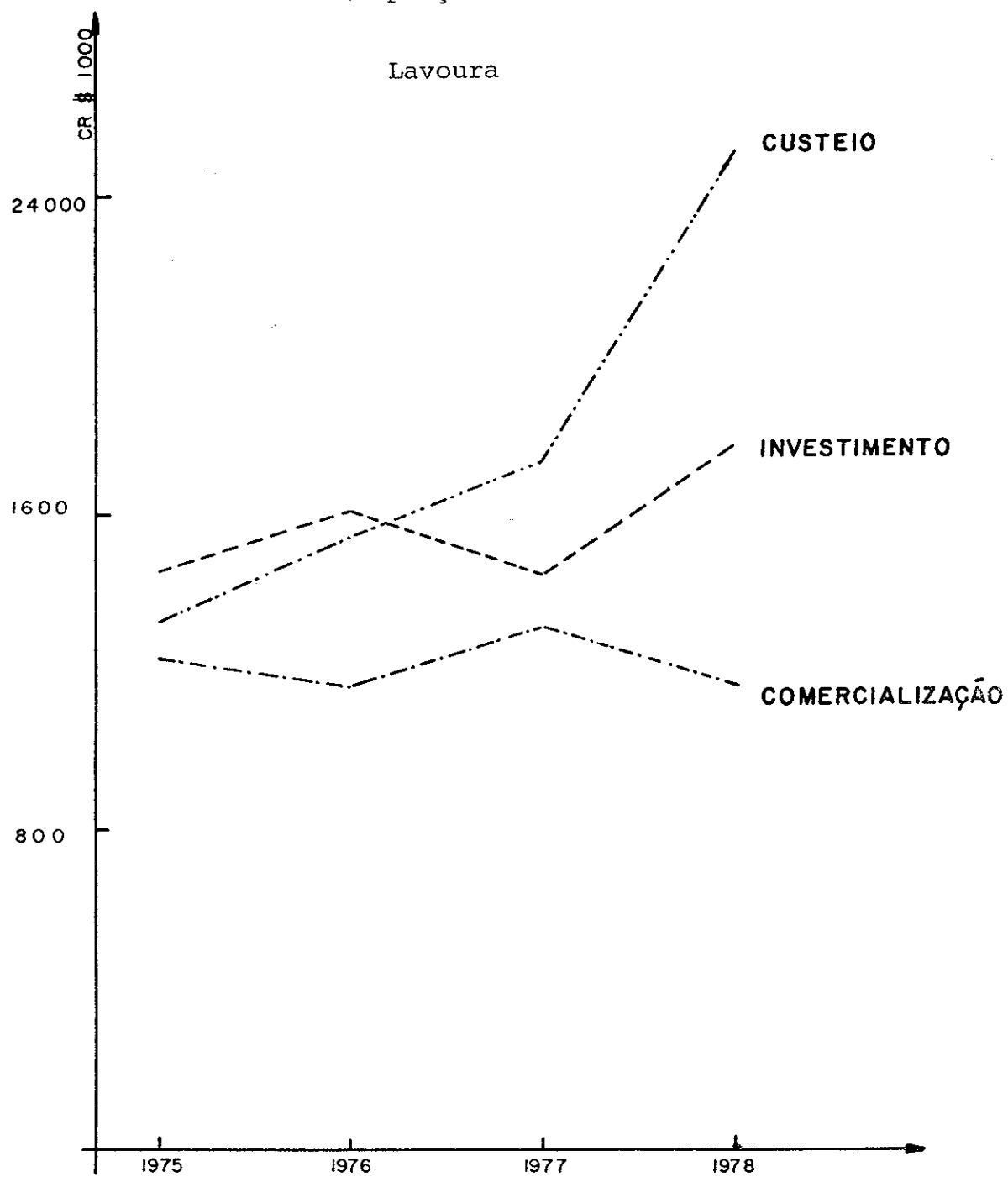
Número de Contratos Concedidos à Produtores e Cooperativas - Santa Catarina, 1975-79



Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC

Valor dos Financiamentos Concedidos à Produtores e Cooperativas - Santa Catarina, 1975-79

(A preços de 1978)



Fonte: dados brutos: BB, BESC, BRDE e BADESC
dados elaborados: SAA-MA/CEPA-SC

Cultura	Fa-se	Mês											
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Alho	P		///	///	///	///	///	///					
	C												
Abacaxi	P	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
	C												
Amendoim 1ª safra	P							///	///	///	///	///	///
	C												
Amendoim 2ª safra	P	///	///										///
	C												
Arroz irrigado	P	///	///						///	///	///	///	///
	C												
Arroz sequeiro	P	///	///						///	///	///	///	///
	C												
Aveia	P			///	///	///	///	///					
	C												
Batata 1ª safra	P								///	///	///	///	///
	C												
Batata 2ª safra	P	///	///	///	///	///	///						
	C												
Cana-de-açúcar	P	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
	C												
Cebola	P				///	///	///	///	///	///	///	///	///
	C												
Centeio	P	///	///	///	///	///	///						
	C												
Cevada	P					///	///	///					
	C												
Feijão 1ª safra	P								///	///	///	///	///
	C												
Feijão 2ª safra	P	///	///	///									
	C												
Fumo	P							///	///	///	///	///	///
	C												
Mandioca	P								///	///	///	///	///
	C												
Milho	P							///	///	///	///	///	///
	C												
Soja	P								///	///	///	///	///
	C												
Sorgo Granífero	P	///	///	///	///	///	///		///	///	///	///	///
	C												
Tomate	P	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///	///
	C												
Trigo	P				///	///	///	///					
	C												

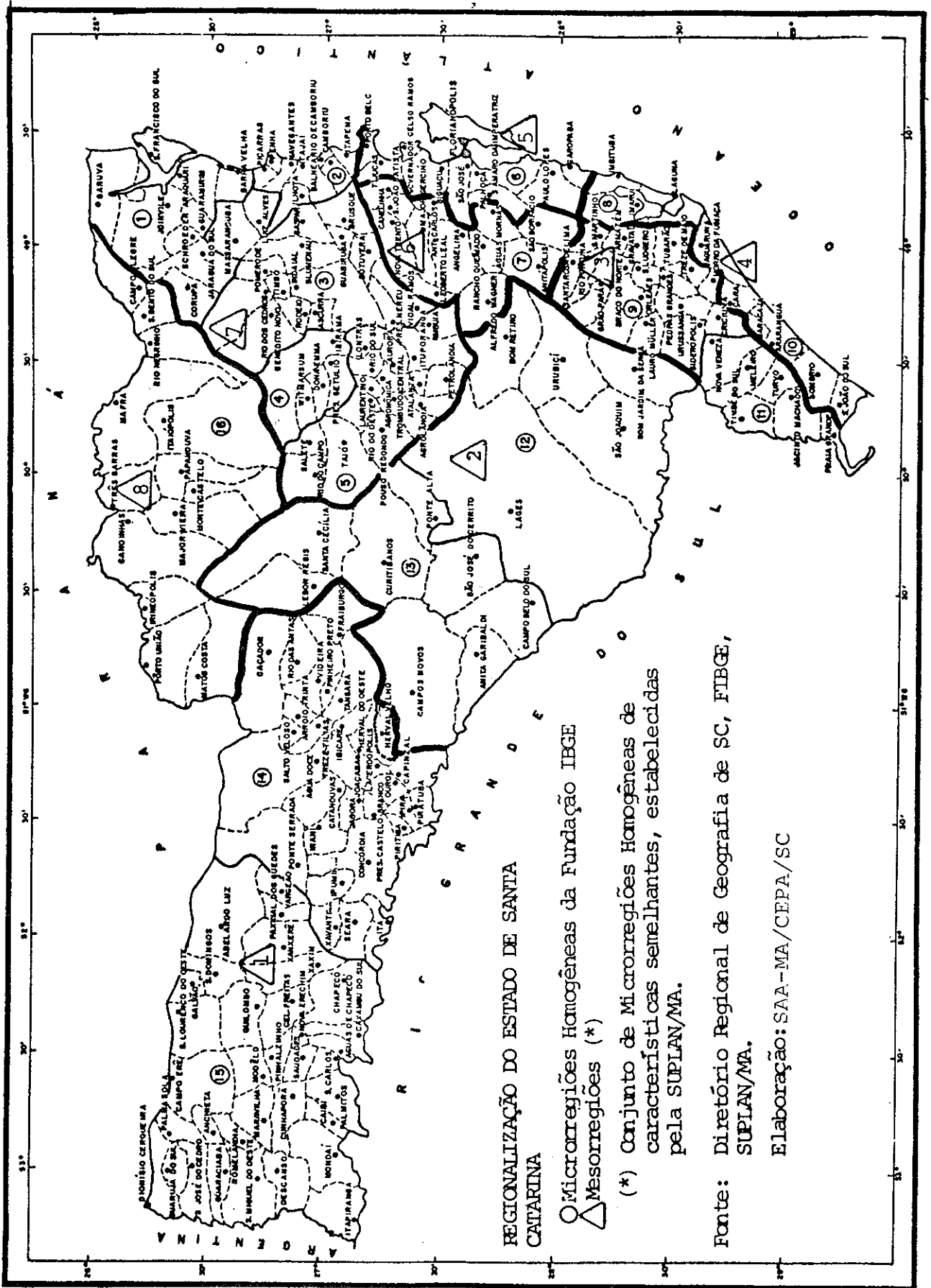
LEGENDA



- Plantio



- Colheita



REGIONALIZAÇÃO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

○ Microrregiões Homôneas da Fundação IBGE
 △ Mesorregiões (*)

(*) Conjunto de Microrregiões Homôneas de características semelhantes, estabelecidas pela SUPLAN/MA.

Fonte: Diretório Regional de Geografia de SC, FIBGE, SUPLAN/MA.

Elaboração: SAA-MA/CEPA/SC

COMPOSIÇÃO MICRORREGIONAL DAS MESORREGIÕES
DE SANTA CATARINA

MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO		DENOMINAÇÃO	GRANDES REGIÕES HISTÓRICAS
1	14	305	Colonial do Rio do Peixe	Meio e Extremo Oeste
	15	306	Colonial do Oeste Catarinense	
2	12	303	Campos de Lages	Planalto
	13	304	Campos de Curitibanos	
3	9	300	Carbonífera	Litoral
	11	302	Colonial Sul Catarinense	
4	8	299	Litoral de Laguna	Litoral
	10	301	Litoral Sul Catarinense	
5	6	297	Florianópolis	Litoral
6	7	298	Colonial Serrano Catarinense	Litoral
7	1	292	Colonial de Joinville	Litoral
	2	293	Litoral de Itajaí	
	3	294	Colonial de Blumenau	
	4	295	Colonial de Itajaí Norte	
	5	296	Colonial do Alto Itajaí	
8	16	307	Planalto de Canoinhas	Planalto

COMPOSIÇÃO MUNICIPAL E MICRORREGIONAL DAS MESORREGIÕES
DE SANTA CATARINA

MESO-REGIÃO 1

14 (305)-COLONIAL DO RIO DO PEIXE

1. Água Doce
2. Arroio Trinta
3. Caçador
4. Capinzal
5. Catanduvas
6. Concórdia
7. Erval Velho
8. Fraiburgo
9. Herval D'Oeste
10. Ibicaré
11. Ipira
12. Ipumirim
13. Iraní
14. Itá
15. Jaborá
16. Joaçaba
17. Lacerdópolis
18. Ouro
19. Peritiba
20. Pinheiro Preto
21. Piratuba
22. Ponte Serrada
23. Presidente Castelo Branco
24. Rio das Antas
25. Salto Veloso
26. Seara
27. Tangará
28. Treze Tílias
29. Videira
30. Xavantina

15 (306)-COLONIAL DO OESTE

CATARINENSE

1. Abelardo Luz
2. Águas de Chapecó
3. Anchieta
4. Caibi
5. Campo Erê
6. Caxambú do Sul
7. Chapecó
8. Coronel Freitas
9. Cunha Porã
10. Descanso
11. Dionísio Cerqueira
12. Fachinal dos Guedes
13. Galvão
14. Guaraciaba
15. Guarujá do Sul
16. Itapiranga
17. Maravilha
18. Modêlo
19. Mondaí
20. Nova Erechim
21. Palma Sola
22. Palmitos
23. Pinhalzinho
24. Quilombo
25. Romelândia
26. São Carlos
27. São Domingos
28. São José do Cedro
29. São Lourenço D'Oeste
30. São Miguel D'Oeste
31. Saudades
32. Vargeão
33. Xanxerê
34. Xaxim

MESO-REGIÃO 212 (303)-CAMPOS DE LAGES

1. Bom Jardim da Serra
2. Bom Retiro
3. Lages
4. São Joaquim
5. Urubici

13 (304)-CAMPOS DE CURITIBANOS

1. Anita Garibaldi
2. Campo Belo do Sul
3. Campos Novos
4. Curitibanos
5. Lebon Regis
6. Ponte Alta
7. Santa Cecília
8. São José do Cerrito

MESO-REGIÃO 39 (300)-CARBONÍFERA

1. Armazem
2. Braço do Norte
3. Criciúma
4. Grão Pará
5. Gravatal
6. Lauro Muller
7. Morro da Fumaça
8. Orleães
9. Pedras Grandes
10. Rio Fortuna
11. Santa Rosa de Lima
12. São Ludgero
13. São Martinho
14. Siderópolis
15. Treze de Maio
16. Tubarão
17. Urussanga

11 (302)-COLONIAL DO SUL CATARINENSE

1. Jacinto Machado
2. Meleiro
3. Nova Veneza
4. Praia Grande
5. Timbê do Sul
6. Turvo

MESO-REGIÃO 48 (299)-LITORAL DA LAGUNA

1. Imaruí
2. Imbituba
3. Laguna

10 (301)-LITORAL SUL CATARINENSE

1. Araranguá
2. Içara
3. Jaguaruna
4. Maracajá
5. São João do Sul
6. Sombrio

MESO-REGIÃO 56 (297)-FLORIANÓPOLIS

1. Biguaçu
2. Florianópolis
3. Garopaba
4. Governador Celso Ramos
5. Palhoça
6. Paulo Lopes
7. Porto Belo
8. Santo Amaro da Imperatriz
9. São José
10. Tijucas

MESO-REGIÃO 67 (298) -COLONIAL SERRANA CATARINENSE

1. Águas Mornas
2. Alfredo Wagner
3. Angelina
4. Anitápolis
5. Antonio Carlos
6. Canelinha
7. Leoberto Leal
8. Major Gercino
9. Nova Trento
10. Rancho Queimado
11. São Bonifácio
12. São João Batista

MESO-REGIÃO 71 (292) -COLONIAL DE JOINVILLE

1. Araquari
2. Barra Velha
3. Corupá
4. Garuva
5. Guaramirim
6. Jaraguá do Sul
7. Joinville
8. São Francisco do Sul
9. Schroeder

2 (293) -LITORAL DE ITAJAÍ

1. Balneário de Camboriú
2. Camboriú
3. Ilhota
4. Itajaí
5. Itapema
6. Navegantes
7. Penha
8. Piçarras

3 (294) -COLONIAL DE BLUMENAU

1. Ascurra
2. Benedito Novo
3. Blumenau
4. Botuverá
5. Brusque
6. Gaspar
7. Guabiruba
8. Indaial
9. Luiz Alves
10. Massaranduba
11. Pomerode
12. Presidente Nereu
13. Rio dos Cedros
14. Rodeio
15. Timbó
16. Vidal Ramos

4 (295) -COLONIAL DE ITAJAÍ NORTE

1. Dona Emma
2. Ibirama
3. Presidente Getúlio
4. Witmarsum

5 (296) -COLONIAL DO ALTO ITAJAÍ

1. Agrolândia
2. Agronômica
3. Atalanta
4. Aurora
5. Inbuia
6. Ituporanga
7. Laurentino
8. Lontras
9. Petrolândia
10. Pouso Redondo
11. Rio do Campo
12. Rio do Oeste
13. Rio do Sul
14. Salete
15. Taió
16. Trombudo Central

16 (307) - PLANALTO DE CANOINHAS

1. Campo Alegre
2. Canoinhas
3. Irineópolis
4. Itaiópolis
5. Mafra
6. Major Vieira
7. Matos Costa
8. Monte Castelo
9. Papanduva
10. Porto União
11. Rio Negrinho
12. São Bento do Sul
13. Três Barras